

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
FACULDADE SERRA DA MESA
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO -
MINTER**

HELLEN DA COSTA GONÇALVES

**AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS QUE JOVENS DE BARRO
ALTO-GO PRODUZEM SOBRE A MÚSICA RELIGIOSA**

URUAÇU-GO
2019

HELLEN DA COSTA GONÇALVES

**AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS QUE JOVENS DE BARRO
ALTO-GO PRODUZEM SOBRE A MÚSICA RELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência da Religião Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Minter Uruaçu, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Edmilson Marques.

URUAÇU-GO

2019

G635r Gonçalves, Hellen da Costa
As representações cotidianas que jovens de Barro Alto-GO
produzem sobre a música religiosa / Hellen da Costa
Gonçalves.-- 2019.

108 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores
e Humanidades, Goiânia, 2019

Inclui referências: f. 102-105

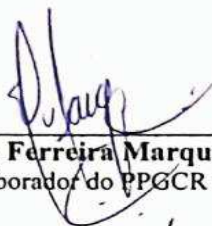
1. Música sacra. 2. Representações sociais. 3. Jovens
católicos - Barro Alto (GO). I.Marques, Edmilson.
II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III.Faculdade
Serra da Mesa - Programa de Pós-Graduação em Ciências
da Religião - 30/04/2019. IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 272-535(043)


**AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS QUE JOVENS DE BARRO ALTO-GO
PRODUZEM SOBRE A MÚSICA RELIGIOSA**

Dissertação de Mestrado Interinstitucional em Ciências da Religião - Minter - da Pontifícia Universidade Católica de Goiás / Faculdade Serra da Mesa, aprovada em 30 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edmilson Ferreira Marques / PUC Goiás (Presidente)
Docente Colaborador do PPGCR da PUC Goiás / UEG



Prof. Dr. Erisvaldo Pereira de Souza / UEG



Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás

Prof. Dr. Edson Arantes Junior / PUC Goiás (Suplente)
Docente Colaborador do PPGCR da PUC Goiás / UEG

Prof. Dr. Mateus Vieira Orio / UEG (Suplente)

AGRADECIMENTO

Com o apoio de várias pessoas conseguimos chegar ao bom porto. Agradeço a minha família e amigos pelo apoio e incentivos. Agradeço às minhas filhas e meu esposo por estarem comigo em todos os momentos da minha vida. Agradeço imensamente ao meu orientador Dr. Edmilson Marques por toda paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou. Muito obrigada por nunca em nenhum momento me desmotivar e sempre me orientar com competência e humildade. Gratidão a Deus por ter concluído essa dissertação com fé e perseverança.

RESUMO

A análise que se propõe, a partir da pesquisa realizada para construção deste estudo, consiste em descobrir as representações cotidianas que jovens da cidade de Barro Alto produzem sobre a música religiosa. Percebe-se que a música exerce uma influência na educação dos indivíduos. O estudo da representação que jovens fazem da música se torna essencial para compreender a influência que a igreja exerce sobre os indivíduos através da música. A representação cotidiana refere-se à maneira do indivíduo pensar e interpretar o cotidiano, construir-se em um conjunto de imagens dotados de um sistema de referência que permite ao indivíduo interpretar sua vida e a ela dar sentido. As representações cotidianas sobre saberes populares têm por finalidade interpretar o real, levando os indivíduos a produzirem comportamentos e interações com o meio, ações que, sem dúvida modificam. É na vida real, nas relações sociais concretas, que se formam as representações dos indivíduos. É na vida cotidiana, no modo de vida, que se constitui a sua consciência, suas ideias, suas representações. A relação entre música e religião é uma realidade presente em expressões culturais dos distintos contextos do mundo.

Palavras-chave: Representações cotidianas, jovens, música religiosa.

ABSTRACT

The analysis proposed, based on the research carried out for construction since the beginning of the study, consists of discovering the daily representations that young people of the city of Barro Alto produce about religious music. It is perceived that music exerts an influence on the education of individuals. The study of young people's representation of music becomes essential in understanding the influence the church exerts on individuals through music. The daily representation refers to the individual's way of thinking and interpreting the daily life, to be constructed in a set of images endowed with a system of reference that allows the individual to interpret his life and give it meaning. The daily representations about popular knowledge have the purpose of interpreting the real, leading individuals to produce behaviors and interactions with the environment, actions that undoubtedly change. It is in real life, in concrete social relations, that the representations of individuals are formed. It is in everyday life, in the way of life, that your consciousness, your ideas, your representations are constituted. The relationship between music and religion is a reality present in cultural expressions of the different contexts of the world.

Keyword: Daily representations, youth, religious music,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - JUVENTUDE, MÚSICA RELIGIOSA E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS	13
1.1. Sociologia da juventude.....	13
1.2. A Esfera musical.....	29
1.3. A Esfera musical religiosa.....	36
1.4. Teoria das Representações Cotidianas.....	45
CAPÍTULO II - REPRESENTAÇÃO COTIDIANA DE JOVENS SOBRE A MÚSICA RELIGIOSA NA CIDADE DE BARRO ALTO	53
2.1. Sobre a Cidade de Barro Alto.....	53
2.2. A Igreja Católica e a Música em Barro Alto.....	57
2.3. As Representações de Jovens Sobre a Música Religiosa.....	60
2.4. As Representações Cotidianas da jovem Juliana sobre a Música Religiosa.....	63
2.5. As Representações Cotidianas da jovem Maria sobre a Música Religiosa.....	67
2.6. As Representações Cotidianas da jovem Isabel sobre a Música Religiosa.....	70
2.7. As Representações Cotidianas da jovem Luana sobre a Música Religiosa.....	72
2.8. As Representações Cotidianas do jovem Alam sobre a Música Religiosa.....	74
2.9. A Respeito das Entrevistas Realizadas.....	76
CAPÍTULO III - PARA UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS QUE JOVENS PRODUZEM DA MÚSICA RELIGIOSA	80
3.1. Análise Global das Representações Cotidianas.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXOS	106

Introdução

Esta dissertação tem como proposta realizar um estudo sobre as representações cotidianas que os jovens da cidade de Barro Alto, no interior de Goiás, produzem sobre a música religiosa. Ao analisar a história das religiões observamos o uso constante das músicas por diversas tendências religiosas. Isso nos leva a pensar se a música que as instituições religiosas utilizam exerce alguma influência na formação dos indivíduos, no sentido de desenvolver uma consciência pautada nos princípios religiosos. O estudo da representação que jovens produzem sobre a música se torna essencial para compreender se ocorre essa influência e como isso é construído pelos indivíduos.

A motivação que me leva a pesquisar esta temática é através da minha própria experiência de vida com a música religiosa. Participo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia situada em Barro Alto, interior do estado de Goiás, e tenho observado que muitos jovens vão à igreja por outros motivos que não estão ligados diretamente aos princípios religiosos. Contudo, refletindo sobre a relação da juventude com a igreja, é perceptível que são bastante atraídos pelas músicas o que me causou uma inquietação em descobrir como os jovens compreendem a música religiosa, e se esta exerce alguma influência em sua vida cotidiana.

Considerando as diversas abordagens existentes sobre as representações, a exemplo de Moscovici (2012a, 2012b), evidencia-se que é na vida real, nas relações sociais concretas, que se formam as representações dos indivíduos. É na vida cotidiana, no modo de vida, que se constitui a sua consciência, suas ideias, suas representações. Para Marx (2007), especificamente, as representações que os indivíduos elaboram são representações a respeito de sua relação com a natureza, ou sobre suas mútuas relações, ou ainda a respeito de sua própria natureza.

Partindo desta perspectiva, observa-se que a música religiosa, por exemplo, integra o cotidiano de alguns jovens, mas ao lado desta música há diversas outras que são produzidas e amplamente divulgadas pelo capital comunicacional¹. Neste contexto, levanta-se a questão se a música religiosa exerce alguma influência nas

¹ Para Viana (2007, p. 14), capital comunicacional é aquele voltado para o investimento capitalista nas empresas de comunicação, cada vez mais oligopolistas.

relações sociais estabelecidas, uma vez que o maior contato com as mesmas ocorre dentro das igrejas por intermédio dos cultos realizados.

Como instrumento de análise de nosso objeto de pesquisa partiremos da perspectiva da teoria das representações cotidianas. Esta também será o nosso referencial teórico-metodológico. A delimitação desta pesquisa se deu em decorrência do que o nosso objeto nos exigiu, ou seja, o foco nas representações que os indivíduos produzem em seu cotidiano, daí a escolha da teoria das representações cotidianas.

A teoria das representações cotidianas ainda é incipiente devido à construção muito recente desse conceito. Foi elaborado inicialmente pelo sociólogo Nildo Viana (2015), que através de uma abordagem dialética busca apresentar uma explicação desse fenômeno. Na percepção deste sociólogo, a representação cotidiana refere-se à maneira do indivíduo pensar e interpretar o cotidiano, e constitui-se em um conjunto de imagens dotadas de um sistema de referência que o permite interpretar a vida e a ela dar sentido. Em sua concepção, as representações cotidianas têm por finalidade interpretar o real, levando os indivíduos a produzir comportamentos e interações com o meio onde vivem. Considerando que a relação entre música e religião é uma realidade presente em expressões culturais dos distintos contextos do mundo, logo, podemos considerar hipoteticamente que elas exercem influência nas relações cotidianas.

Em decorrência desta hipótese é que vemos a necessidade de fazer um estudo específico sobre as representações que são produzidas por jovens sobre a música religiosa, o que nos permitirá perceber se esta exerce algum tipo de influência e também qual a representação que é produzida pela juventude sobre esta música.

Em diversas áreas das ciências humanas há especialistas trabalhando com temas ligados à juventude que estão relacionados com vários aspectos, desde o religioso, psicológico, comportamental, entre outros. Na área da música é comum encontrar os termos jovem e música relacionados, e a música é normalmente utilizada como uma ferramenta de socialização.

É notável que o jovem mantém um contato constante e íntimo com a música na atualidade, portanto, é possível perceber que sofre influência do que ouve, que em muitos casos desperta determinados tipos de sentimentos, como potencializar a raiva, a tranquilidade, a lembrança, o desejo etc. A música é uma fonte de evangelização e aparentemente tem um grande poder de influência na vida dos indivíduos. Através

dela, o indivíduo pode ser constrangido a mudar suas opiniões, sua atitude, e mudar até o seu jeito de se vestir e alterar seus estados psicológicos.

A música se torna, assim, um veículo que atinge os sentimentos, desperta reflexões, em síntese é uma ferramenta capaz de nos fazer pensar e repensar a vida. Através da música podemos tocar na vida das pessoas. As mudanças ocorridas na vida do jovem fazem com que ele desenvolva e crie cada vez mais sua identidade e personalidade, e a música é um grande aliado no ato de ensinar.

A proposta de analisar as representações que jovens produzem sobre a música religiosa será pautada no estudo das representações cotidianas produzidas por cinco jovens participantes da igreja católica da Paróquia Nossa Senhora da Abadia, situada no município de Barro Alto, no estado de Goiás.

Para o trabalho com as representações cotidianas destes jovens, propomos realizar entrevistas, através das quais acessamos as representações produzidas por eles sobre a música religiosa. Com as entrevistas transcritas conseguiremos ter em mãos o material sobre o qual nos debruçamos em nosso estudo.

A entrevista foi realizada com cinco jovens com idade entre 16 a 20 anos, participantes da igreja católica da cidade aludida acima. O foco das nossas entrevistas será a representação que produzem sobre a música religiosa católica, que nos possibilitará posteriormente, submete-las à análise.

O processo de realização das entrevistas foi fundamentado na técnica da entrevista interpretativa. A entrevista interpretativa é a técnica adequada à teoria das representações cotidianas. Ela tem como base o questionário interpretativo de Fromm e Macoby (1972) e tem como objetivo discutir o caráter social de determinados indivíduos a partir do método dialético. Essa técnica de pesquisa com entrevistas proporciona um rigor na análise a partir do uso de conceitos como mentalidade, valores fundamentais, sentimentos e concepções, questões que pretendemos abordar de forma mais detalhada em um tópico de um capítulo específico da dissertação, quando analisar a técnica de pesquisa em representações cotidianas.

Portanto, o problema central de nosso trabalho visa descobrir *as representações cotidianas que jovens da cidade de Barro Alto-Go produzem sobre a música religiosa da igreja católica*. Através da técnica da entrevista interpretativa teremos condições de verificar seus sentimentos, valores, concepções etc. que são formados sobre estas músicas.

Para a sistematização desta pesquisa, estruturamos a dissertação da seguinte forma: no primeiro capítulo discutiremos a sociologia da juventude. O objetivo inicial é entender o conceito de juventude. Esse conceito é importante nesta pesquisa por se referir ao nosso objeto de estudo, qual seja, jovens da cidade de Barro Alto. Por isso é importante entender as múltiplas determinações que envolve o jovem na sociedade, para que tenhamos elementos para pensar suas representações dentro de uma totalidade. No segundo momento, ainda no primeiro capítulo, abordaremos a música religiosa e por fim discutiremos a teoria das representações cotidianas, que corresponde ao referencial que utilizamos neste trabalho.

No segundo capítulo iniciaremos com uma discussão contextual sobre a cidade onde os jovens residem, assim como uma breve história da igreja e do contato dos jovens com esta instituição. Logo após apresentaremos as representações cotidianas que produziram sobre a música religiosa. Assim o foco será mais descritivo, pois apresentaremos os dados que conseguimos recolher com as entrevistas.

No terceiro capítulo faremos uma análise das representações cotidianas dos jovens que foram apresentadas no segundo capítulo. Aqui retomaremos os pressupostos teórico-metodológicos da teoria das representações cotidianas, assim com o conceito de juventude e os elementos teóricos sobre a música religiosa, através dos quais verificaremos como se apresentam as representações que os jovens produzem sobre as músicas religiosas.

CAPÍTULO I

JUVENTUDE, MÚSICA RELIGIOSA E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS

Nesse capítulo discutiremos inicialmente a sociologia da juventude. O objetivo do primeiro tópico é entender o conceito de juventude. No segundo momento, abordaremos o que se entende por música religiosa e por fim discutiremos a teoria das representações cotidianas, que será o nosso referencial teórico - metodológico.

As representações cotidianas têm por finalidade interpretar o real, levando os indivíduos a produzirem comportamentos e interação com o meio onde vive. Portanto, na última parte deste capítulo iremos apresentar a teoria das representações cotidianas, que geralmente a maioria dos pesquisadores conhece por “representações sociais” ou “representações coletivas”, termos utilizados respectivamente pelo psicanalista Moscovici e o sociólogo Durkheim.

1.1 Sociologia da juventude

Há, atualmente, uma concepção predominante de que a juventude corresponde a uma fase que normalmente se desenvolve da infância até a fase adulta. Obviamente que esta forma de conceber a juventude gera uma complexidade em definir as fases pelas quais perpassa a vida humana, uma vez que acabamos submetendo um aspecto da realidade a determinados conceitos. A priori, no entanto, podemos observar que o termo juventude desenvolve e cristaliza determinada identidade, acompanhada por sua vez de um momento de dispêndio intenso de energia, sendo caracterizada, portanto, como um momento fundamental no qual o indivíduo se prepara para enfrentar o mundo que está à sua volta.

O pressuposto de que se parte aqui é que a juventude é constituída socialmente. Isso quer dizer que não se trata de um elemento biológico. Sendo assim, a juventude pode ser observada como o tempo da vida quando o indivíduo inicia o processo de constituição de sua identidade, de suas formas de agir, de comportar, criando expectativas e sonhos que começam a moldar sua vida futura. Nas sociedades simples não existia nenhum grupo social etário denominado “juventude” (ou

“adolescência”, ou qualquer outro termo), bem como nas sociedades pré-capitalistas. No mundo feudal, por exemplo, a palavra juventude era usada para designar as pessoas com mais de 50 anos.

Para Novaes (2006, p. 119) “a juventude pode ser definida como a etapa de vida que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação esperada na vida adulta”. Contudo, essa etapa da vida é marcada de mudanças fisiológicas, psicológicas e sociais. Isso é notável na própria mudança corporal do indivíduo, o que é mais visível. Mas, no caso psicológico, há também mudanças significativas, pois é quando começa a exigir mais autonomia, a não estar mais sob a guarda dos familiares e querer viver conforme sua própria decisão. Isso tudo vai influenciar na relação que estabelece socialmente, seja no interior da família, pois de um lado pode-se iniciar um processo mais conflitivo, mas pode também ser integrado como agente mantenedor desta, através do trabalho remunerado. O processo de integração social tende a se intensificar e sua presença fora da família começa a ser mais sentida e notada. Essas mudanças geralmente levam os psicólogos a utilizarem o termo “adolescência”, quanto os sociólogos e antropólogos sociais fazem uso do conceito de juventude.

Dessa forma, o conceito de juventude pode ser concebido, por um lado, como uma fase da vida humana em que o indivíduo desenvolve diversos aspectos de sua vida que o marcará para o futuro, conseqüentemente, influenciara muitos dos elementos existentes na sociedade. O conceito de juventude nos faz pensar no sujeito como um ser constituído e atravessado por fluxos, multiplicidades e diferenças (AUGUSTIN e GEARA, 2014).

De acordo com Kovalski e Falcão (2014), a juventude são condições sociais parametrizadas por uma faixa etária. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) delimita que o adolescente é o indivíduo entre 12 e 18 anos incompletos. E que a categoria “jovem” costuma ser utilizada para definir a pessoa entre 15 e 29 anos. É a partir destas abordagens e da própria sistematização apresentada pelo ECA que vai se constituindo uma complexidade sobre o que se entende por “juventude”.

A questão é que a juventude não é um período unicamente definido pela idade cronológica, mas é definida também por aspectos sociais e culturais que podem definir os limites dessa etapa, determinando seu início e final. Sendo assim, a juventude só

poderia ser entendida na sua articulação com os processos sociais mais gerais e na sua inserção no conjunto das relações sociais ao longo da história (SILVA e LOPES, 2009). Por isso, o termo juventude aparece de maneiras distintas em concepções diversas na esfera das produções sociológicas e históricas. O mesmo acontece em outras áreas, a exemplo da psicologia, entre outras, que tem se dedicado ao estudo da juventude e do adolescente, no sentido de buscar compreender os problemas sociais que os envolve.

Diante do que foi colocado anteriormente na concepção de Silva e Lopes (2009), ressaltamos a importância de se delimitar as diferenças existentes entre adolescência e juventude. A importância desta distinção é concebida porque ambas são frequentemente confundidas e utilizadas equivocadamente como sinônimos. A noção de adolescência vai se desenvolvendo com mais intensidade a partir da década de 1960, contexto em que vai se constituindo a ideologia do nacionalismo desenvolvimentista, que na perspectiva de Jaguaribe (1962), se refere “a promoção do desenvolvimento econômico e a consolidação da nacionalidade”. Por um lado, portanto, o termo adolescência parece estar vinculado a uma perspectiva política nacional, e por outro às teorias psicológicas, que consideram o indivíduo como ser psíquico, pautado pela realidade que constrói e por sua experiência subjetiva.

A noção de juventude, que compreende o período da adolescência, parece ser um produto das sociedades modernas. A adolescência sendo retratada em vários estudos vai aos poucos sendo caracterizada como um período rico e complexo, principalmente quando é relacionada com questões de ordem biológica, aqui se referindo especificamente às variações hormonais da puberdade, conseqüentemente, atingindo e promovendo mudanças sociais, por estarem relacionado ao momento histórico e cultural. Como observou Dayrell (2003, p. 02) “na verdade, não é fácil construir uma definição da categoria de juventude, principalmente porque os critérios que a constituem são “históricos e culturais”.

Foi Erickson (1976) que institucionalizou a adolescência. Erickson relaciona a adolescência com o conceito de moratória e a caracteriza como uma fase especial no processo do desenvolvimento, na qual as dificuldades e a confusão de papéis para estabelecer uma identidade própria a marcava como “um modo de vida entre a infância e a vida adulta” (ERICKSON, 1976, p. 128).

A partir desta concepção é possível notar que o homem é dotado de uma natureza, dada a ele pela espécie, e conforme vai crescendo se desenvolve e se relaciona com o meio onde vive, atualizando características que já estão lá, porque são de sua natureza. A adolescência, concomitantemente, está incluída nestas relações na sociedade, e suas características são decorrentes do processo do desenvolvimento biológico, contudo sendo construída por questões presentes em seu entorno. A identidade do indivíduo vai sendo formada através de sua experiência, observação e reflexão, e todos estes fenômenos constituem um processo que também é social (VIANA, 2015, p. 26).

Nesta perspectiva, a sociedade influenciaria a sua história, uma vez que ela vai sendo construída pelos próprios seres humanos que, tendenciosamente, determinam os rumos das relações sociais. Isso quer dizer que a juventude é fruto da interação de reciprocidade dos indivíduos com o seu meio. Portanto, ainda na concepção de Bock (2007) a cultura aparece apenas como molde da expressão de uma adolescência natural, que sofre com a pressão que é exercida pela sociedade atual, a qual impõe a “moratória” ao adolescente pela dificuldade e demanda para ingressar no mundo do trabalho. Para Rousselet (1974), “o fato de serem os valores relacionados com o trabalho os mais ameaçados hoje em dia não encontram apenas explicação no aparecimento de novas necessidades de consumo ou na generalização das inquietações juvenis”.

Esta talvez seja uma das questões mais complexas que envolve o jovem na sociedade moderna, considerando que o mundo do trabalho é a finalidade última de seu processo socializador. O jovem torna-se reconhecido como aquele que não tem experiência, não apresenta ainda uma especialidade, uma habilidade específica que pudesse ser reconhecido socialmente como tal, a exemplo do mecânico, do padeiro, do pescador etc. O jovem é o aprendiz, aquele que precisa passar por um processo de aprendizagem para ser integrado às relações de trabalho. Nesse sentido, o jovem é compreendido como o não profissional, mas que apresenta todas as capacidades físicas e psicológicas para assumir uma determinada responsabilidade na sociedade. Isso talvez explica toda a carga de pressão e controle pelo qual o indivíduo passa logo depois de deixar a infância e entrar na fase de preparação para o trabalho. Até então não estava tão submetido ao controle do tempo, do relógio, das horas determinadas

dentro das quais deve agir, respeitar e viver. Não é um processo simples e torna-se complexo quando pensado em sua totalidade.

Içami Tiba (1985), também outro autor brasileiro de grande repercussão na área da juventude, define a adolescência como uma fase não estabilizada por um tempo de duração, mas sempre tem início na puberdade. Em sua concepção, a adolescência manifesta uma mudança radical do “núcleo do eu”, no contexto em que as estruturas familiares e a própria constituição corporal dos indivíduos, assim como o seu universo psíquico, sofrem mudanças conflitantes. Este é um período em que o adolescente tende a buscar por aquilo que vai sendo construído socialmente, por exemplo, status, que por sua vez vai sendo delimitado por uma certa autonomia, que acaba apontando para efetivação do prazer e da liberdade. Para Bock (2007) a cultura aparece como reflexo dos aspectos corporais e psicológicos, assim como os modos de produção da vida também são vistos como constitutivos da adolescência.

A busca por status talvez seja o modo mais influente na vida de um jovem, por ser um valor social que se localiza no topo da escala valorativa da sociedade. Ocupar um cargo na burocracia partidária, por exemplo, aparece diante do jovem como algo bom, pois lhe proporciona um lugar diferencial e de destaque. O mesmo ocorre com aqueles que ocupam diversos outros cargos na sociedade que é notavelmente respeitada, como ser gerente de um banco, ser delegado, ser polícia, ser médico, advogado, juiz etc. Esse processo, ao mesmo tempo, desqualifica algumas profissões que não lhe favorece o status como ser gari, trabalhador rural, produtor de tijolos etc. Nesse contexto, o jovem torna-se constrangido a procurar por estas profissões, talvez isso explica a grande procura em vestibulares por cursos como direito, medicina e engenharia, ou seja, o motivador é o status que tais profissões favorecem.

Nesse processo, o jovem começa a dar os primeiros passos à sua integração social. Vai aos poucos criando relações que vão distinguindo as suas escolhas, as suas atividades, a sua profissão e começa a ser reconhecido como tal. As relações de produção e o modo de produção instituído torna-se naturalizado, pois o que fica evidente é a profissão em si. O jovem logo é reconhecido como motorista, como vendedor de refrigerantes, como entregador de gás, como instrutor de auto escola, o que acontece quando ocupa um lugar na divisão social do trabalho. Há ainda aqueles que continuam seus estudos e vão sendo reconhecidos como estudante de medicina,

de direito etc. É claro que isso vai, concomitantemente, determinado também a classe social que ocupa. Por exemplo, um indivíduo de uma classe empobrecida provavelmente ocupará um lugar no mundo do trabalho primeiramente do que aquele que é de uma família abastada, uma vez que este continuará sua preparação através dos estudos para reproduzir o status de sua família. Fortalece-se assim o status de algumas profissões, que também se diferencia devido à renda que proporciona, altos salários etc.

Outros estudiosos vão conceber a juventude nesta mesma perspectiva, por exemplo, Levinsky (1995) para o qual a adolescência é uma fase do desenvolvimento evolutivo, em que a criança passa para a vida adulta de acordo com as condições ambientais e da história pessoal. Em sua perspectiva a adolescência pode ser caracterizada pela forma como a sociedade vai desenvolvendo a sua representação.

Já para Melucci (1997) a adolescência pode ser concebida como a fase da vida que o indivíduo começa a perceber o tempo como um elemento definidor de suas interfaces identitárias. Para ele, é nesta idade que se vislumbra o futuro, percebido como algo incerto, porém, com diversas possibilidades, em que prevalece sua orientação. Para Melucci, há fenômenos que estão presentes e provocam mudanças nos ciclos vitais que determinam e promovem cada momento de transformações, sendo esta uma característica estável da vida de cada indivíduo.

Para Peralva (1997) a adolescência deve ser percebida como uma fase de crescimento, caracterizada pelas idades da vida de um indivíduo. Essas fases, no entanto, são hierarquizadas, perpassadas pelas relações entre adultos e jovens, a partir das quais se estabelece para cada um, um lugar no mundo. O jovem, por sua vez, é aquele que apresenta um certo comportamento subversivo, que rompe com estruturas consideradas socialmente como algo padrão. Nesse sentido, a juventude resiste à socialização e torna-se representativa do desvio.

Para o autor citado anteriormente, a juventude é, ao mesmo tempo, a representação de uma condição social. Nesse sentido, passa a adquirir um caráter que é desenvolvido pelas transformações do indivíduo em determinada idade, as quais o constroem a enfrentar mudanças psicológicas que variam de cada sociedade e também em um tempo determinado pela história. Assim, no interior de cada grupo desenvolvem-se representações determinadas e específicas. É com base nessa diversidade de representação que se manifestam as condições sociais e

determinadas pelas classes sociais que o indivíduo integra, pelas culturas existentes e também pelas regiões geográficas.

Ainda nesta mesma perspectiva de conceber o que se entende por juventude, Bajoit e Franssen (1997) apresenta uma reflexão sobre a adolescência. Para eles adolescência é uma fase da vida de um determinado indivíduo que estabelece relações específicas que visam atender e integrar o mercado de trabalho. Todo processo de formação pelo qual o indivíduo é submetido, passa a ser entendido como um momento decisivo na definição da identidade do jovem. Nessa fase é que sua identidade, assim como a sua autonomia, vai se definindo. No período anterior à adolescência o determinante que atuava na formação estava a cargo da família, contudo, agora sai deste campo e sofre a influência de agentes externos. Nesse sentido, a noção de juventude em nossa sociedade carrega esta marca de ambiguidade entre ser criança e ser adulto, na qual vai se constituindo como um espaço diferenciado para as experiências da vida adulta.

Segundo Duarte (1993, p. 157), o indivíduo se desenvolve a partir de sua relação com o mundo social e cultural. Considerando o mundo moderno, o que se observa é que o homem vai se desenvolvendo no interior de uma determinada cultura que reclama ao individual, onde é constrangido a desenvolver atividades totalmente autônomas através das relações sociais.

A partir desta concepção a adolescência não é entendida como uma fase que tem um fim, representada por uma transição entre a infância e a vida adulta, entendendo esta última como a fase da maturidade. Portanto, a adolescência representa para Duarte (1993) o momento importante que dá início à juventude, é uma fase marcada por profundas mudanças do corpo, nas relações de afetividades e referências também que vai se constituindo as referências sociais e individuais para o próprio indivíduo. Entende, por meio, como uma etapa da vida que se vive com mais intensidade, embarcadas por um conjunto de transformações que vão estar presentes de algum modo ao longo da vida.

A juventude é uma das etapas mais bonita e interessante da vida, mesmo com todas as dificuldades que esta fase enfrenta, ela proporciona uma fase marcante na amizade e na construção de relacionamentos duradouros, define sua identidade, posições da aquisição de certos níveis de intelectualidade e maturidade social. Pode se afirmar que a juventude se constitui ao mesmo tempo como um grupo que se

caracteriza por ser universal e particular (VIANA,2015). Universal porque o processo de socialização secundária ou ressocialização caracteriza o grupo, preparando-o para o mercado de trabalho (VIANA, 2015, p. 92). Dessa forma o autor acima aponta que:

A juventude é, pois, um grupo social em processo de ressocialização. No processo de socialização, a criança, através da família, da escola e da comunidade, é preparada para viver no interior de determinadas relações sociais, instituídas pelo capitalismo, adquirindo habilidades (falar, ler, escrever etc.), valores, padrões de comportamento etc.; e um certo grau de saber necessário para sua idade e atividades sociais. O processo de ressocialização visa, fundamentalmente preparar a força de trabalho para sua inserção no mercado de trabalho. A escola atua nos dois processos, mas de forma diferenciada, pois na ressocialização se fornece uma escolarização que permite a entrada no mercado de trabalho, promovendo a exigência mínima em determinadas fatias deste mercado (ensino médio) ou mais aprimorado (cursos técnicos) ou maior exigência, o ensino superior especializado (universidades). Ao lado da preparação da força de trabalho, o jovem também é preparado para o processo de imputação de responsabilidades sociais. Além da inserção no mercado de trabalho, o adulto também deve realizar outras atividades sociais em geral (casamentos, sustento da família, cuidados dos filhos, atividades civis e institucionais etc.) O processo de ressocialização é uma preparação do jovem para que ele se insira na “vida adulta” (VIANA, 2015, p.104-105).

Dessa forma, a base social e unificadora da juventude é a ressocialização. Segundo Viana, esse processo tem por objetivo transformar o jovem em adulto, ou seja, integrá-lo no mercado de trabalho e no mundo das responsabilidades sociais etc. Dessa maneira, em seu entendimento, a juventude é um produto da sociedade moderna, capitalista, caracterizada por estar submetida a um processo de ressocialização, cujo objetivo é a formação para o trabalho. A juventude é constituída socialmente na modernidade através do processo de ressocialização, este que é reforçado e cristalizado, criando uma homogeneidade e determinadas características através dos meios oligopolistas de comunicação, ideologias científicas e pela ação estatal (VIANA, 2014).

Isso significa que a juventude perpassa por um processo de reeducação social, e é pela complexidade que emerge através de sua existência que acaba sendo concebida e atravessando as ciências humanas. O tema juventude atravessa quase todas as teorias sociológicas. Foi nesse sentido que nos anos de 1960 todos foram obrigados a pensar na questão da juventude dados aos movimentos estudantis e a

contracultura (GROPPO, 2016, p. 8). Sendo assim, os que mais se dedicaram aos estudos da juventude foram as perspectivas sociológicas enfatizando a ação social. Portanto, na concepção de Groppo (2016) a juventude é considerada como um fenômeno específico da sociedade moderna.

A partir do final do século XVIII e em todo o século XIX, diversos ciclos de preocupação com a “delinquência” e/ou promiscuidade juvenil das classes trabalhadoras se deram, conforme a industrialização e a urbanização iam se aprofundando e se estendendo pelos países da Europa, pelos Estados Unidos e, logo para todo mundo. Conforme os efeitos sociais negativos do capitalismo industrial iam avançando, logo se impunham a questão da “juventude” desregrada, viciada, promíscua, indisciplinada, delinquente, formadoras de bandos criminosos etc., em geral sem que ficasse claro para o discurso social e até para as ciências qual era a relação entre o avanço do capitalismo industrial, os problemas sociais daí decorrentes e a “questão da juventude” (Flinter, 1968; Pinchbeck; Hewitt, s.d; Humphries, 1984), (GROPPO, 2016, p. 9).

A juventude foi sendo concebida como uma faixa etária, questão que acabou sendo pulverizada e determinando o modo de entender esta fase nas sociedades modernas. Não resta dúvidas que a juventude como um tema complexo mobilizou vários intelectuais, os quais se debruçavam sobre este fenômeno na tentativa de defini-lo, na busca por um entendimento sobre quando esta fase começa e quando termina. O que Groppo (2016) enfatiza é que o essencial não é delimitar a faixa etária para a compreensão dos significados das juventudes modernas e contemporâneas, é preciso entender que a juventude é concebida como uma categoria social utilizada para elaborar classificações dos indivíduos, para normatizar comportamentos e, conseqüentemente, para definir direitos e deveres. Em suas palavras: juventude é uma categoria que opera no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos estruturantes da sociabilidade (GROPPO, 2016, p. 10).

Já para Becker (203, p. 13), “é preciso lembrar que, mesmo dentro dessa sociedade, a adolescência pode assumir formas diversas”. O autor ressalta que não existe uma adolescência, e sim várias. Apesar das semelhanças em relação às mudanças físicas e psicológicas ocorridas nesse período, contextos sociais e familiares distintos adentrarão a adolescência de maneira distinta. Como ressalta Novais (2006, p. 105) “(...) jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais, entre

tantos outros motivos a adolescência não se trata de um fenômeno universal, portanto, varia de acordo com as características culturais de cada sociedade.

Esse ponto de vista é interessante pois a maioria dos estudos sobre juventude a concebe como um grupo homogêneo. Vimos na perspectiva de Novais (2006) que um jovem pode manifestar uma posição e comportamento diferente. Isso se explica quando o jovem é entendido como um indivíduo que passa por um processo de socialização, como apontado anteriormente por Viana. Um jovem de uma família empobrecida, por exemplo, que passa pelas dificuldades com alimentação, vestimentas, etc., será constrangido a procurar por um emprego logo cedo. Conhecerá logo na infância o peso do trabalho e seus meandros internos. Este jovem tende a desenvolver uma consciência crítica do trabalho, diferentemente de um jovem que estuda em um curso de direito ou medicina. É claro que aqui não estamos nos referindo à totalidade dos jovens, mas esta é uma tendência forte e muito comum na sociedade moderna.

Nesse período carregado de conflitos, questionamentos e mudanças, normalmente nos prendemos aos aspectos físicos e psicológicos envolvidos. Porém, além de estar passando por um período repleto de novidades, o jovem se encontra envolto em um mundo que não foi idealizado para ele; uma sociedade que não leva em conta as transformações pelas quais está passando (NOVAIS, 2007).

Segundo Herculano-Houzel (2005) os efeitos dos hormônios no crescimento desenfreado, as espinhas, a mudança de voz, e todos os transtornos que esse momento da vida causa na sua relação com os parentes, pais e professores, ou seja, todos que estão ao redor do jovem, marcam essa fase. As mulheres começam a ver mudanças corporais que a tornam distinta da fase anterior, assim como o homem vai se diferenciando e já sendo despertado para essas mudanças. É comum esquecermos dos aspectos sociais e culturais envolvidos nesse período singular da vida em que todos um dia irão experimentar ou já experimentaram.

Gropo (2016) ressalta que a juventude é uma categoria social e não uma característica natural do indivíduo. Em sua concepção, na sociedade moderna a juventude é concebida como uma categoria social consequente de interpretações socioculturais ligadas aos significados da puberdade, “este sim é um fenômeno natural e universal que, no entanto, pode adquirir pouca importância conforme a sociedade em que ocorre” (GROPPO, 2016, p. 11).

O psicólogo Leontiev (1978), em seu texto “o homem e a cultura”, apresenta com clareza essas ideias. Para ele “Cada indivíduo aprende a ser adulto. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico pela sociedade humana” (LEONTIEV, 1978, p. 267).

Voltando à concepção de Groppo (2016) ele observa que para a compreensão do que seja juventude torna-se necessário relacioná-la com outras categorias sociais, por exemplo, com a categoria de classe social, de religião, de nacionalidade, de gênero e também observá-lo em seu contexto e momento histórico e a etnia à qual pertence. Portanto, a juventude é uma categoria social, e que existem grupos juvenis múltiplos e diversos. Por isso, a juventude dentro da sociedade moderna é um elemento estrutural e tratada como algo importante. Toda sociedade e cultura diferencia seus membros pelo gênero, parentesco, fases da vida. Contudo, o desenvolvimento e emergência de determinados grupos cria uma esfera social específica concebida em si como uma parte da vida relativamente separada do grau de parentesco, onde se instituem as exigências de uma segunda socialização para o indivíduo.

Para Eisenstadt (1976), citado por Groppo (2016), existem três tipos de grupos juvenis na sociedade moderna: um grupo que se localiza na escola, outro grupo que é controlado por adultos, e por fim os grupos juvenis informais. Porém, esses grupos estabelecem um convívio semelhante ao que ocorre no interior da família, onde o envolvimento do indivíduo com as demais pessoas é estabelecido em sua totalidade, ou seja, físico, moral, espiritual, sexual etc. Nesse tipo de relação o grupo assume características específicas, diferentes, por desenvolverem valores semelhantes aos do mundo público, valores universalistas, voltados ao desempenho e eficiência (GROPPO, 2016, p. 13).

Segundo Eisenstadt (1976) o grupo da juventude existe socialmente na forma de grupos juvenis, ou homogêneos, em que reúne indivíduos com idades semelhantes. Nesse sentido, a juventude é uma construção histórica e social. Neste grupo, os jovens acabam encontrando em seus pares, da mesma faixa etária, características semelhantes às de si próprio. indivíduos que enfrentam problemas e situações parecidas, tornando assim uma espécie de ponto de apoio, ou seja, alguém que lhe possibilita ouvir e ser ouvido, que compreenda e tenha pontos de vista muito

semelhantes em relação aos assuntos também comuns. É no grupo que o jovem encontra segurança para ser ele mesmo, ou quem imagina ou deseja ser (BRENNER, 2005).

Na grande parte da produção existente sobre a sociologia juvenil que tivemos acesso, os grupos juvenis (grupos controlados por adultos, escola e grupos informais) existem em função da socialização secundária, ou seja, espera-se da juventude um trabalho de integração à sociedade adulta. Nesta perspectiva estabelecem-se conflitos entre geração dos movimentos juvenis e estudantis, que na visão funcionalista ocorre devido às infuncionalidades provocadas por disfunções sociais, sendo por isso considerados como desvios que devem ser suprimidos. Dessa forma, emerge uma consciência na sociedade de incompreensão da juventude tendo como consequências ações que limitam a atuação do jovem e são, portanto, impedidas de serem compreendidas melhor.

Para superar os limites desta concepção devemos levar em conta o caráter social e histórico da juventude. A concepção funcionalista busca padronizar o equilíbrio sistêmico, e concebe a sociedade como um organismo e as relações sociais, fenômenos naturais. A partir dessa concepção é possível compreender melhor a trajetória das juventudes na modernidade e contemporaneidade.

Concebo a dialética das juventudes e da condição juvenil, primeiro, como a presença de elementos contraditórios no interior dos diversos grupos juvenis, elementos que colocam constantemente aquilo que é definido institucional e oficialmente em estado de separação, pela própria dinâmica interna das coletividades juvenis e de suas relações com a sociedade mais geral (GROPPO, 2016, p.15).

Foracchi (1972) afirma que a postura juvenil dos movimentos dos anos de 1960 provocava no plano das relações interpessoais a implantação de um estilo novo de adaptação (Apud GROPPPO, 2016. p. 18). Ainda em sua concepção, na história das juventudes na sociedade moderna, há um processo que é percorrido entre a institucionalização das juventudes e sua autonomia juvenil.

Pensando por este caminho, Giddens (2005, p. 44) ressalta que a identidade pessoal é obtida através de um processo de autodesenvolvimento, o qual possibilita a formulação de um sentido único de nós mesmos e de nossa relação com o mundo que está a nossa volta, ou seja, é a negação constante do indivíduo com o mundo exterior que cria e molda o sentido de si mesmo.

O fato de que, do nascimento até a morte, estejamos em interação com outros certamente condiciona nossas personalidades, os valores que sustentamos e o comportamento em que nos engajamos. Além disso, a socialização está também na origem de nossa própria individualidade e liberdade. No decorrer da socialização, cada um de nós desenvolve um sentido de identidade e a capacidade para o pensamento e a ação independentes (GIDDENS, 2005, p. 43).

Partindo desta premissa, entendemos que o indivíduo se desenvolve a partir de sua relação com o meio social e cultural. “O homem se torna mais individual e pode desenvolver uma atividade totalmente autônoma, através do desenvolvimento das relações sociais, realidade humana e com a plena socialização do indivíduo” (DUARTE, 1993, p. 157). Sendo assim, a sociedade passa a ser imprescindível para a compreensão do ser humano. Não se pode conhecer o ser humano se não pela sua relação com as formas de vida e as relações sociais.

Isso quer dizer que a emergência e desenvolvimento da juventude é dependente do meio externo, social ou cultural. A questão é que o homem é dotado de potencialidades naturais e é livre, necessitando de condições adequadas para se atualizar permitindo assim a realização daquilo que é potencial, dada a natureza humana. Isso significa que a relação do homem com a sociedade é independente, constringendo-o a tomar e assumir determinadas posturas, mas ao mesmo tempo a sociedade pode agir para facilitar e contribuir com o seu desenvolvimento. Portanto, a sociedade é o que provoca mudanças e estabelece tendências futuras para os aspectos naturais do homem.

Pode-se dizer que a identidade social trata das características que as pessoas adquirem a partir das relações sociais, do convívio com outros indivíduos. Durante a juventude (assim como em toda a vida), as relações estabelecidas na fase da juventude são muito importantes, por ser uma fase em que os indivíduos passam por transformações físicas e psicológicas bastantes bruscas. Por este motivo o indivíduo acaba procurando por grupos de convívio, onde é submetido a uma socialização e identificação com outras pessoas, e é onde também que realiza troca de informações e vai desenvolvendo e assimilando determinados interesses e valores que estão presentes na sociedade.

Para Melucci (1992), a identidade individual que vai se desenvolvendo no interior desses grupos é considerada uma das chaves mais importantes para a

compreensão das mudanças do indivíduo em uma sociedade complexa. As mudanças nas relações alteram os interesses dos indivíduos, e em seguida a experiência do indivíduo participar do processo de modificação da própria sociedade.

Por outro lado, os valores e comportamentos estabelecidos socialmente não são introjetados no modo de vida e personalidade dos jovens. Muitos deles ainda estão passando por uma espécie de relação experimental com a realidade social. Sendo assim, valorizar a experimentação não quer dizer que a juventude é irresponsável, mas significa dizer que a condição juvenil tende a fazer com que grupos de jovens desvalorizem a sabedoria e valorizem ideologias que enfatizam e reproduzem acriticamente a própria realidade estabelecida (do mercado por exemplo), espontaneidade e da ação imediata.

Deste modo é possível dizer que a força e a fraqueza das juventudes modernas advêm desta condição de relação experimental com a realidade presente. Esta condição contém o perigo da desvalorização de experiências acumuladas e comprovadas racionalmente. Mas, por outro lado, contém a possibilidade de que se conteste aquilo que parecia imutável ou de falso valor absoluto (GROPPO, 2016, p. 19).

A partir desta discussão apontada anteriormente é que Groppo (2016) enfatiza que a sociedade moderna cria um rígido percurso histórico racionalizado da vida individual, que vem se desenvolvendo desde o século XIX. Esse elemento foi importante para os movimentos de racionalização da vida humana, ou seja, para a concretização de uma vida pautada por regras pré-estabelecidas que mediarão e guiarão os estágios da vida do ser humano. Portanto, ao mesmo tempo que esta sociedade vem se desenvolvendo emerge concomitantemente a institucionalização do curso da vida, questão que se efetivou de forma mais visíveis nos séculos XIX e XX.

Diversas análises indicam que vem acontecendo contemporaneamente a “desinstitucionalização do curso de vida”, um processo que estaria engendrando, a partir dos anos de 1970, uma sociedade na qual as faixas etárias não seriam mais essenciais para a determinação do curso da vida no aspecto privado. (KOHLI; MEYER, 1986; DEBERT, 1999). Esse processo faz com que as intervenções institucionais baseadas na cronologização do curso da vida, como aquelas feitas pelo Estados, tenham seu peso cada vez menor, obrigando indivíduos e grupos sociais a procurarem soluções particulares para as dificuldades inerentes ao ritmo biológico da vida (como o envelhecimento). Trata-se da “reprivatização do curso da vida” (GROPPO, 2016, p. 20).

Para Groppo (2016), a reprivatização é claramente a expressão de uma regressão dos direitos sociais relativos à infância, juventude e velhice. Pensando por este lado, a juventude é concebida como um estilo de vida acompanhado por comportamentos que vão sendo desenvolvidos através da escolha do próprio indivíduo. Pautando por este viés, percebe-se que é uma concepção que indica o quanto a juventude está ligada a certos padrões de consumo. Sendo assim, para a maioria das pessoas os aspectos são mais negativos que positivos. A juventude é negada no seu sentido moderno, negação que se estende para os grupos sociais, significando a regressão de certas conquistas sociais, de certos direitos relativos à juventude no mundo contemporâneo. Como consequência, é notória a piora das condições de vida. O desemprego e a precarização do trabalho, que assola e comprometem a juventude, vêm gerando insegurança para os jovens, ou seja, o direito dessa juventude se torna cada vez mais uma promessa.

Marx afirma que, segundo as leis do movimento histórico tudo está fadado a ser superado, talvez possa se dizer que ainda não chegou o momento de a juventude ser superada como elemento estrutural da sociedade contemporânea. Deste elemento, fundado numa relação dialética e contraditória entre a busca de padronização e os desejos de uma autonomia, ainda se realiza parte importante do processo de socialização dos indivíduos (GROPPO, 2016, p. 23).

Podemos observar, portanto, que as sociedades que estão em processos de modernização, criam uma rígida cronologização do curso da vida individual. Assim, cria-se a necessidade de ajustamento e exigências institucionais da sociedade capitalista. E é nesse ponto que se destaca a juventude, pois essa passa a ser concebida como aquela que passa por fases, idades, reduzindo a compreensão do que se pode entender por juventude.

A juventude é um grupo social que está submetido ao processo de socialização formal a partir do ensino médio, especializado, ou superior, apresentando necessidade de um maior domínio específico em determinada área de conhecimento. Quanto maior for a divisão do trabalho na sociedade, mais avançada e especializada ela se torna. A família, escola e comunidade atuam no processo de formação e socialização desses indivíduos.

Como vimos anteriormente, a escola é uma das instituições que constituem a juventude, um dos seus objetivos é reproduzir a força do trabalho e inserir no mercado de trabalho. Sendo assim, primeiro a criança passa por uma socialização aprendendo comportamentos, habilidades, valores etc. E no segundo momento passa por uma ressocialização visando a qualificação da força do trabalho para inserção no mercado de trabalho e suas responsabilidades sociais. Os grupos juvenis exercem importantes funções nestas tarefas, uma preparação para o mundo social.

Isso quer dizer que a juventude expressa uma fase definitiva da vida e da história do próprio indivíduo, a qual perpassa por etapas anteriores ao que é concebido socialmente como maturidade, ou seja, a juventude é encarada como uma fase dramática através da qual o eu do indivíduo vai sendo revelado. As trajetórias são estabelecidas socialmente, cada sociedade molda o jovem à sua imagem.

Portanto, na busca de identificação e aceitação, o jovem pode se envolver com diversos tipos de grupos, frequentemente mais saudáveis (relacionados a esportes, música, estudos) ou mais perigosos (grupos de pichadores, gangues), entre tantas outras opções que se pode imaginar. Sendo assim, é a partir desses grupos que os jovens encontram outros que possibilitem aproximação, trocas de ideias, amizades, e principalmente reconhecimento, admiração e respeito. Essas conquistas surgem por diferentes maneiras, ações e atitudes.

Novais (2007), em “Juventudes de espelhos”, comenta sobre a existência de juventudes, tendo em vista enormes diferenças sociais na sociedade como um todo. Em um país como o Brasil a questão da discriminação, aflige principalmente regiões muito pobres, moradores de favelas ou localidades mais afastadas dos centros urbanos, na busca por emprego e acesso aos equipamentos culturais. Segundo a autora “ser jovem é ser suspeito” devido a uma grande onda de violência urbana gerada pelo tráfico de drogas em nossa sociedade. Novaes (2007) apresenta o jovem como um “indivíduo de direitos” (direitos de cidadania e direitos humanos). Segundo a autora, os grupos denominados por “tribos urbanas” é um dos exemplos e meio de adquirir e construir identidades, é um meio de aquisição e transmissão cultural, mas ao mesmo tempo contrária ao modelo hierárquico de transmissão cultural, que se baseia nos padrões estabelecidos no interior das instituições, por exemplo, o que ocorre na família e na escola.

A juventude na qualidade de coletividades reunidas em grupos etários homogêneos é uma categoria social com sua própria dialética, permeadas de contradições, então continua emergindo o que a visão funcionalista chama de “disfunções”, e que uma visão dialética da juventude tenta considerar no seu significado mais profundo, evitando, porém, idealizar este significado. Trata da possibilidade de que os indivíduos e grupos jovens desenvolvam, de modo autônomo, identidades e valores próprios, relativamente ou muito destoantes dos padrões sociais de seu tempo. Trata-se da possibilidade de surgirem revoltas, rebeldias, insatisfações e negações, a partir do que só deveria ser a princípio, acomodação, socialização tranquila, interação social. As poderosas manifestações políticas das juventudes, em todo mundo, estão a provar que este caráter das juventudes modernas continua presente, e muito presente, tanto quanto outras manifestações indicadoras de outras condições das sociedades contemporâneas sob a égide do capitalismo, como os crescentes níveis de violência que vitimam principalmente os mais jovens (GROPPO, 2016, p. 23).

Diversos são os autores que se aprofundam na sociologia da juventude, realizando análises e pesquisas para elucidar a compreensão da juventude. A sociologia sempre teve nas juventudes um importante papel para compreender a própria sociedade em seu contexto histórico e cultural. Desse modo, a juventude é preparada para assumir um determinado papel na sociedade.

A busca por afinidades é um recurso que as pessoas de qualquer faixa etária utilizam para tentar se inserir em diversos grupos sociais para conseguir expor suas ideias num âmbito maior. Nesse sentido, a identidade cultural da juventude pode ser vista como algo que vai além de sua descendência, costumes locais, padrões de comportamentos e épocas distintas influenciando suas ações, atitudes e interpretação de acontecimentos. A formação da juventude depende da vivência e do contato que se tem ao longo de suas escolhas.

É pensando por este caminho de que a juventude é um período que cria afinidades, que se caracteriza como um processo de socialização, que depende das relações sociais que integra, as quais vão interferir em sua formação, que aqui nos propomos a discutir a representação que o jovem produz sobre a música religiosa. É por este motivo que neste próximo tópico iremos realizar uma breve abordagem sobre a música religiosa, com o intuito de buscar por mais elementos que nos possibilitem analisar o nosso objeto de pesquisa no terceiro capítulo.

1.2 A Esfera Musical

A música sempre esteve presente na cultura da humanidade. Desde os primórdios da civilização a música sempre foi importante, fazendo parte da cultura dos países no mundo inteiro.

Pahlen (1963) retrata a música como equivalente a som, em sua concepção, a vida é som. Na nossa vida estamos cercados de indefinidas formas de som consequentes da natureza das relações estabelecidas entre os seres humanos. Segundo este pensador:

O homem fala e canta há incalculáveis milhares de anos e, graças ao seu ouvido maravilhosamente construído, que se parece a uma harpa com infinidades de cordas, percebe sons e ruídos, embora apenas uma parte insignificante da imensidão de tudo quanto soa (PAHLEN, 1963, p. 13).

Isso significa que a vida humana sempre foi influenciada pela música. No caso do homem primitivo, por exemplo, boa parte de sua comunicação, que ainda não conhecia o modo complexo de comunicação através de códigos, se dava através de determinados sons. Assim, “para exprimir os sentimentos, serve-se de sons e cria a música que o ajuda a exprimir o júbilo, a tristeza, o amor, os instintos belicosos, a crença nos poderes supremos e a vontade de dançar” (PAHLEN, 1963, p. 14).

A música é um meio de comunicação simples para conquistar, expressar e integrar os indivíduos, ajudando na construção do saber, na desinibição do seu modo de ser, abrindo possibilidades de exploração e descoberta.

No princípio, podemos supor, era o silêncio. Havia silêncio porque não havia movimento e, portanto, nenhuma vibração podia agitar o ar, um fenômeno de fundamental importância na produção do mundo, seja qual for a forma como ocorreu, deve ter sido acompanhada de movimento e, portanto, de som (KAROLY apud BRITO, 2003, p. 17).

Historicamente a música vem sendo considerada como uma arte, isso é consenso entre os estudiosos, contudo, é uma arte específica que possui suas próprias especificidades, por isso considerada como uma arte que combina sons. Para Andrade (1944, p. 11) “é comum afirmarem que a música é tão velha quanto o homem, porém talvez seja mais acertado falar que, como Arte, tenha sido ela, entre as artes, a que mais tardiamente se caracterizou”. A música enquanto arte, no entanto, expressa sentimentos e também desperta sentimentos. Neste sentido, pode ser

entendida como “arte de ensinar”. Na Grécia antiga a música era concebida como “a força das musas”, sendo este o significado etimológico da palavra. Na concepção grega de música, as musas eram consideradas ninfas que ensinavam as verdades dos deuses, dos semideuses e dos heróis, e faziam isso através da poesia, da dança, do canto lírico, do canto coral e do teatro, ou seja, fazia da música um meio de ensinar utilizando como recurso nesse processo sons variados.

A música não é só uma técnica de compor sons (e silêncio), mas um meio de refletir e de abrir a cabeça do ouvinte para o mundo [...] com sua recusa a qualquer predeterminação em música, propõe o impossível como lema, um exercício de liberdade que ele gostaria de ver entendido a própria vida, pois tudo o que fazemos (todos os sons, ruídos e não-sons incluídos) é música (CAGE apud BRITO 2003, p. 27).

Na contemporaneidade, a música se faz presente no cotidiano dos indivíduos, em todas as instituições, lugares e momentos como: igrejas, rádio, TV, internet e em tantas outras situações sociais. Nesse sentido, pode ser entendida como uma arte que se expressa através de uma forma de linguagem, que utiliza voz e instrumentos para expressar a própria linguagem. Isso significa que a música atua e interfere no processo de socialização, pois através dela se efetiva a ampliação do conhecimento e leva os indivíduos a interagirem com grupo específicos. Portanto, para uma compreensão mais clara sobre este processo é necessário considerar o surgimento e desenvolvimento da música ao longo da história da humanidade.

Por outro lado, estudos antropológicos têm demonstrado que as primeiras canções que se tem notícias na história humana foram usadas em rituais de nascimento, de casamento, de morte, e também utilizadas em recuperação de doenças e de fertilidade. Contudo, é com o desenvolvimento das sociedades que a música vai sendo utilizada para outras finalidades, por exemplo, passou a ser empregada em louvor a líderes religiosos, a exemplo do que ocorreu em procissões no Egito e na Suméria (PAHLEN, 1963).

Na antiguidade os povos politeístas consideravam que a música era de origem divina, e que sua manifestação era atribuída a deuses, musas, seres mitológicos. “Para os gregos, obra do deus Apolo, para os egípcios, obras do deus Thor, para os Sumérios a obra da deusa Nina e para os assírios o deus Istar” (ROSA, 1990, p. 89).

De acordo com Brécia (2003, p. 31) “a música é uma linguagem universal tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações”. “Sempre encontramos a música como acontecia nos tempos primitivos, em que o homem se relaciona com seu meio aprimorando elementos para fins expressivos e artísticos” (ROSA, 1990, p. 89).

Pitágoras, outro filósofo grego também percebia a importância da música na educação. O mesmo ensinava música executando determinados acordes musicais e criando melodias. “Pitágoras mostrou que a sequência correta de sons, se tocadas musicalmente num instrumento, pode mudar de comportamento e acelerar o processo de cura” (BRÉCIA, 2003, p. 31).

A música desempenha vários papéis na vida dos seres humanos, as primeiras canções surgiram na pré-história contribuindo até hoje. Na época primitiva a necessidade de comunicação levou determinados seres humanos a utilizarem de sinais sonoros e corporais. O objetivo era o de imitar a natureza e não especificamente de fazer música. Mas foi nesse contexto que o homem deu início ao longo percurso da história da música, foi quando começou a produzir sons com a intenção de comunicação, questão que passou a ser repetida e ampliada em diversos contextos. A partir de então o homem nunca mais se separou da música, passando a delegar a ela diversas funcionalidades e utilização no meio social.

Segundo Campbell (2007) “a música está presente em todas as etapas do desenvolvimento humano”. No mundo contemporâneo, é notório que desde o início da vida, durante a infância e juventude e até na idade adulta, a música exerce um papel muito importante no que diz respeito ao desenvolvimento dos domínios sócio emocional e intelectual-artístico de cada indivíduo.

Há neste caso, uma complexidade que a envolve, pois da antiguidade até a atualidade a música percorreu um longo caminho, nos quais foi submetida a profundas mudanças. Assim, chega no mundo moderno com um aspecto complexo. A música expressa sentimentos, marca momentos, tem poder de mudar nosso humor. Segundo Santos (2018, p. 148) “a música tem uma relevância profunda na sociedade, ela é fruto de uma mentalidade, de uma época histórica. Nesse sentido, a composição da letra de uma música perpassa pelo universo social e carrega consigo valores, ideias que advém da sociedade que a criou”. O povo Hebreu, por exemplo por serem monoteístas (adoravam apenas um Deus), foi o único dos povos da antiguidade que

acreditava que a música era resultado da intervenção humana. Os filósofos se preocupavam com a música.

A música é um instrumento poderoso que desenvolve a mente humana, ao mesmo tempo proporciona o sentimento de bem-estar, e provoca profundas mudanças no aspecto psíquico. Nesse sentido, uma vez que envolve a vida em sua totalidade, as produções musicais fazem emergir uma concepção de que é uma expressão universal. Na antiguidade, por exemplo, a música era considerada como uma disciplina obrigatória, um instrumento fundamental para a formação. Por isso ser identificada como instrumento integrante do processo educativo. Foram os gregos que deram o nome a essa arte. Os gregos criaram também os primeiros instrumentos musicais como: as flautas e trompas.

Segundo Platão, “devemos educar a alma através da música”, partindo desta prerrogativa é que evidencia-se o quanto a música e a educação musical eram muito valorizadas na Grécia. Platão acabou se dedicando a pensar sobre a estética e a ética em relação à música. A música era também um caminho que possibilitaria efetivar o que era fundamental para a sociedade, ou seja, a formação para uma sociedade ideal. “Para Platão, o ideal da educação não é formar o indivíduo por ou para si mesmo, mas formar o cidadão para a polis” (TEIXEIRA, 2006, p. 26). A educação para esta finalidade teria que ser iniciada na infância, e teria que ser voltada para a prática do bem e para a contemplação da beleza.

A música está presente nas mais diversas épocas, culturas e sociedades. Não é surpresa para ninguém, e sim um fator determinante na construção social dos indivíduos, é característica de cada grupo social no qual estamos inseridos, na leitura de mundo específica de cada um.

A principal função da música seria pedagógica, pois ela é responsável pela ética e estética, o qual implica na moral e no caráter de cada indivíduo. Para Platão, “a música e a arte têm grande influência no caráter, e seu objetivo é imprimir ritmo, harmonia e temperança a alma” (FONTERRADA, 2008, p. 27).

Para Faria (2001, p. 24), a música é vista como um instrumento indispensável para a aprendizagem, pois é notório que a criança consegue ouvir sons musicais desde que está ainda no ventre materno. “A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos” (FARIA, 2001, p. 24). Uma arte universal e encantadora. Está presente nas mais diversas civilizações e culturas que temos conhecimento. Sem

dúvida, trata-se de uma arte que representa muito para toda a humanidade (OLIVEIRA, 2008, p.18).

Nota-se, portanto, um certo consenso de que a música não é uma mera arte voltada para o entretenimento. Ela também é utilizada como recurso educacional. Como já citado anteriormente, vem sendo alvo de atenção de pedagogos que a utilizam no processo ensino-aprendizagem. A música não só diverte, mas também ensina, interfere na aprendizagem. É, talvez, por esta via que a música se transformou em uma mercadoria na sociedade moderna. Na verdade, o poder da música vai além de suas potencialidades tanto na indústria musical, quanto na sociedade capitalista. Assim, considerando as abordagens realizadas pelos teóricos da escola de Frankfurt, por exemplo, é possível observar que a música interfere na vida do ser humano. Isso quer dizer que interfere no aprendizado e na formação social.

A respeito desta temática Souza (2007) oferece uma importante contribuição quando faz referência à indústria cultural. Na perspectiva deste autor a música é transformada pela indústria cultural a uma cultura mercadológica produzida com o objetivo de ser vendida, de obter esse lucro. Em suas palavras: “a indústria cultural faz produtos adaptados ao consumo das massas em todos os seus segmentos determina esse consumo, estruturando um sistema com o auxílio dos meios de comunicação da técnica e da concentração econômico-administrativa” (SOUZA, 2007, p. 48).

“A música passa uma mensagem e revela a forma de vida mais nobre, a qual a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não só no inconsciente, mas toma conta das pessoas envolvendo e trazendo lucidez na consciência” (FARIA, 2001, p. 4). Assim como outras expressões artísticas, a música tem acompanhado o desenvolvimento histórico da humanidade. Para Moraes (1989, p. 84) “a música é, entre outras coisas, uma forma de representar o mundo, de relacionar-se com ele e de concretizar novos mundos”.

A música percebida pelos homens é uma música humana, para que eles possam perceber a dos átomos, das estrelas, dos animais essa música deve ser transformada. O essencial é que a música é um meio do espírito, o meio mais sutil, já que penetra nos próprios átomos do homem, através de toda a pele, do corpo inteiro. Ela é um meio mais importante de colocar o homem em contato com o seu procriador (FREGTMAN, 1989, p. 34).

A música é percebida pelo homem no seu cotidiano, o essencial é que a música transmite uma sensação de bem-estar e contribui para sua formação e transformação. Para Queiroz (1997) uma das características das produções musicais é que elas proporcionam o bem-estar. Neste sentido, afeta o corpo do indivíduo de duas maneiras: de forma direta, com o efeito do som sobre as células e os órgãos, e indiretamente, agindo sobre as emoções, provocando sensações de tensões e relaxamento. Faz-se necessário encontrar um modo de harmonizar as experiências sensoriais para ao menos, por alguns momentos, nos envolvemos por inteiro em uma experiência que conduza a um estado harmonioso (QUEIROZ, 1997, p. 22).

Segundo Gainza (1988), a música mobiliza as pessoas, portanto, contribui para a transformação e o desenvolvimento social. Para Stefani (1987), a música atinge a emoção e o faz em todas as instâncias da sociedade. Por isso, a produção musical atua na formação do caráter do indivíduo, pois o mesmo está em contato com as produções musicais na parte de sua vida. É através do contato com a música que se desperta determinados sentimentos, tanto de alegria como de melancolia, pode também despertar a sensualidade, a calma ou a irritabilidade. A música pode também ser um meio de se fazer a apologia à violência.

A música nos retira dos nossos pequenos mundos e nos faz viajar por mundos maravilhosos. Isso desperta em nós as potências eróticas dos nossos ouvidos. Os ouvidos passam a fazer amor com a música em inumeráveis posições... O canto gregoriano, a música barroca, a música clássica, a romântica, a impressionista, o jazz, a música sertaneja: todas essas são formas diferentes de gozar auditivamente. Pena é que haja pessoas que gozam de um jeito só. É como se, diante da enorme variedade de pratos em um bufê, a pessoa comesse sempre a mesma coisa: arroz, feijão, batata frita e bife... A educação da nossa sensibilidade musical deveria ser um dos objetivos da educação. Os conhecimentos da ciência são importantes. Eles nos dão poder. Mas eles não mudam o jeito de ser das pessoas. A música, ao contrário, não dá poder algum. Mas ela é capaz de penetrar na alma e de comover o mundo interior da sensibilidade onde mora a bondade. Afinal essa não deveria ser a primeira tarefa da educação: produzir a bondade? (ALVES, 2005, p. 43).

A música possui diversas funções nas sociedades e pode ser inserida e destacada em vários contextos. Para Alves (2005) música não é uma forma universal de linguagem, mas é uma linguagem direcionada a pessoas de uma mesma cultura. Nesse sentido, é concebida como expressão da cultura, logo, do contexto em que é

criada, assim como de grupos, religiosos, étnicos e nacionais. Cada música tem o seu papel e o seu modo de influenciar os indivíduos. Na sociedade contemporânea a relação entre música, religião e sociedade tornou-se mais complexa, pois emergem diferentes maneiras de utilizá-la em rituais assim como é concebida de maneiras distintas pelos diversos grupos existentes na sociedade.

Segundo Brito (2003, p. 181), aprender a escutar, com concentração e disponibilidade para tal, faz parte do processo de formação dos seres humanos sensíveis e reflexivos, capazes de perceber, sentir, relacionar-se e comunicar-se. A música, como em qualquer conhecimento, entendida como uma linguagem artística, organizada e fundamentada culturalmente, é uma prática social, pois nela estão inseridos valores e significados atribuídos aos indivíduos e à sociedade que a constrói e que dela se ocupa (LOUREIRO, 2010, p. 114).

1.3 A Esfera Musical Religiosa

É provável que no campo da sociologia o primeiro a analisar a relação entre música, sociedade e religião foi Durkheim, em sua obra “As formas elementares da vida religiosa” (1996). Nesta obra o autor apresenta uma possível gênese da música e do canto como forma de exteriorizar o excesso de energia que é gerada pelos rituais, através dos grupos que se reúnem. Assim, a partir de emissões sonoras produzidas pela relação coletiva, os indivíduos buscam ordenações dos sons até chegarem a uma harmonia; a gênese da própria religião representa à sua forma exterior e coercitiva dos indivíduos.

Para Bauer (2003) “a música pode ter tanta função, pragmática, quanto social”. Este aspecto social e pragmático da música pode ser compreendido quando se entende a esfera musical, seus meandros internos, bem como a diversas formas em que a música é utilizada. Assim, podemos observar que cada grupo cria um modo de utilização da música. Os religiosos, por exemplo, a utilizam para fins rituais ligados à sua própria religião. A música gera um habitus. Na concepção de Bourdieu (2009, p. 87) um dos conceitos centrais é o “habitus”, definido como sistema de disposições duráveis e transponíveis, funciona como estruturas estruturantes, funciona como princípios geradores e organizadores de práticas.

Desta forma, a música pode ser entendida e compreendida como um componente importante desse “habitus religioso”, uma forma vital de sua reprodução. A música é utilizada por instituições religiosas para atingir determinados fins. De um lado, como meio para interiorizar informações, práticas e valores determinados por ela. Por outro, como forma de atrair fieis e tornar os cultos menos cansativos e mais atrativos. Pensando na música a partir destas duas questões, evidencia-se que a música foi sendo historicamente utilizada de forma ascendente pela igreja, pois perceberam que era um instrumento poderoso em seus rituais.

A respeito da utilização da música pelo cristianismo esta inicia-se ainda em Roma na antiguidade. Ellmerich (1977) observa que o cristianismo promoveu profundas alterações no Império Romano. Por conta disso, os cristãos foram fortemente perseguidos, uma vez que a nova doutrina religiosa era considerada na época como uma perspectiva subversiva e perigosa para o Estado. Foi nesta mesma época que começa o uso da música pelo cristianismo através de uma jovem denominada Santa Cecília.

Provavelmente cantava acompanhando-se com algum instrumento, porém, não o órgão como alguns afirmam. Por ser cristã e ter induzido o esposo, o príncipe Valeriano, e o irmão, à nova religião, sofreu martírio e foi decapitada em 178 na Sicília (antes se dava o ano de 230 e a cidade de Roma como lugar da morte). Sua vida logo se transformou em lenda, seu corpo teria se conservado intacto até 812 quando foi encontrada pelo papa Pascoal I. Canonizada, tornou-se a padroeira dos músicos e da música sacra. Na liturgia católica é o dia 22 de novembro consagrado a Santa Cecília (ELLMERICH, 1977, p. 27).

Os cantos entoados pelos religiosos nesta época eram derivados de melodias hebraicas, gregas e romanas. A liberdade do uso da música pela igreja veio a acontecer em 313, “ano em que o imperador Constantino concedeu liberdade aos cristãos” (ELLMERICH, 1977, p. 27) e a partir daí há um avanço do canto religioso. Este mesmo autor ressalta que

Santo Ambrósio, bispo de Milão de 374 a 397, é o primeiro a organizar o canto em sua diocese, introduzindo também o hino de ação de graças que, com o decorrer do tempo, irá se transformar em uso generalizado, como o “Te Deum”. Em 387, Ambrósio efetua o batismo de Agostinho de Hipona, o futuro Santo Agostinho (354-430). Este propagou o salmo ambrosiano e redigiu o tratado “De música”, importante para a teoria do canto de igreja (ELLMERICH, 1977, p. 27).

Com isso a música vai se tornando um instrumento fundamental para as liturgias cristãs. Alguns anos depois, entre 590 e 604, o papa São Gregório Magno, estende o uso da música para todas as igrejas. Antes era utilizada apenas na diocese de Ambrósio. O papa colocou-se como coordenador dos cantos litúrgicos, hinos e responsórios. Além de reproduzir os que já estão produzidos se dedicou a compor novos, os quais foram publicados no livro Antifonário.

Fundou, ainda, a primeira escola de canto a *Schola Cantorum*. Em virtude de seu nome, o canto cristão passou a se chamar Canto Gregoriano. As principais características do canto gregoriano são: monodia (canto a uma voz), diatonismo, ritmo livre e texto em latim. Em português também é conhecido com a denominação de *cantochão* por ser um canto plano, isto é, melodia monótona e de pouca extensão vocal (ELLMERICH, 1977, p. 28).

É nesse sentido que Cairns (1995) destaca que havia músicas nas igrejas primitivas e assim continuou durante os três primeiros séculos da era cristã. O mesmo autor ressalta que havia o hábito de se cantar salmos e outros hinos compostos pela própria comunidade. Em reuniões em casas e lugares diversos (como em cavernas etc.), utilizavam de músicas com o objetivo de efetivar o que no interior da igreja pressupõe a “adoração ao Senhor”.

Para Hustad, “a música na igreja não é uma arte livre, nem um fim em si mesmo”, é uma forma de arte utilizada para servir aos preceitos de Deus e da igreja, ou seja, é uma arte que deve atender a determinados objetivos, que neste caso é destinada aos propósitos religiosos. O que se destaca neste estudo é que ao longo do século a música vem servindo e sendo utilizada pela igreja para atender seus interesses, a preceitos que internamente são estabelecidos pela instituição.

Segundo Bennet (2007) a música tem sido usada pelos cristãos desde os primórdios da igreja primitiva. No início era usada em liturgias, em reuniões, e demais eventos promovidos pela instituição. Apesar de fazer essas afirmações, o autor destaca que no primeiro século da era cristã, há poucas informações originais sobre a música praticada na igreja, isso acontece pela falta de registros a respeito desse assunto. A questão, portanto, é que há raros registros que demonstram com detalhes sobre o período exato que a música surgiu na história da igreja. O que se sabe é que certas obras de arte da antiguidade manifestam desenhos de indivíduos que aparecem nos quadros exercendo atividades com o auxílio de instrumentos musicais.

É através destes poucos documentos existentes na atualidade que se tiram conclusões de que a música fora integrada nos rituais litúrgicos e enquanto tal nunca perdeu o seu lugar. Tornou-se um instrumento poderoso para entoar letras, mensagens, transformando-se também em uma forma de atrair fieis. É notável, portanto, que a música religiosa favorece o desenvolvimento de uma forma educativa, a religiosa.

Sob o ponto de vista de que a educação é um processo que modifica o indivíduo, a música pode ser também um referencial positivo para transformação. Neste caso, a música pode ser entendida como instrumento que tem a prerrogativa de provocar mudanças. Na verdade, a música possui um efeito que desperta os mais nobres sentimentos, possuindo características próprias, ou seja, na religião ela é educadora.

Para os Judeus, por exemplo, a música era considerada como equivalente a Deus. Como não podiam representar esculturas ou pinturas do Deus de Israel, acreditava que a força da criação se manifestava na música e na poesia. Através destes exemplos, podemos observar que o homem nasceu em um mundo repleto de sons e utilizou de sua inteligência e sabedoria para compor e aperfeiçoá-las.

Confúcio também manifestou sua concepção sobre a música. Para ele desempenhava ela na educação e na moral, papel predominante. A música era concebida com uma força geratriz de cultura, ocupava-se extraordinariamente com ela, colecionava novas melodias e compunha novas (CLARET, 1997, p. 17). A música concebida nesta perspectiva desempenha um papel de destaque nos rituais religiosos, no sentido de fortalecer a fé, sendo esse, um elemento que integra e é essencial para a liturgia cristã.

Em sua história a igreja integrou a música em suas práticas como forma de prestar serviço e promover os cultos e evangelização. A igreja católica, por exemplo reserva à música um lugar de destaque em seus rituais, ou seja, a igreja tomou do judaísmo a prática da utilização da tradição musical fazendo desta um instrumento indispensável no ritual litúrgico, para integrá-la às práticas das orações. Concepção que vai se desenvolvendo no interior das igrejas através da utilização da música, perpassa pela ideia de que a música, agora chamada de litúrgica, é um elo de ligação entre Deus e o homem em que ambos se expressam um ao outro através das

canções. “A música é única para os seres humanos é tão básica como a linguagem para existência e o desenvolvimento” (BRÉCIA, 2003, p. 25).

Temos que reconhecer a importância da influência cultural sobre as pessoas. Não basta cantar o santo conteúdo bíblico; é preciso fazê-lo de forma tal que seja acessível às pessoas. O próprio Cristo é nosso maior exemplo. Ele, o verbo, fez-se carne e habitou entre nós. Essa foi a forma que Deus preferiu usar para se revelar a nós, ou seja, mediante a pessoa do seu filho. Jesus sendo Deus assumiu a forma de um ser humano para que pudéssemos entender o conteúdo que ele vinha transmitir (MELO, 2001, p. 62).

A igreja exerceu uma profunda influência no desenvolvimento e evolução racional da música. Na sociedade possibilitou mudanças no formato da música a qual é submetida a uma organização na esfera da liturgia, a partir da qual a música passou a fazer parte das instituições cristãs, especificamente dos rituais litúrgicos da igreja católica.

Quando o cristianismo se torna a religião do Estado, e o imperador Constantino concede liberdade de culto aos cristãos, tiveram o caminho livre para construir templos para realização de reuniões. É nesse processo que a música começa a se tornar indispensável para uso na liturgia romana da igreja. A música cantada à capela era extremamente forte na Idade Média. Os coros eram os principais grupos vocais utilizados. Com o tempo e desenvolvimento industrial, consequentemente da tecnologia, começou-se a utilizar o órgão, instrumento para acompanhar as vozes. A prática musical neste período, no interior da igreja, era confiada somente aos clérigos (bispos, padres, monges etc.). Portanto, o saber musical era conduzido e confiado somente aos membros do clero (BENNET, 2007, p. 18).

A igreja favoreceu a complexificação da produção e execução musical. Antes era entoada apenas com a utilização da voz, mas logo foi sendo incorporado determinados instrumentos musicais. Isso se dava, por exemplo, em grande parte das encenações teatrais. Na Idade Média, de acordo com o espírito da época, o teatro teve caráter principalmente sacro.

As representações com participação de música vocal e instrumental realizavam-se nas igrejas e tratavam de episódios da Bíblia, como a “Paixão de Cristo”, ou da vida dos Santos. Do interior das igrejas as

representações passaram para as praças fronteiriças às catedrais; embora conservando caráter religioso, já era usado, em tais circunstâncias, o idioma vulgar, mais acessível ao povo. Tais espetáculos, chamados “mistérios” na França, denominava-se “miracle-play” na Inglaterra, “Geistliches Schauspiel” na Alemanha (ainda representados hoje em Oberammergau – desde 1634 cada dez anos – na Baviera e em Salzburgo, Áustria), “auto sacramental” na Espanha e “representazione sacra” na Itália (ELLMERICH, 1977, p. 29).

Segundo Ellmerich (1977) é a partir do século X que há o uso do órgão, e a música monódica anterior, ou seja, a música religiosa cristã de uma única melodia, torna-se agora acompanhada por várias vozes, tornando-se polifônica. É do uso simultâneo de várias melodias que surge o “contraponto (*punctus contra punctus* = nota contra nota), tornando-se assim uma forma de música erudita na Idade Média” (ELLMERICH, 1977, p. 29).

Na era medieval, a música foi utilizada com o propósito de servir aos interesses da igreja e era empregada como instrumento educacional. Esse papel delegado a ela perdurou até o Renascimento, como sendo uma atividade importante a ser desenvolvida. No período do Renascimento, grandes avanços conseguidos no campo da tecnologia marcaram os séculos XV e XVI. É nesse contexto surgem novos instrumentos os quais foram sendo integrados no campo musicais e provocando novas e radicais mudanças, o que acabou influenciando as práticas musicais eclesiais.

Outro dado importante na história da relação da música com a igreja católica, foi a Reforma Protestante. Esta marcou a história da igreja, que através de Lutero provocou a reunião dos cristãos que não concordavam com as práticas da igreja de Roma, e ao conquistar uma certa força, abandonou a igreja para viver mais próximo das escrituras. Com a Reforma Protestante a igreja foi dividida, conseqüentemente a música também começou a trilhar novos caminhos no interior das religiões.

Durante a Reforma Protestante começou a surgir uma preocupação com a popularização da música, questão que contrastava com os princípios da igreja católica, onde a música era acessível apenas ao clero. Esta mudança implicou na necessidade de rever as práticas de ensino. A missa tradicional até então começa a ser substituída por cultos através dos quais os indivíduos entoavam cantos, executados no próprio idioma, deixando definitivamente de ser utilizada a música cantada em latim, língua oficial que era usada na igreja de Roma. Lutero também era

músico e compositor, dentre as várias músicas que criou a mais famosa é “Eine feste Burg ist Unser Gott” (Nosso Deus é uma sólida fortaleza). Com este movimento de Lutero a igreja católica revê a forma de utilização da música e agora é levada à população de forma simples e com textos que fossem compreendidos.

Dentro das novas diretrizes, o compositor que levou a música religiosa ao apogeu foi Giovanni Pierluigi da Palestrina (1525-1594), organista e diretor de capela, autor de cerca de 100 missas, entre as quais a dedicada à memória do papa Marcelo, escrita para seis vozes e, ainda, motetes e outras peças de cunho religioso num total de 655 obras. Na música sacra, *missa* é uma composição que ilustra a cerimônia litúrgica do mesmo nome. As principais partes são cinco: Kyrie, Glória, Credo, Sanctus e Benedictus, Agnus Dei (ELLMEICH, 1977, p. 30).

O Brasil tem registrado em sua história que a música ocidental começa a dar seus primeiros passos com a chegada dos portugueses nestas terras. O documento que registra este fato é a própria carta de Pero Vaz de Caminha de 1º de maio de 1500. Nas palavras de Tinhorão (1998, p. 37), segundo Caminha, no quinto dia após a chegada, ou seja, no domingo, 25 de Abril, o capitão foi com uma equipe até perto da praia de onde os índios lhe acenavam e, satisfeita a curiosidade – conforme escrevia -, “viemos-nos às naus, a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem mais os constranger”.

No mesmo dia, na parte da tarde, ao se aproximarem dos indígenas um gaiteiro integra a caminhada e com sua gaita se coloca a dançar com os indígenas. Além da gaita, o uso do tamboril também foi registrado nesta carta. Mas no que diz respeito à música religiosa, Tinhorão (1998, p. 38) destaca:

Assim, posto que, além desses sons particulares do mundo rural, o único tipo de música citada na carta de Pero Vaz de Caminha foi a dos cantos religiosos com que todos os presentes acompanharam a cruz a ser erguida no local da primeira missa rezada na terra descoberta (E com os religiosos e sacerdotes que cantavam, à frente, fomos trazendo-a dali, a modo de procissão), pode dizer-se que aí estariam indicados os dois gêneros musicais que, de fato, iriam prevalecer no primeiro século da descoberta: o rural português na área dos sons profano-populares, e o erudito da Igreja na das minorias responsáveis pelo poder civil religioso.

Segundo ROSA (1990, p. 96) no Brasil, “a música se desenvolveu no contato dos indígenas com os jesuítas, possibilitando um produto híbrido, uma mistura de prática musical”. O povo tupi é surpreendido e passa a viver com a presença dos

Iberos no século XVI, e tendo à frente os Jesuítas, começam a ter contato com a prática musical.

A ação dos Jesuítas junto a colônia foi totalmente multiface, ou seja, dirigida a vários grupos sociais com finalidades diversas. A vigor de seus feitos se estende ao plano religioso, político, econômicos, educacional, musical, envolvendo índios, colonos, mestiços, negros, homens, crianças, dominados e dominadores. Embora pluridirecionadas, as atividades dos inicianos tenham como motor principal a disseminação do catolicismo, de forma a acampar novos fiéis (AQUINO, 2007, p. 12).

Foi com a chegada dos jesuítas ao Brasil que começou a se instituir o ensino musical. Tinham como objetivos fundamentais, através do uso da música, a catequese e a aculturação dos indígenas. Esses utilizaram a música para comunicar, levando em conta a existência de uma ligação intensa entre os nativos com a música.

Os jesuítas concentravam-se especialmente na catequização indígena, por meio de um sistema educacional de cunho religioso, tendo controle da fé e da moral dos habitantes. Esses educadores instituíram o controle da fé e da moral dos habitantes da nova terra, atuando na educação dos filhos dos colonos, na formação de novos sacerdotes e da elite intelectual brasileira (ARANHA, 1996). Segundo Aquino (2007) a música fazia parte das atividades desenvolvidas pelos Jesuítas no cotidiano, a religião e a moral caminhavam juntas de mãos dadas, potencializando-se mutuamente. O canto em estilo cantochão se tornava algo útil para cativar e fortalecer a fé.

Para Aquino (2007) a música foi praticada diariamente pelos índios e pelos Jesuítas que chegaram a cantar e dançar juntos. Os Jesuítas chegaram até a ensinar a prática de instrumentos musicais tipicamente europeus, como flauta, cravo, fagote, viola, órgão, claramelas, trombetas e baixões.

Rosa (1990, p. 97) destaca que “a influência negra musical também se desenvolveu no Brasil depois dos índios”. Isso se deu através da capoeira, cultura trazida pelos negros africanos, que ao mesmo tempo usou um estilo de música, uma espécie de arte marcial, dança. Com as práticas constantes da capoeira esta arte integra definitivamente com o tempo a esfera musical. O século XX, imprime à música novas e profundas mudanças. Surgem gêneros diversos, criados e desenvolvidos por

culturas distintas, a exemplo do rock, do reggae, techno, rap, dance, pagode e entre outros estilos musicais.

O que é preciso evidenciar, que é fora da igreja que a música passou por diversas mudanças. No período barroco, por exemplo, composições musicais foram sendo sistematizadas e elaboradas em uma base harmônica. Os instrumentos começaram a aparecer de forma mais ampla e marcante no ambiente da igreja. Com isso, protestantes e católico-romanos acabaram contribuindo para o desenvolvimento da música cristã. Neste período, a orquestra ganha forma e a música instrumental atinge um patamar semelhante à da música vocal.

Com a efetivação deste processo, a música instrumental supera a música vocal. No interior dos cantos litúrgicos o piano torna-se o instrumento mais utilizado nesse período, questão que permaneceu até meados do século XX. A rigidez de estilos e forma também foram marcas indelévels desse momento histórico que trouxe a “sinfonia”, o “concerto”, que contava com o celebre momento da cadência, tocada pelo solista, e ainda a “ópera”, por quem os compositores do período tinham preferência (BENNET, 2007, p.47-52).

Desta forma, a expressividade foi a marca principal desse período. Entre diversos compositores dessa época, destaca-se Ludwig Van Beethoven, compositor de diversas obras, como a 9ª sinfonia, tocada e apreciada em várias igrejas do mundo.

O século XX, foi um momento de transformações em todas as áreas, os fatores tecnológicos e sociais foram de extrema importância na evolução da cultura musical (GROUI; PALISCA, 1994, p. 697). Sendo assim, no início do século passado, aconteceram diversas mudanças musicais, influenciando nos rumos que a música iria tomar, e a partir de então novos instrumentos vão surgindo e com esses avanços novas maneiras de tocar, cantar e compor.

No século XXI, inicia-se uma música cristã diferente daquelas praticadas anteriormente. Surgem muitos ministérios de música de louvor, no Brasil e no mundo todo, tornando-se famosos. Hustad observa que os ministros de músicas são realmente músicos profissionais, não somente dirigindo e promovendo a música em suas igrejas, mas às vezes servindo, regendo, tocando e cantando. Segundo ele tais ministros atuam como educadores de música levando a igreja a entender e a cantar a música em vários estilos, na proporção apropriada e com precisão harmônica (Apud JUBILATE, 1991, p. 61).

Com o desenvolvimento institucional religioso e a ampliação das religiões, vão se estabelecendo novas relações. Neste contexto, Bourdieu nos ajuda a elucidar um ponto que é fundamental nesta análise da música religiosa, que está ligado ao conceito de “campo” que ele desenvolve, correspondendo às esferas de sociabilidade. O autor define o campo como um espaço estruturado de posições e de tomadas de posições, e é sempre um âmbito de conflitos e disputa ao mesmo tempo (BOUDIEU, 2011). Esta questão é importante, porque percebe-se haver no campo religioso uma disputa. A utilização da música como meio de evangelização pode servir de disputa pelo capital social, cultural, simbólico e econômico, provocando lidimidade no espaço social. A religião necessita não apenas passar pela música, mas também pela cultura midiaticizada (THOMPSON, 1995).

Portanto, a comunicação exerce um papel fundamental. Desde os primórdios das igrejas cristã, a evangelização sempre assumiu configurações diversas de acordo com o público de cada época. Sendo assim, nos diversos modelos de igrejas cristãs o interesse pelo aumento de números de fiéis era evidente, tanto nas igrejas católicas, como nas protestantes. Desde a catequização dos índios brasileiros e a invenção das técnicas de prensa pelo Luterano Gutemberg, com o propósito de popularizar na época do renascimento livros literários e a utilização de meios de comunicação pelas diferentes religiões. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação a disseminação de conteúdos religiosos tem se tornado amplamente divulgados, utilizados como meio de evangelização o rádio, a internet, a televisão, e diversos outros meios, e entre eles, a música.

Em síntese, a música e a religião permanecem ligados e parece que esta união continuará. Há um processo de profissionalização musical no campo religioso, e os músicos que fazem uso da religião, tornam possível atualmente que as próprias religiões façam uso da música. Assim as igrejas permitem a efetivação da expansão musical no mundo, tanto no mundo secular, quanto no religioso.

Após esta breve consideração apresentada anteriormente sobre a esfera musical e a música religiosa, dedicaremos o próximo tópico a apresentar os princípios fundamentais da teoria das representações cotidianas, questão fundamental, pois será a partir desta abordagem que nos basearemos na análise apresentada no terceiro capítulo.

1.4 Teoria das representações cotidianas

A teoria das representações cotidianas foi apresentada pela primeira vez pelo sociólogo Nildo Viana, que em sua obra “Senso comum, representações sociais e representações cotidianas” (2008), busca através de uma abordagem dialética apresentar uma explicação desse fenômeno. Esta teoria recebeu ainda a atenção de outros estudiosos que a tomaram como pressuposto teórico – metodológico em suas pesquisas (PANAINO, 2010; PEIXOTO, 2010; SOARES, 2011; SANTOS, 2013). (MARQUES, 2018, p.15). Existem, portanto, algumas pesquisas utilizando esse referencial teórico-metodológico, uma realizada na área da educação sobre o sistema de exames (PEIXOTO, 2012), outra na saúde (CAMPOS; SOARES, et. al., 2013), e uma pesquisa a respeito do trabalho doméstico.

O primeiro ponto a ser destacado por Viana é a base teórico- metodológica das teorias das representações cotidianas. Fundamentando-se no marxismo, mais precisamente na teoria da consciência e no método dialético desenvolvido por Karl Marx, a teoria das representações cotidianas tem uma base teórico–metodológica sólida apresentando suas origens na teoria da consciência de Karl Marx, passando também pela colaboração de outros pensadores, como Karl Korsch, Ernst Bloch, entre outros (VIANA, 2015, p. 11).

A teoria da consciência de Karl Marx fornece a base da teoria das representações cotidianas. Esta perspectiva observa os seres humanos reais, históricos e concretos que formam a partir do seu processo de vida real as suas representações sobre a realidade existente. Nesse sentido, o ser humano desenvolve a sua consciência a partir do conjunto de suas relações sociais.

Marx desenvolveu uma complexa teoria da consciência. Ele apresenta as bases da consciência, suas formas, sua eficácia e sua inserção na dinâmica das lutas de classe. Para Max e Engels, a consciência não pode ser outra coisa senão o ser consciente. Por conseguinte, não há espaço nesta concepção, para se pensar a consciência como algo autônomo. A consciência não é separável do ser humano que a desenvolve e este não é um indivíduo isolado, e sim um ser social. As representações que os indivíduos elaboram são representações sobre suas relações com outros indivíduos ou com o meio ambiente (VIANA, 2008, p. 83).

Para o autor, as representações dos indivíduos se formam na vida real e nas relações sociais concretas. É no modo de vida cotidiano que são constituídas suas ideias, consciência e representações. Por isso, é na vida real, social, concreta e cotidiana dos indivíduos que se forma a base real das representações. Considerando ainda a concepção de Marx (2008, p. 84), “a produção das ideias, das representações e da consciência está, diretamente e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é uma linguagem da vida real”.

A base real, ou seja, o ponto central e essencial da teoria das representações cotidianas, é considerar o indivíduo como um ser social e que integra determinadas relações sociais (MARQUES, 2018, p. 19). Concebe-se assim, que o ser dos homens é o processo da vida real. Por conseguinte, a consciência, as representações, não são nada mais do que uma expressão dos indivíduos sociais, históricos, concretos (VIANA, 2008, p. 84).

Segundo Viana (2008), para entendermos as representações cotidianas é preciso retomar algumas ideias de Karl Marx a fim de esclarecer a relação entre a consciência e a realidade. Assim, podemos dizer que os seres humanos reais, históricos e concretos formam a partir do seu processo de vida real as suas representações sobre a realidade existente.

Os homens são produtores de suas representações, e ideias etc., mas os homens reais, e ativos, são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que podem tomar. A consciência jamais pode ser mais do que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real (MARX, 2008, p. 85).

Assim, Marx continua a desenvolver a sua concepção sobre as representações. Portanto, compreendemos dessa maneira que as representações que os indivíduos formam sobre si mesmos e da realidade ao seu redor expressa a sua vida real, uma emanção direta de sua existência real.

Sinteticamente, podemos definir representações cotidianas como atos da consciência que buscam tornar-se novamente presente algo que está ausente, sendo presença e ausência, por isso manifestação parcial da consciência produzida em nossa vida cotidiana, ou seja, diariamente. As representações cotidianas são formas de representar o mundo em nossa cotidianidade e reproduzindo suas características. Elas são representações e são cotidianas, no sentido de que elas são

produtos da cotidianidade e carregam em si as marcas desta (VIANA, 2015, p. 40-41).

Sendo assim as representações cotidianas são atos da consciência que buscam tornar-se presente algo que está ausente, mas que já foi presente, sendo presença e ausência, manifestada diariamente na nossa vida. As representações cotidianas são formas de representar e reproduzir, por isso consideram o indivíduo como um ser social que integra determinadas relações sociais.

A produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio dos homens; ela é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens aparecem aqui ainda como a emanção direta de seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente e o ser dos homens é seu processo de vida real (MARX; ENGELS, 2018, p. 37).

A consciência para Marx, é expressão das relações sociais reais, mas não é a mesma coisa que realidade (VIANA, 2008, p. 85). Isso quer dizer que, por causa da divisão social do trabalho, a realidade é percebida pelas pessoas em sua aparência. Diferente das concepções idealistas, metafísicas do mundo, o materialismo parte do processo de vida real, do ser humano em sua atividade real. Se em nossa sociedade de classes, as representações são limitadas é porque as relações sociais dos indivíduos também são limitadas.

A consciência só pode ser consciência da realidade, mas como o indivíduo a vê, o que revela sua contradição, pois ele a vê a partir de sua relação com ela, devido à divisão social do trabalho, não é vista em sua totalidade, o que possibilita a consciência ilusória. São as relações sociais limitadas, provocadas pela divisão social do trabalho, que possibilitam as representações ilusórias (VIANA, 2008b, p. 86).

No entanto, é neste contexto que Marx trabalha a questão das representações reais e ilusórias. Elas são a expressão consciente das relações sociais concretas, mas podem ser “reais” ou “ilusórias” (VIANA, 2008, p. 86). Isso não quer dizer que elas não existam, enquanto representações elas existem, mas são ilusórias, invertendo a realidade. Dessa forma, não se parte da representação para se compreender a

realidade, mas da realidade para se compreender a representação (VIANA, 2008, p. 87).

Assim, para analisarmos o que um indivíduo pensa e como ele forma as suas representações sobre o mundo, devemos analisar o seu processo de vida que forma a base das suas representações. A realidade é complexa, histórica e não aparece ao ser humano de maneira plena, em que a consciência coincide com a realidade, ou seja, a realidade existe independentemente do que os seres humanos pensam sobre ela.

A consciência não é nada mais que o ser consciente, não sendo então, apenas reflexo do mundo, mas um resultado da relação do ser humano com ele e nesta relação ela se forma e se desenvolve, acomodando-se ao mundo e ao mesmo tempo, contribuindo para sua constituição (VIANA, 2008, p. 89).

Segundo Marx as ideias não podem estar desligadas da realidade como algo à parte do mundo real, não é a consciência que determina a vida, mas é o ser humano real, histórico em seu processo de vida que determina a consciência (MARX, 2008, p. 87). A partir desse esclarecimento temos uma base teórica explicativa sobre as representações dos seres humanos sobre a realidade. Portanto, podemos afirmar que existem três formas de representações: reais, ilusórias e contraditórias (VIANA, 2008, p. 89).

As representações reais, contraditórias ou ilusórias cumprem um papel na história, porque não são meros “epifenômenos”, mas fenômenos derivados que provocam outros fenômenos (VIANA, 2008, p. 89-90). Marx enfatiza o caráter passivo da consciência abordando diversas formas de analisar os aspectos ativos das representações, para depois apontar os aspectos passivos. Desta forma, Marx enfatiza o caráter passivo das representações, ou seja, considera o caráter ativo, como formador das ações (VIANA, 2008). Na verdade, o que é preciso destacar é que as representações produzem ações, e não apenas outras representações, ou interpretação da realidade (VIANA, 2008, p. 92).

As representações podem ser verdadeiras, pois existem valores, interesses, que apontam para descobrir a verdade. Isso remete aos interesses de classe, produto da divisão social do trabalho, base das representações cotidianas, pois as classes exploradas possuem interesses em ocultar a mesma, a começar pela própria existência da exploração. Apesar do interesse das classes exploradas na verdade,

nem sempre elas conseguem manifestar a mesma, pois além das atividades limitadas pela divisão social do trabalho, ainda possuem a influência das ideias dominantes, que são as ideias das classes dominantes, como já dizia Marx. Por isso elas são, muitas vezes, contraditórias, pois os interesses e posições de classe apontam para avançar no sentido da verdade, mas as ideias dominantes e limitações da divisão social do trabalho dificultam esse processo. O que afirma a teoria das representações cotidianas é que estas não são necessariamente e sempre falsas, nem verdadeiras, pois isso depende do contexto social e histórico, de quem as produzem – classes, outras subdivisões sociais, indivíduos – e somente análise de casos concretos pode promover uma conclusão se as representações determinadas são verdadeiras, falsas ou contraditórias. Assim, é preciso ter em mente que as representações cotidianas podem ser falsas ou verdadeiras. E essa é uma ideia que foi retomada do pensamento de Marx (MARX; ENGELS, 1991), e reafirmada para compreender o caráter das representações cotidianas (PEIXOTO, 2010; VIANA, 2008) (PEIXOTO, 2018, p. 40-41).

Por isso, devemos esclarecer que as representações ilusórias ou falsas não significam que o que os indivíduos pensam sobre a realidade é inteiramente falso. Apenas seu núcleo fundamental é falso, mas seus outros elementos são verdadeiros. O mais importante é observar o caráter ativo da consciência que faz com que os indivíduos possam ter ações práticas. Portanto, mesmo que o ser humano crie mundos fictícios, ele cria ideias, interpreta e transforma ideias existentes, fornecendo novas formas e conteúdos ao processo do pensamento. Dessa forma, as representações são ativas, não meramente passivas, epifenômenos da realidade. São parte da realidade e, sendo verdadeiras ou falsas influenciam no desenrolar desta (VIANA, 2008, p. 101).

As representações cotidianas são representações que os indivíduos produzem, e estão ligadas diretamente com sua cotidianidade e seu modo de vida, a partir de uma sociedade específica no seu modo de produção e no seu contexto histórico. Assim, a cotidianidade está no modo de vida dos indivíduos, em que perpassa a sociedade.

Dessa forma, os elementos fundamentais para entender a produção social, está no modo de vida e na cotidianidade. Em cada sociedade emerge, a partir do modo de produção, um determinado modo de vida que acaba constituindo uma determinada sociabilidade, que é a fonte das representações produzidas pelos indivíduos (PEIXOTO, 2018, p. 38).

A vida cotidiana dos indivíduos na sociedade capitalista é marcada por características, uma base real que influencia nas representações cotidianas sobre a realidade. Portanto, a vida cotidiana é marcada pela regularidade, simplicidade e naturalidade.

Assim, a vida cotidiana é a base real sob a qual se erguem as representações cotidianas. Nada mais natural, portanto, que as representações cotidianas estejam impregnadas de cotidianidades e suas características. As três características da cotidianidade que apontamos anteriormente estão também presentes nas representações oriundas desta cotidianidade: naturalização, simplificação e regularidade (VIANA, 2008, p. 110-111).

As representações produzidas pelos indivíduos são respostas imediatas e simples para a reprodução da sua existência diária (PEIXOTO, 2018, p. 38).

A naturalidade é um processo em que o indivíduo é constrangido em seu cotidiano a interpretar a realidade como se fosse natural, considerando-a como imutável. A naturalidade faz desaparecer o seu processo histórico, sua origem, seu desenvolvimento e a possibilidade de seu fim. A regularidade é parte da vida cotidiana, em que a vida perpassa por relações regularmente estabelecidas, cuja repetição das atividades é um exemplo da regularidade da vida cotidiana. E a simplicidade corresponde à forma como elaboram a representação do cotidiano, ou seja, pautado por reflexos simples, destituídas de uma elaboração teórica aprofundada, baseada em leituras etc., portanto a regularidade, a naturalidade e a simplicidade caracteriza a vida cotidiana, logo, serão manifestadas também nas representações cotidianas (MARQUES, 2018, p. 20).

As representações cotidianas possuem uma estrutura que pode ser dividida em convicções e opiniões. Na sociedade capitalista para determinarmos o conteúdo das convicções precisamos nos referir à mentalidade dos indivíduos. Portanto, para explicar o universo psíquico do indivíduo, precisamos entender o conceito de mentalidade que é formado pelos sentimentos, valores e razões onde a mentalidade dos indivíduos está ligada aos processos conscientes e não aos inconscientes. Estas são algumas das características fundamentais da teoria das representações cotidianas.

A proposta deste capítulo foi a de apresentar uma discussão sobre os referenciais teóricos que fundamentarão a análise de nosso objeto no terceiro capítulo. Iniciamos abordando o conceito de juventude, posteriormente, centramos

nossa atenção na esfera musical e na música religiosa. Por fim, apresentamos os princípios fundamentais da teoria das representações cotidianas. A partir de agora, dedicaremos a focar especificamente no nosso objeto de pesquisa, é o que faremos neste segundo capítulo.

CAPÍTULO II

REPRESENTAÇÃO COTIDIANA DE JOVENS SOBRE A MÚSICA RELIGIOSA NA CIDADE DE BARRO ALTO

Neste segundo capítulo iniciaremos com uma discussão histórica sobre os aspectos culturais da cidade onde os jovens pesquisados residem, assim como faremos uma breve discussão sobre a história da paróquia Nossa Senhora da Abadia de Barro Alto e do contato dos jovens com esta instituição. Logo após, apresentaremos as representações cotidianas que produziram sobre a música religiosa, representações essas que foram acessadas através da técnica da entrevista interpretativa. Aqui o foco será mais descritivo, pois apresentaremos os dados que conseguimos recolher com as entrevistas.

2.1 Sobre a cidade de Barro Alto

Barro Alto é uma pequena cidade localizada no interior do norte de Goiás, centralizada na região do vale São Patrício. Segundo dados do IBGE (2018), atualmente a população estimada é de 10.922 habitantes, com densidade demográfica de 7,97 habitantes km². É um distrito criado com a denominação de Barro Alto pela lei municipal nº 145 de 22/10/1958, subordinado ao município de Pirenópolis. Barro Alto foi elevada à categoria de município pela lei estadual nº 2.139 em 14/11/1958.

A cidade de Barro Alto constituiu-se a partir da colonização na década de 40, por volta de 1949. Conta-se que desbravadores atraídos pelo solo fértil e os baixos preços das terras, residiram no local e passaram a dedicar-se à exploração econômica dessa região. O programa de gestão do Patrimônio Cultural e Arqueológico Preventivo na Área de atuação da Anglo American Níquel Brasil Barro Alto Goiás, elaborou um guia do Patrimônio Cultural de Barro Alto para apresentar à comunidade uma parte desse patrimônio cultural. O patrimônio cultural é um legado resultante das vivências coletivas, das formas de sobrevivência e de estratégias de ações dos indivíduos no espaço. Compõem o patrimônio cultural os bens material, imaterial e natural, abrangendo o patrimônio edificado e arqueológico, bem como modos de saber e fazer

populares herdados de seus antepassados, constituindo assim parte da memória familiar e comunitária dos barroaltenses (VALÉRIO e CONCEIÇÃO, 2016).

Segundo o artigo 216 da Constituição Federal Brasileira, o patrimônio cultural é constituído pelas formas de expressão, documentos, objetos, edificações, obras e qualquer local que seja usado para manifestações artísticas, danças, músicas envolvendo um conjunto de valor e significado histórico, ecológico, científico e arqueológico (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, 1988).

Há poucos registos sobre o município de Barro Alto, no entanto, segundo informações que conseguimos no documento citado anteriormente, há a afirmação de que a área à qual pertence essa região foi desmembrada do município de Pirenópolis. Segundo a memória coletiva de seus moradores na década de 1940 (VALÉRIO e CONCEIÇÃO, 2016), alguns proprietários de terras se uniram naquela época e doaram parte de suas terras para a construção das primeiras moradias, e depois de um tempo, surge a capela de Nossa Senhora da Abadia e São Sebastião. As edificações guardam histórias através das formas e contexto evoluindo-se ao longo do tempo. O município conta com uma grande reserva de níquel e amianto. É grande produtor de cana-de-açúcar, milho, soja, mandioca e feijão destacando-se a criação de bovinos, equinos e suínos.

Barro Alto é um município rico em minérios, terras férteis cercadas por montanhas e rios, como o Rio dos Bois, o Rio dos Patos e o Rio Maranhão. O pequeno povoado originou-se da fazenda Pouso Alegre, situada em uma região muito alta, ficando conhecida pelo seu barro viscoso e abundante, que era intenso no solo daquela região. O acúmulo de barro era tão alto que impedia até o transporte de animais que circulavam naquela região montanhosa, pois, alcançava a barriga dos animais. A vida para a maioria da população apresentava muitos limites, as primeiras estradas eram feitas manualmente e as primeiras construções eram bem simples. Segundo relatos de alguns moradores, naquela época a vida não era fácil. As pessoas se alimentavam do que plantavam e o que não produziam era adquirido em outras cidades e transportado nas “bruacas atrelados no lombo de animais” (VALÉRIO e CONCEIÇÃO, 2016).

A cidade de Barro Alto apresenta características da maioria das cidades do interior, com índice de criminalidade baixo, integrada por pessoas que apresentam valores e cultura muito próximos daqueles que vivem no meio rural. A cidade de Barro

Alto conta com várias construções, como praças, escolas estaduais e municipais, creches, supermercados, panificadoras, sorveterias, farmácia, agência bancária, igrejas, prefeitura, câmara de vereadores, ginásio de esporte, clube Sesi/Senai, campo de futebol, correios, posto de saúde, hospitais, asfalto, rede de água, casas populares etc. É atualmente uma cidade com bastante comércio. Faz limite com os municípios de Vila Propício, Goianésia, Niquelândia, Santa Rita do Novo Destino e Uruaçu.

No setor comercial conta com grandes empresas como a Anglo América, com mineração de Níquel, e a Mineradora Santo Expedito, com minério de Alumínio e a mina de bauxita. Há também no município plantação de seringueira, entre outras empresas que valorizam o setor comercial de Barro Alto como a CTBA-Cooperativa de Transporte de Barro Alto e a Transportadora Aquino transportes rodoviários, entre tantos outros comércios que favorecem o crescimento econômico, o desenvolvimento tecnológico e a geração de emprego para a população local. Algumas dessas empresas participam de projetos sociais junto à comunidade.

A mineradora Santo Expedito, por exemplo, contribui com projetos e ações ambientais e sociais realizando palestras educativas nas escolas com temas voltados para o meio ambiente, concurso de redação para crianças e jovens, campanhas de saúde e educativas para a sociedade sobre o combate à prostituição infantil, (DST) doença sexualmente transmissíveis, prevenção ao suicídio e doações para famílias mais necessitadas. Através deste projeto a comunidade tem oportunidade de participar de rodas de conversas, relacionadas a vários temas voltados para a sociedade que auxiliam na formação dos indivíduos.

Já a empresa Anglo América patrocina vários projetos na comunidade que auxiliam na inclusão e valorização de crianças e jovens com o objetivo de promover uma cidadania que respeite e aprecie a diversidade cultural, através da dança, música e teatro. Essas empresas fizeram vários investimentos culturais no município proporcionando uma reorganização da gestão pública do município, patrocinando vários projetos que envolvem a juventude.

Barro Alto é uma cidade que demonstra grandes incentivos em manifestações culturais, projetos como a APAC (Associação dos Parceiros da Arte Cultural de Barro Alto), que desenvolve vários trabalhos com crianças e jovens, desenvolvendo e estimulando o crescimento e conhecimento sobre as manifestações artísticas, cultura

cênica e musical. Esses projetos os quais que Anglo América patrocina atende crianças e adolescentes de baixa rendas e também de Escolas públicas Estaduais e Municipais.

Os projetos desenvolvidos na cidade contam com o apoio do poder público local, projetos que visam o aspecto cultural, como banda de percussão, Batuqueira e Bola na rede, promovida pela APAC; Atleta do futuro, com aulas de futsal, futebol e natação, promovido pelo Sesi/Senai; basquetebol de cadeirantes, promovido pelo projeto Águia e Roda Solidária e a Camerata de violões, coordenada pela Associação dos Amigos da cultura de Barro Alto, que além do ensino de violão, oferece também atendimento psicossocial. Atualmente crianças e jovens têm oportunidade de participar de vários projetos, os quais são abertos para qualquer pessoa que queira participar.

Um dos principais pontos turísticos da cidade é o lago Serra do Níquel, que aos finais de semana reúne adultos e jovens para festas de som automotivo. Barro Alto não é uma cidade muito atrativa para os jovens, a maioria visita cidades vizinhas como Goianésia, Uruaçu e Niquelândia em busca de atrações artísticas para se divertirem. As festas principais que acontecem anualmente são a festa dos jipeiros, e a festa de Nossa Senhora da Abadia e São Sebastião. Como toda cidade do interior, uma das opções de lazer para as crianças e jovens é se reunirem em praças para dialogar com os amigos e conquistar novas amizades, compartilhando experiências do cotidiano relacionadas à vida familiar, social e escolar.

A cidade de Barro Alto conta com nove escolas de ensino fundamental e duas escolas com ensino médio. A juventude de Barro Alto, por falta de acesso ao ensino superior local, se desloca para estudar nas faculdades de Uruaçu e Goianésia. Entrar no ensino superior se torna uma das dificuldades da juventude barroaltense, pois muitos precisam deixar sua cidade para estudarem em outras regiões vizinhas. Os jovens que participaram das entrevistas, por exemplo, vivenciam essa realidade na qual precisam deixar sua cidade para estudar em outra. Mesmo com toda dificuldade encaram esta situação como uma oportunidade de contato com um mundo novo para eles, no qual vislumbram conhecer coisas novas e tomar discernimento para experimentar novos desafios e conquistar o mercado de trabalho. Os jovens entrevistados são participativos na sociedade e frequentam as atividades promovidas pela igreja católica Nossa Senhora da Abadia.

2.2 A Igreja Católica e a Música em Barro Alto

A paróquia Nossa Senhora da Abadia, em Barro Alto – Go (apresentada na figura abaixo) é uma instituição católica, criada para atender as necessidades espirituais da população local e da região. Localizada no centro da cidade, a sua história iniciou-se no ano de 1975, conforme consta em registros escritos no livro Tombo na paróquia.



Foto 1: Paróquia Nossa Senhora da Abadia Barro Alto – GO. Imagem: Gonçalves, 2017.

Não há muitos registros sobre a mesma, a história que aqui apresentamos foi constituída através de fatos que foram materializados através de atas e relatos escritos. O livro Tombo, por exemplo, foi criado no ano de 1990 por Dom Aldair José Guimaraes, que foi o responsável pela paróquia. Neste livro consta alguns relatos

sobre como a igreja foi crescendo e se desenvolvendo. Cada Padre que por ela passava, tinha a responsabilidade e o compromisso de relatar fatos importantes ligados ao crescimento e desenvolvimento dessa instituição.

De acordo com relatos escritos neste livro, em um período de dez anos a paróquia esteve sob a responsabilidade das irmãs do Sagrado Coração de Maria, que se organizavam e desenvolviam trabalhos na matriz e nas comunidades rurais. Com o passar do tempo, padres Cleritianos, vindos de Goianésia, começaram a atender as necessidades da instituição e ajudar nos serviços sacramentais e espirituais da igreja. O modelo pastoral era inspirado na práxis libertadora da teologia da libertação, valorizando a liturgia, a catequese e a vivência do ministério de Cristo. Barro Alto, durante esses dez anos, evoluiu em passos largos quanto à organização pastoral e física (GUIMARAES, 1990).

Ainda segundo relatos escritos naquele livro, um casal de fazendeiros doou parte de suas terras que foram desmembradas da fazenda Pouso Alegre, e, por volta do ano de 1946, construiu-se a primeira capela da cidade, que era localizada abaixo da igreja matriz atual. Só em 1993, é que se cria a Paróquia Nossa Senhora da Abadia de Barro Alto. Segundo o Decreto nº 2, a Cúria Diocesana, em 1993, depois de ouvir o conselho presbiteral, se constitui em uma nova paróquia, através de um documento assinado pelo Bispo Diocesano Dom José Silva Chaves de Uruaçu, que deixou como pároco responsável da paróquia Nossa Senhora da Abadia o Padre José Francisco Rodrigues Rego.

Segundo relatos ainda do livro Tombo, não existiam tantos trabalhos efetivos com os jovens, até que o padre daquela época enviou alguns a Uruaçu para participarem do acampamento de jovens. Dessa forma, após este acampamento deram início, em Barro Alto, ao grupo de oração, acompanhado com a colaboração do grupo de jovens Nova Esperança de Uruaçu. O novo grupo recebeu o nome de Vida Nova em Cristo.

A igreja carrega em sua tradição a folia de reis, cultura típica do povo barroaltense. Todos os anos a igreja celebra a festa de Nossa Senhora da Abadia e São Sebastião, a festa reúne toda a comunidade. A festa é organizada pelos casais festeiros juntamente com o padre. A programação é organizada durante nove dias e conta com a participação e divulgação nos meios de comunicação locais. A abertura

da festa inicia sempre com uma carreata, com o intuito de convidar e incentivar toda a população, inclusive os jovens.

A participação da comunidade é visível e bastante significativa nos rituais promovidos pela igreja. Padres de outras comunidades são convidados para celebrar uma missa durante a novena. A festa é integrada também por barracas de comidas típicas, atrações culturais locais e no final do evento acontece o leilão de gado e a escolha dos novos festeiros.

Atualmente a paróquia conta com quatro capelas urbanas e quatro capelas rurais. O pároco responsável é o Padre Dioclésio Rios. A organização pastoral fortalece o vínculo de participação dos fieis na igreja. A juventude acompanha as atividades promovidas, participa de acampamentos, vigílias de adoração, grupo de jovens e festividades que são realizadas.

A música religiosa católica é muito presente nas celebrações e nas festas, ela contribui para se criar um momento de interação e comunicação. Os jovens, em sua maioria, são participativos na comunidade e sempre estão presentes nas festividades da igreja, ajudando nos trabalhos pastorais, ministério de música e liturgia da palavra. A juventude atual se envolve nos movimentos culturais, econômicos, políticos e sociais da sociedade, buscando uma inserção no mercado de trabalho, conquistando seu espaço e produzindo suas representações.

A juventude se faz ativa e participativa nos diversos setores da cidade. Integra o mercado de trabalho, exercendo atividades que contribuem para a manutenção da subsistência da própria família, dedica-se aos estudos, participa dos festejos locais e ainda desfruta de um contexto que mantém uma proximidade com o meio rural, que envolve o entorno da cidade. Além de tudo, há no jovem a demonstração da cultura local que aproxima as pessoas da igreja, onde integra as atividades ali desenvolvidas, onde também mantém uma estreita relação com a música religiosa.

Essa discussão sobre a igreja e o contexto onde vivem é importante porque, como vimos no capítulo anterior, os jovens devem ser vistos na sua totalidade. O jovem não é caracterizado apenas pela nomenclatura “juventude”, mas é um indivíduo que tem uma história e que se desenvolve em um determinado lugar. Isso sim, influencia em sua formação e nas representações que produz sobre a vida. Uma das principais referências é a base familiar onde encontram apoio e incentivos diários. Sendo assim, apresentaremos abaixo o resultado das entrevistas realizadas com

cinco jovens. Como já foi descrito anteriormente, iremos utilizar nas entrevistas a técnica da entrevista interpretativa, que nos possibilita chegarmos às convicções e opiniões desses indivíduos em relação à representação que produzem sobre a música religiosa.

2.3 As Representações de Jovens Sobre a Música Religiosa

Apresentaremos aqui as representações cotidianas que os jovens produziram sobre a música religiosa. O foco será mais descritivo, pois apresentaremos os dados que conseguimos recolher com as entrevistas. A entrevista interpretativa apresenta uma abordagem dialética que mantém uma preocupação ética em relação ao outro, onde os entrevistados são considerados ativos na sociedade possuindo valores, concepções, posições e interesses (VIANA, 2015). Seguiremos na exposição das informações um roteiro indicado no livro “A pesquisa em representações cotidianas”, do sociólogo Nildo Viana (2015), o qual foi utilizado para realizar as entrevistas. O questionário elaborado pauta por questões prévias de informações pessoais, biográficas, informações culturais, informações semiconscientes e informações representacionais (VIANA, 2015).

Dessa forma, fizemos a entrevista com cinco jovens com idade entre 16 e 20 anos, cujos nomes são ocultos. Logo, os nomes Juliana, Maria, Isabel, Luana e Alam que utilizamos são nomes fictícios, no intuito de preservar a privacidade e identidade dos entrevistados. Através de algumas conversas com os jovens da paróquia Nossa Senhora da Abadia, estes se dispuseram e demonstraram interesse na pesquisa, pois a entrevista interpretativa faz uma análise profunda demandando tempo para realizá-las por ter muitas perguntas e também por realizar um estudo aprofundado, por isso o foco foi delimitado em quantidades mínimas de entrevistados.

A primeira entrevista foi realizada com a jovem (Juliana), e seguindo com as outras (Maria, Isabel, Luana e Alam). Todos os entrevistados foram escolhidos por contato pessoal, com os quais foi estabelecida uma conversa para esclarecer o objetivo da pesquisa. Após o consentimento de todos eles e também da família, é que as entrevistas foram realizadas.

A partir da escolha desses jovens que se dispuseram a participar da pesquisa, fizemos a entrevista interpretativa por um roteiro prévio (VIANA, 2015). Como já foi

apontado anteriormente, o foco central da nossa pesquisa é descobrir as *'Representações cotidianas que jovens de Barro Alto produzem sobre a música religiosa'*, observando os elementos cotidianos, como a mentalidade, a sociabilidade, os valores, os sentimentos com aspectos mais gerais na formação social da juventude. Antes de iniciar a discussão das representações cotidianas produzidas pelos jovens entrevistados, ressalta-se ainda o procedimento analítico que será utilizando daqui para frente. Utilizaremos o percurso já apontado por Viana (2015) no que diz respeito ao foco analítico das representações cotidianas. Segundo ele, o primeiro foco analítico “é sobre as relações sociais e posição do indivíduo na sociedade capitalista, sua história de vida, sua classe social e condições de vida” (VIANA, 2015, p. 167). Este primeiro momento da análise deve focar nas informações pessoais e biográficas, daí também a necessidade de elaborar um questionário que consiga acessar estas informações.

Esta primeira análise irá permitir o acesso e definição da classe social que o indivíduo pertence, o que quer dizer que será possível identificar o seu modo de vida e possíveis mudanças pessoais de sua história, o que pode interferir em suas representações. Com esta análise torna-se possível observar as diferenças e semelhanças das representações que produzem.

O segundo foco analítico apontado por Viana (2015) diz respeito à mentalidade e cultura do indivíduo. Nesta fase da análise o importante é identificar os valores fundamentais, sentimentos profundos e concepções arraigadas dos indivíduos entrevistados, bem como sua formação cultural em geral. A escolaridade, a religiosidade, a posição política, os valores fundamentais, são fundamentais para reconstituir sua formação cultural e mentalidade (VIANA, 2015, p. 167).

Esse dado é importante porque o grau de escolaridade pode demonstrar a diferença das representações que apresentam. Um indivíduo que está no ensino superior, por exemplo, pode apresentar um grau de complexidade maior em sua resposta, conseqüentemente, apresentar uma intensidade ideológica.

O terceiro foco da análise, na perspectiva da técnica das representações cotidianas, diz respeito ao conteúdo das representações cotidianas. Aqui o foco principal é identificar as representações que os entrevistados apresentam sobre o objeto de pesquisa em questão. Considerando os focos analíticos anteriores é possível aprofundar na análise das representações que apresentam. É nesse sentido

ser indispensável atentar para as frases elaboradas, os termos utilizados, as referências a determinadas pessoas, como artistas, políticos etc., além, é claro, das afirmações que apresentam sobre o tema pesquisado.

O quarto foco analítico apontado por Viana (2015), que também foi considerado no questionário elaborado, diz respeito às informações semiconscientes. Para este autor:

A análise das questões fictícias, oníricas e intercorrentes permite buscar compreender elementos da mentalidade, dos valores fundamentais, bem como de informações omitidas ou contraditórias, que fornecem um material informativo muito interessante para a análise (VIANA, 2015, p. 168).

O passo seguinte da análise aqui proposta deve considerar os quatro focos analíticos apresentados até aqui realizando então a sua síntese de forma organizada, no sentido de apresentar uma explicação sobre as representações produzidas, demonstrando assim as suas convicções e opiniões. Para Viana (2015, p. 169) “a análise busca reconstituir o conjunto das informações localizando as contradições e buscando descobrir as convicções, e relacionando estas com as representações cotidianas sobre o fenômeno representado”.

A parte final deste processo analítico, considerando as análises detalhadas e profundas das entrevistas, diz respeito à análise global das representações cotidianas elaboradas pelos entrevistados, no sentido de apresentar, portanto, o resultado da pesquisa. Considerando ainda a técnica da entrevista interpretativa, o importante a ressaltar é a necessidade da análise ser individualizada e não por resposta. “A razão da entrevista ser analisada em casos individuais é devido ao fato de que a análise por respostas é abstratificante, criando ilusões interpretativas” (VIANA, 2015, p. 169).

Em síntese, o processo de análise da entrevista interpretativa se inicia com a análise preliminar, com a passagem para a análise profunda de algumas entrevistas selecionadas e análise geral das restantes e é encerrada com a análise sintética para cada entrevista e, por fim, a análise global que é uma síntese geral levando em conta todas as entrevistas (VIANA, 2015, p. 170-171).

De forma resumida aqui está exposto o procedimento analítico que será utilizado nesta última parte da dissertação. É isso que iniciaremos neste próximo tópico.

2.4 As Representações Cotidianas da jovem Juliana sobre a Música Religiosa

A primeira entrevista a ser analisada será a que fizemos com uma jovem de 18 anos, com o nome de Juliana, realizada no dia 14/12/2018. Ela trabalha como secretária em uma escola de inglês, auxiliando na parte administrativa. Concluiu o ensino médio e está prestando vestibular para enfermagem. Já participou de outras seleções e aguarda o resultado, mas o seu grande sonho é se formar em medicina. Mora com sua mãe e seus dois irmãos. Sua mãe é formada em letras, mas atualmente é funcionária pública e trabalha de agente de saúde no município de Barro Alto.

Juliana nasceu em Goianésia, mas sempre morou em Barro Alto. Participa da igreja católica desde que se lembra de morar na cidade. Um dos pontos mais importantes que ela relatou foi a importância da família na sua vida. Para ela: “A família é a base de tudo. A minha é a base, além de estar Deus ali sempre te guiando e tudo mais, porque Deus primeiramente, mas a família é que te motiva cada vez ser melhor e que levanta”. Quando fala de sua família conseguimos perceber a alegria e satisfação em demonstrar o carinho e o respeito que sente por ela, pois a família no seu entendimento é um porto seguro.

Para ela a família é uma de suas motivações, porque é nela que encontra refúgio para vencer os obstáculos. Demonstrou com grande entusiasmo que um dos seus grandes sonhos é se formar em medicina. Durante a entrevista Juliana demonstrou tranquilidade em responder as perguntas, com muita disposição. Em grande parte das perguntas realizadas a entrevistada respondeu com descontração as questões que foram apresentadas.

Seguindo com a entrevista, perguntamos se ela tinha cantores preferidos, em seguida expos seu gosto musical por músicas sertanejas, citando alguns de seus artistas preferidos como: Marília Mendonça, Henrique e Juliano, Thiago Prado e demonstrando que são cantores que ela admira e sempre ouve, mas uma de suas músicas preferidas é “Tua família”, do ministério Anjos de Resgate. Ela deixou claro que um de seus gostos musicais de preferência é o sertanejo, principalmente as que estão tocando nos meios de comunicação na atualidade. Ela ressaltou que gosta de ouvir as músicas atuais porque são mais novas, e citou algumas católicas como: Tua Família, Amigos pela Fé, e que são músicas que a faz refletir e pensar.

Dando continuidade com as perguntas perguntamos o que ela mais gosta de fazer no seu cotidiano e que sente prazer em fazer. Respondendo em seguida com muita desenvoltura e descontração que o que mais gosta de fazer é dançar e comer. Para ela estar entre amigos e família a fazem se sentir bem, pois é uma pessoa de companhia agradável. Juliana é bem alegre e carismática, e por ser extrovertida e comunicativa disse que uma das coisas que mais gosta de fazer é conversar e estar entre amigos e família. E o que menos gosta é de ver pessoas falando mal umas das outras, e querendo ser melhores que as outras, menosprezando o próximo.

Percebemos que dentro dessa resposta Juliana demonstra a importância dos valores no cotidiano, e estar entre amigos e familiares a faz se sentir bem. Partindo para as perguntas para acessar as informações semiconscientes, elaboramos uma história sobre um sonho específico e perguntamos qual a influência dele em sua vida, a pergunta se refere ao que ela sentiria se estivesse em um show acompanhada do seu cantor preferido? E o que ela sentiria neste contexto? E após acordar o que sentiria percebendo que era apenas um sonho?

Neste sentido, Juliana demonstra que sentiria bastante alegria e emoção estando ao lado do seu cantor preferido, mas sentiria tristeza sabendo que não era verdade, pois se tratava apenas de um sonho. Na sequência desta fizemos outra pergunta sobre uma loja de discos, onde o vendedor vem te atender e mostra os discos que são lançamentos e que estão tocando nas emissoras de rádios e também na tv. Você se lembra que algumas daquelas músicas são ouvidas pelos seus amigos e são muito divertidas. Como ela se posicionaria diante do vendedor? E, se ela fosse o vendedor, o que indicaria para a pessoa comprar? Respondeu que indicaria músicas alegres e que falam de felicidade e de amor. E que poderia fazer as pessoas refletirem e pensar na vida, e ressaltou que “tem músicas que fazem isso, mas tem músicas que não”.

Assim, compreendemos que na concepção de Juliana a música possui um significado, e que a música poderia fazer as pessoas refletir sobre a vida, porque tem músicas que são capazes de transmitir uma mensagem através de suas letras, e que são essas músicas que ela indicaria para seus amigos, músicas que são alegres e que falam de amor e felicidade. Dando sequência com a entrevista perguntei sobre sua música preferida e pedi que descrevesse qual era a sensação e o sentimento que ela provocava, logo após, demonstrou entusiasmo e emoção ao responder. Eis a resposta:

Nossa, falar dessa música é algo realmente forte. Porque é uma música que me toca bastante e eu geralmente, toda vez que eu escuto ela, eu choro, porque é uma música que não tem como eu escutar ela e não pensar em ninguém da minha família. Não tem como eu escutar ela e não ter nenhum, assim uma emoção, uma felicidade assim, como se diz, como se fosse uma chama dentro da gente, algo literalmente acende dentro. É uma música que realmente me faz ter sensações que nem eu mesma consigo explicar.

Para Juliana a música tem um grande significado e aguça com seus sentimentos. Ela demonstra que não consegue explicar a sensação que sente quando escuta sua música preferida. A música preferida de Juliana é a que ela citou no início da entrevista, a música “Tua família”. Perguntei então: Porque ela acha que a música provoca essa sensação? Ela respondeu da seguinte maneira, que é uma música que fala do convívio da família, e que mesmo se a pessoa se perder, ela pode voltar que é a família que vai estar sempre ali para dar colo. Ressaltando que é como se Deus falasse através da canção, “você pode ir, mas quando voltar vai ter o colo da sua família, vai ter alguém te dando o braço”.

Assim, para Juliana uma boa música envolve sentimentos, músicas que falam de amor, união, e define também sua concepção sobre uma música ruim, que são aquelas que não valorizam as relações afetivas entre os seres humanos, que induzem as pessoas a fazerem coisas erradas. Um dos seus gostos preferidos é o sertanejo, mas sempre ouve no seu cotidiano outros estilos musicais como o reggae e católicas. A música sertaneja de sua preferência é da cantora Marília Mendonça, e uma de suas preferidas católicas é “Tua família”.

Seguindo com a entrevista perguntamos quais músicas gostava de ouvir quando está descansando em casa? E ela disse que são músicas calmas. Então perguntei o que é uma música calma? Segundo ela são músicas que deixam mais leve e que dá para descansar. Dando sequência com a entrevista, perguntamos se um amigo lhe pedisse uma sugestão de música qual ela indicaria? Ela respondeu que indicaria uma música sertaneja ou uma católica. Perguntamos então porque indicaria a música sertaneja? Eis, a resposta: “Porque o sertanejo boa parte, assim, todo mundo escuta. Então é uma música que provavelmente ele não ia, como se diz, achar ruim ele não ia gostar”. E, então na sequência outra pergunta, por que a indicação da católica? “Porque, ele provavelmente, se ele quisesse algo, se tivesse preocupado ou alguma

coisa nesse sentido e precisasse de um, como se diz, de um aconchego eu indicaria ela”.

Dessa forma, Juliana enfatiza que gosta de música sertaneja por serem alegres e por ser mais procuradas e ouvidas, por estar mais presente no cotidiano. E sobre o que ela pensa da música religiosa, disse que é como se fosse um porto seguro. Que “você está ali perdido, e de repente você escuta uma música que vai parar para pensar no que talvez tenha feito de errado ou que talvez possa fazer”. Dizendo que procura músicas que a fazem pensar.

Na sequência desta resposta perguntamos sobre o que ela pensa da música de sucesso. Para ela é algo bom, pois, se atingiu o sucesso é porque há muita gente escutando. Na perspectiva de Juliana a avaliação de uma música ser boa é ela ser ouvida por muitas pessoas, o sucesso é uma expressão desta avaliação. Como ela mesmo diz: “Se tá com sucesso é porque tá gostando”.

Depois fizemos uma pergunta, sobre qual era sua preferida? Ela disse que era a música religiosa, e que tinha o costume de ouvi-las sempre à noite. Então perguntamos qual a sensação que ela provoca? Ela respondeu que é uma sensação de calma, tranquilidade e esperança. E ressaltou que dependendo da música elas inspiram um mundo melhor, inspiram ser uma pessoa melhor, e a fazer coisas que possam ajudar as outras. Que essas músicas trazem sensação de tranquilidade e de calma. E concluiu da seguinte forma: “a sensação seria essa de tranquilidade, de calma, a sensação que você pode ajudar o outro sem, como se diz, pedir nada em troca. Sem ter que dar como se diz, dar sem precisar receber”.

A partir dessa resposta que Juliana apresentou perguntamos, diante do seu conhecimento de música religiosa, se ela acha que a música religiosa ensina alguma coisa. Logo em seguida disse que a música ensina a amar a Deus sobre todas as coisas, e que é um dos mandamentos, e que a música inspira a ser melhor e a ter cuidado e apego para com o próximo. Para Juliana a música religiosa desperta sentimento, trazendo tranquilidade. Seguindo com mais uma questão sobre o que ela mais gosta em uma música religiosa, respondendo que é o sentimento que ela dá, trazendo tranquilidade e paz, e que mesmo que esteja um caos em um dia todo complicado, a música traz tranquilidade e até citou que dorme escutando músicas, como ela mesmo diz: “Eu desligo, eu já cheguei a dormir escutando música, porque ela te dá aquela tranquilidade assim mesmo que você adormece”.

Podemos perceber que no seu cotidiano Juliana gosta de músicas sertanejas, mas também gosta de músicas católicas. Portanto, para ela a música é essencial. Quando perguntamos para que serve a música religiosa em sua vida, ela foi objetiva em sua resposta.

Eu acho que ela serve como um intermédio. Entre a igreja e você. Entre a igreja e sua casa. Porque assim as vezes você tá cansado precisando de ajuda, mas aí talvez aquela pessoa não gosta de conversar, mas aí a música ela te dá um, como se fosse assim, como se ela te abraçasse. Ela te pegasse e te abraçasse e falasse: olhe, não, para, às vezes você tá no caminho certo, vai, se tiver no caminho errado volta e faz de novo. Porque pra mim eu acho que é o fundamental.

Na concepção de Juliana, a música influencia em sua vida cotidiana, no seu modo de agir e pensar. Para ela a música tem essa conexão com a igreja e com Deus e a leva a pensar e refletir quando é preciso tomar decisões.

Juliana apresenta durante a entrevista sua concepção em relação à música religiosa, e às músicas sertanejas, mas vê a importância das músicas religiosas, pois traz em seu contexto boas mensagens que influenciam na vida cotidiana. A família é a base de apoio para suas motivações, vencendo os obstáculos que vão surgindo no seu cotidiano. Ela gosta de músicas alegres e que são atuais e as músicas religiosas a fazem refletir e pensar.

Para ela a música religiosa é significativa na construção de valores por mexer com os sentimentos e a sensação que ela provoca é de bem-estar e reflexão. Por mais que goste de músicas sertanejas e as aprecia por ser músicas alegres, uma de suas preferidas é a música religiosa por trazer paz, tranquilidade e esperança.

2.5 As representações cotidianas da jovem Maria sobre a Música Religiosa

A segunda entrevista foi realizada com a jovem Maria, no dia 6/12/2018. Ela tem 20 anos e trabalha como operadora de caixa em uma lotérica da Caixa Econômica Federal. Mora com seu pai e já concluiu o ensino médio e seu pai trabalha como pedreiro. Ela estava cursando a faculdade de recursos humanos, mas teve que parar com os estudos em decorrência de assuntos pessoais. Maria sempre estudou em escola pública e seu grande sonho é se formar em psicologia. Maria é uma jovem

alegre e extrovertida, mas durante a entrevista demonstrou nervosismo em responder as perguntas que foram apresentadas.

A respeito das informações culturais, perguntamos o que para ela era mais importante na vida? Para ela o mais importante é Deus, família e o seu namorado. Disse também que um de seus grandes sonhos é se casar e construir uma família. Durante as perguntas a entrevistada demonstrou insegurança ao responder as questões devido ao seu nervosismo, mas demonstrou bastante interesse pelo tema proposto. É membro da Igreja católica, e participa com frequência no ministério de música da paróquia Nossa Senhora da Abadia. Quando é abordada sobre como se vê politicamente ela diz que: “sou mais discreta, sou mais na minha mesmo”.

Seguindo com a entrevista perguntamos se tinha cantores preferidos, e ela respondeu que quase não tinha isso, mas que gostava muito da banda *Colo de Deus* e dos cantores católicos da comunidade Shalom. Uma de suas músicas preferidas é “Tu És, meu tudo” da cantora Celina Borges, e também uma sertaneja “Mulher maravilha” do Zé Neto e Cristiano. A música fala sobre a constituição de uma família. A outra música é “Tu Es, meu tudo” um sucesso católico que traz paz e conforto. Com base nas músicas citadas e na sua resposta os gêneros musicais que mais gosta é o sertanejo e a católica.

Disse que um dos maiores sentidos da sua vida é Deus. Essa pergunta é a interpretação do relacionamento entre o ser humano e seu mundo, se formos seguir a linha de raciocínio dele, podemos afirmar que para a entrevistada o ser humano está ligado ao mundo por um propósito de Deus, sendo Ele o centro e a ligação de tudo. Maria é uma jovem alegre e sorridente, gosta de viajar, acampar aos finais de semana e para ela o mais importante é estar com os amigos e familiares, pois não gosta de ficar sozinha em casa. Para ela Barro Alto não tem muita opção de lazer e sempre dá um jeitinho de se divertir. Uma de suas artes preferidas é a dança, e o que mais gosta de fazer é cantar e ver teatro.

Seguindo com as perguntas semiconscientes sobre um sonho específico, fizemos a primeira pergunta sobre o sonho de estar em um show ao lado do cantor preferido e após acordar o que sentiria percebendo que era apenas um sonho. E após acordar, o que você sentiria percebendo que era apenas um sonho? Segundo ela: “Sentiria muita emoção e depois ficaria triste por não ser real”.

Mesmo respondendo às perguntas anteriores, que divide seus gostos musicais entre religiosa e sertaneja, ao ser questionada sobre a música que mais aprecia ela diz que é a “Tu És, meu tudo”, afirmando que a música “traz segurança por saber que tem alguém por ela”. Podemos perceber que ela é dependente e confortada por ter a certeza que é protegida por Deus que é imprescindível.

Seguindo com a entrevista Maria vai se sentindo mais à vontade em responder as questões que foram apresentadas, diz que em sua *playlist* o som que movimenta seus dias é o sertanejo e a música religiosa, e que se fosse compositora seria de música religiosa. No decorrer da conversa notamos que a entrevistada é uma pessoa calma que sempre gosta de estar conectada com ideias e concepções religiosas.

Perguntamos para ela por que acha que a música muda a sua vida? Eis, a resposta:

Porque quando eu canto eu me sinto bem. Quando eu estou triste eu escuto e fico em paz. E quando eu escuto uma sertaneja não acrescenta em nada tipo, não me faz mudar minhas atitudes e nada. E quando a gente escuta uma religiosa a gente começa a viver a música, a gente começa a falar com Deus, se aproximar mais. Então Deus toca muito o nosso coração através da música religiosa. E da sertaneja não, é a mesma coisa de, não faz diferença mesmo, é só para dar uma animadinha mesmo.

Sendo assim, sempre enfatiza que a música religiosa é um encontro com Deus e é sua primeira escolha quando está em dias tristes; também é a música que recomendaria se algum amigo pedisse uma sugestão. Ela acredita que as melodias têm o poder de transformar pessoas e trazer um bem-estar. Julga as músicas de sucessos como passageira, um bem momentâneo que não traz melhorias de vida e nem muda atitudes para o bem. Sempre está escutando as músicas cristãs, pois sabe que mesmo em situações difíceis Deus está presente e isso a conforta e a mantém segura. Confia que a música religiosa ensina a buscar, esperar e ter fé. A sensação que a música provoca ao escutar já a fez chorar por sentir a presença de Deus quando estava cantando. As músicas pelas quais não tem muita empatia são as que tem muitos gritos, pelo fato de não conseguir entender as letras. Declara sempre que as músicas religiosas influenciam a forma de pensar e que elas nos levam até a Deus, por isso, a importância.

Quando perguntamos porque gostava tanto da música “Tu És, meu tudo”, e o que ela provoca quando está ouvindo, respondeu da seguinte forma:

Porque ela mexe muito comigo! Que mesmo diante das situações difíceis Deus vai estar comigo. Eu imagino a pessoa que fez essa música devia está vivendo uma situação muito difícil, sabe? E aí a música fala isso. Mesmo nas batalhas, diante das muralhas sei que vencerei, pois tu és meu tudo, tu és meu Deus. E eu me apego nisso quando eu tô triste ou quando as coisas dá tudo errado, eu vou além e sei que tem um Deus que é maior.

Na concepção de Maria, a música religiosa influencia na sua forma de pensar. Quando perguntamos se ela acha que a música religiosa influencia na sua vida, respondeu da seguinte forma: “Influencia na minha forma de pensar. E às vezes quando eu escuto uma música aí eu penso assim: Nossa! Para aí, não é bem assim. A música fala isso, então eu começo a pensar que pode ser de outra forma a vida”.

Maria participa do ministério de música como musicista vocal. Portanto, tem um contato maior com as músicas religiosas que são cantadas na igreja e ouvidas no seu cotidiano. Para Maria, a música religiosa é um encontro com Deus, é algo que a deixa mais próxima de Deus, é uma das primeiras escolhas de músicas quando se sente triste por estar vivenciando situações difíceis no seu cotidiano. E vê a música religiosa como instrumento transformador na vida das pessoas.

2.6 As representações cotidianas da jovem Isabel sobre a Música Religiosa

A terceira entrevista foi realizada no dia 19/12/2018 com a jovem Isabel, ela tem vinte anos, é estudante de Engenharia Civil na faculdade Uni Evangélica em Goianésia-Go. Pode se dizer que é privilegiada por ser só estudante. Ela mora com seus pais e sua irmã mais nova; seu pai trabalha como gestor, e sua mãe é professora graduada em pedagogia, e atualmente está na coordenação pedagógica em uma escola de Barro Alto. Isabel nasceu em Anápolis-Go, e faz um tempo que veio morar em Barro Alto por causa dos familiares de sua mãe que residem neste município. Sua mãe sempre foi professora, e seu pai já trabalhou como motorista. Desde criança sempre gostou de estudar, sendo aluna destaque e ganhando prêmios de melhor aluna da escola, passando por um processo de aprendizagem bem produtivo.

Na entrevista com Isabel ela conta com entusiasmo que está concluindo ainda este ano a faculdade de Engenharia Civil. Ela comenta que foi difícil cursar a faculdade, mas que graças a Deus está quase terminando. Durante a entrevista ela demonstra muita desenvoltura se expressando de forma agradável às perguntas que iam sendo apresentadas, respondendo com ânimo e interesse no tema proposto. É membro da Igreja católica. Quando é abordada sobre como se vê politicamente ela diz que gosta de participar, se considera ativa, e que muitas vezes até fala que não vai participar, mas quando chega na época gosta de debater.

Continuando com a entrevista, perguntamos o que para ela era mais importante na vida? Respondendo, logo após “que é a família”. Para ela a família é a base, e que pode acontecer várias coisas, mas é a família que vai estar sempre presente. Um de seus grandes sonhos é se realizar profissionalmente, e um de seus objetivos é concluir a faculdade de Engenharia Civil. Isabel é uma jovem simpática e carismática e como todo jovem, gosta de músicas e um de seus ídolos é o cantor Fiuk, filho do cantor Fábio Junior, ressalta que já conseguiu vê-lo várias vezes.

Durante a entrevista demonstrou seu gosto musical por músicas sertanejas, mas uma de suas músicas preferidas é “Tempo perdido” de Legião Urbana. Então, perguntei porque ela se identificava mais com o sertanejo? Eis, a resposta: “Acho que é porque a gente ouve muito. Aí acaba que a gente em todos os lugares que vai é mais sertanejo, eu gosto muito de MPB também, mas o que a gente mais ouve é sertanejo aí acaba identificando”.

Seguindo com mais perguntas, perguntei se para ela existe um sentido na vida? Respondendo que “sim, que existe um sentido na vida, que é viver, e viver intensamente cada instante como se fosse o último”. Isabel gosta de músicas, de ir para igreja, estar próximo da família e ressalta que gosta muito de celular e rede social e que também gosta de ficar em casa e uma de suas artes preferida é a música.

Partindo para mais duas questões específicas sobre um sonho específico e qual a influência deles em sua vida,² eis a resposta: “Muita felicidade, muita felicidade mesmo. E uma eu não sei explicar o quê que é estar perto de um ídolo, é uma coisa

² Pergunta da resposta: Suponha que você tenha dormido e tido o seguinte sonho: você estava em um show no palco acompanhando e ao lado do seu cantor preferido. O que você sentiria neste contexto? Após acordar o que você sentiria percebendo que era apenas um sonho?

muito estranha minhas pernas ficam bamba, toda vez eu falo que não vou chorar e choro e é muita e emoção”. E disse que ao acordar e ver que não era verdade, sentiria tristeza, e que isso acontece com ela sempre.

Dessa forma, compreendemos que a música influencia em sua vida. Para ela as letras apresentadas nas canções é que a fazem pensar, e levar a uma reflexão. Segundo ela, as músicas religiosas são boas, despertando emoção, tranquilidade e paz, e define a música de sucesso como momentânea e passageira, quando as pessoas ouvem até enjoar, e depois não ouvem mais. No seu entendimento a música religiosa expressa sentimentos e demonstra que as de sucesso também são importantes pois cada música tem o seu momento específico.

Para Isabel as músicas religiosas que são tocadas na igreja contribuem para o bem-estar, e ressalta que ama ouvi-las, principalmente quando está triste. Então perguntei qual era melhor? Respondeu que tem horas que só quer ouvir músicas religiosas, mas quando está em um barzinho ou em festinhas de aniversário prefere as músicas de sucesso. Na maioria das vezes, no seu cotidiano, costuma ouvir músicas religiosas quando está indo para casa, faculdade e viajando, pois, prefere as músicas que falam de gratidão, família e amor.

Continuando com a entrevista Isabel demonstra o quanto a música se faz presente no seu cotidiano, e o que mais gosta em uma música religiosa é a paz que ela transmite. Perguntei se a música religiosa influencia alguma coisa em sua vida? Respondendo em seguida que sim, e que muitas das vezes se sente triste ou impaciente e quando escuta as músicas sente tranquilidade, e ressaltou que as músicas só influenciam o bem.

Percebe-se que ela gosta de músicas sertanejas, mas também de músicas religiosas. Isabel é uma jovem dedicada nos estudos, para ela a família é a base de suas motivações pois é sempre ela que dá o apoio necessário para vencer os obstáculos na vida. Para Isabel as músicas religiosas contribuem em sua vida, e as letras das canções a leva a uma reflexão, por trazer emoção, tranquilidade e paz interior.

2.7 As representações cotidianas da jovem Luana, sobre a Música Religiosa

A quarta entrevista foi realizada no dia 22/12/2018 com a jovem Luana, ela tem vinte anos, é estudante e trabalha como estagiária em um escritório de advocacia. Ela mora com sua mãe e seu irmão; sua mãe trabalha como coordenadora de turno em uma escola de Barro Alto. Luana está cursando o curso de direito na faculdade Uni Evangélica em Goianésia-Go.

Durante a entrevista ela demonstra muita desenvoltura expressando com entusiasmo as perguntas que foram sendo apresentadas, respondendo com interesse no tema proposto. É membro da Igreja católica. Quando é abordada sobre como se vê politicamente ela diz que “não gosta de participar, e nem gosta de se envolver”.

A respeito do que é para ela mais importante na vida, ressaltou que é a família, e que um de seus grandes sonhos é se formar, se estabilizar na vida e construir uma família. Além dessa questão perguntei se tinha algum ídolo, e respondeu que sim, que gostava do Raul Seixas e do Renato Russo, e que uma de suas músicas preferidas era Hey Jude, dos Beatles, e um dos seus gostos musicais de preferência são MPB e rock.

Indo adiante a esses aspectos iniciais, podemos destacar em primeiro lugar a relação de Luana com a música. Ela gosta de estar com a família, assistir televisão e acessar as redes sociais, ir ao clube, tomar sorvete, e uma coisa que não gosta é ter que acordar cedo.

Seguimos com as perguntas semiconscientes sobre um sonho específico e a influência deles em sua vida. Neste sentido, Luana demonstra que sentiria felicidade estando ao lado do seu cantor preferido, mas sentiria frustração sabendo que não era verdade, pois se tratava apenas de um sonho. Em relação à outra pergunta que são apenas suposições, sobre uma loja de discos e o vendedor, como ela se posiciona e, se ela fosse o vendedor o que indicaria para a pessoa comprar? Eis a resposta: “Que tem uma pessoa que eu conheço que gosta e compro para levar para essa pessoa”. E se fosse o vendedor? “Perguntaria qual o estilo assim que ele mais gosta”.

Passando então para as informações representacionais, perguntamos o que é para ela uma boa música? Respondeu que é “uma música com letra, com harmonia, que tem um sentido assim, não só um refrão”.

Continuando com a entrevista, perguntamos qual era sua música preferida, como já tinha citado acima que é Hey Jude, pedimos que descrevesse qual a sensação e sentimento que ela provoca. Respondendo que é uma sensação de bem-estar,

tranquilidade e quando está frustrada com as coisas da vida, ouve a música e sente calma, refletindo a letra da canção. No seu cotidiano costuma ouvir músicas de Zé Ramalho, Renato Russo, Raul Seixas, Tim Maia e Elis Regina, e ressalta que gosta de músicas cujas letras tenham sentido. Para ela, as músicas têm a capacidade de influenciar na vida das pessoas. Quando perguntamos o que pensava sobre as músicas religiosas, ela disse que as músicas religiosas possuem uma importância muito grande e que são capazes de influenciar as pessoas que as ouvem, e servem como uma motivação. Ressaltando que: “às vezes a pessoa está passando por um momento difícil e aquilo acalma e traz conforto”.

A música religiosa, na concepção de Luana, tem importância por serem motivadoras, então perguntamos o que pensa sobre a música de sucesso? Eis, a resposta: “As músicas de sucesso são para as pessoas se divertirem e fugirem um pouco da realidade quando vão em shows para dançar e se divertir, e tentar realmente esquecer um pouco a vida normal cotidiana”.

Portanto, a música de sucesso na visão dela serve para se divertir, dançar e sair um pouco do cotidiano. Dando sequência perguntamos para Luana qual era melhor, a música religiosa ou a música de sucesso? em sua concepção a música religiosa traz um sentido, por não ser músicas passageiras e acredita que é uma forma de se conectar com Deus, e por isso acha que são mais importantes.

Portanto, a concepção de Luana demonstra que a música religiosa tem um sentido e um significado para a vida das pessoas. Ela costuma ouvir músicas religiosas na igreja e quando está em casa. Os cantores preferidos são padre Fábio de Melo, Adriana Arides e Fernandinho. Uma de suas músicas religiosas preferida é a música do padre Fábio de Melo, “Nas Asas do Senhor”, que segundo ela, traz paz e tranquilidade quando está ouvindo. Perguntamos então, se acha que a música religiosa ensina alguma coisa? Respondendo da seguinte forma: “Ensina a pessoa a ser mais forte, a ter esperanças, e também a não desistir e seguir em frente; e que você não está sozinho e sempre tem alguém com você. É isso que a música religiosa nos representa”. Para Luana a música religiosa influencia na sua vida de certa forma, na vida profissional, nos sonhos, concluindo que não é a única motivação, mas ajuda.

2.8 As representações cotidianas do jovem Alam sobre a Música Religiosa

A última entrevista foi realizada no dia 23/12/2018 com o jovem, Alam, ele tem dezesseis anos, é estudante do segundo ano no ensino médio, no Colégio Militar José Carrilho em Goianésia-Go. Ele mora com sua mãe, seu pai, e seu irmão. Sua mãe é pedagoga e seu pai é técnico de segurança. Alam nasceu em Niquelândia-Go, veio morar em Barro Alto com sua família por motivos de trabalho, teve uma formação escolar boa e sempre estudou em escola pública. Alam participa da igreja católica. Quando perguntamos como se define politicamente, disse que não gosta de se envolver.

Para Alam, seus pais e sua família podem ser considerados como momentos importantes em sua vida, como ele diz “gosto muito deles”. Na entrevista que desenvolvemos com Alam observamos que ele estava nervoso, inseguro, quando respondia as questões, mas demonstrou interesse ao falar sobre o tema abordado. Em grande parte das perguntas realizadas o entrevistado demonstrou timidez e não se sentiu à vontade no momento da entrevista. No que se refere ao tema em questão se interessou e não demonstrou resistência.

Alam ressaltou que um de seus grandes sonhos é se tornar uma pessoa melhor, ser “honesto, gentil e sincero”. Para ele o referencial familiar se faz presente nos valores cotidianos. Um de seus gostos musicais de preferência é a música eletrônica. Não tem ídolos, mas admira o jogador de futebol Messi e ressaltou que atualmente não está escutando músicas, concentra a maior parte do seu tempo nos estudos. Assim, Alam que é um jovem dedicado, gosta de jogar futebol, vídeo game e estudar, uma de suas artes preferidas é o desenho.

Continuando a entrevista com mais duas perguntas sobre um sonho específico e qual a influência deles em sua vida, Alam respondeu da seguinte maneira: Que sentiria alegria e emoção, e logo após, sabendo que não era real sentiria desespero. Compreendemos que mesmo não ouvindo músicas com frequência podemos perceber que a música tem um significado em sua vida. Gosta de ouvir músicas alegres porque faz sentir emoção e causa sensação de alegria. Uma das músicas que gosta de ouvir é “Atrasadinha” do cantor Ferrugem, dizendo que: “Porque ela é divertida. Provoca explosão, alegria por dentro”.

Então, continuando perguntamos, o que é uma música boa, e uma música ruim? Respondendo, que: Uma música boa, “é uma música que me faça divertir, me emocionar”. E uma música ruim. “Uma que eu não tenha emoção, que eu não vejo

graça”. Dentro desses aspectos a música se faz presente na vida das pessoas e pode contribuir e influenciar de certa forma. Perguntamos o que pensa sobre as músicas religiosas? E para ele são ótimas e excelente, por ser músicas motivadoras. Define as músicas de sucesso como músicas que estão em alta e são mais procuradas, e a música religiosa ensina a ter esperança e fé.

2.9 A Respeito das Entrevistas Realizadas

Em nossa pesquisa realizada com os cinco jovens, percebemos que a música influencia na vida cotidiana, apesar de nem todos terem o costume de ouvi-las sempre com frequência, mas tem algo em comum entre eles, porque todos acreditam que a música influencia na vida deles e das pessoas.

Entre os jovens entrevistados Juliana, Maria e Isabel preferem músicas sertanejas, Luana MPB e rock, e Alam músicas eletrônicas, mas ambos têm em comum uma mesma visão pelas músicas religiosas, acreditam que são importantes por serem motivadoras e mexer com os sentimentos. As músicas religiosas possuem uma característica capaz de tocar, pois mexem com as emoções despertando a sensibilidade, auxiliando na vida no crescimento espiritual, social e familiar. A música religiosa leva a uma reflexão na tomada de decisões cotidianas, trazendo sensação de bem-estar. Assim, nas mais diversas manifestações da fé das pessoas, a música sempre esteve presente pois, as músicas são carregadas de crenças e valores culturais.

A análise das representações cotidianas dos jovens, reproduz um discurso no qual é possível racionalizar e legitimar em suas tomadas de decisões. Os jovens têm liberdade de escolhas visto como um indivíduo fora das relações sociais, das pressões sociais e valores que são dominantes envolvendo sentimentos e necessidades. O que é reproduzido pela teoria das representações cotidianas é fundamental nas relações reais e concretas, pois é por meio disso que entendemos as formas da consciência que cada jovem apresenta em suas representações. Dessa forma, a pesquisa com representações aborda apenas o que é dito, uma apresentação do contexto social histórico e cultural, onde o objetivo é entender o seu pensamento sobre a música religiosa e se ela influencia na vida cotidiana.

Realizando uma análise das representações cotidianas, analisamos todas as informações possíveis a respeito do que foi apresentado por eles e que são fundamentais, considerando sempre a realidade social na qual o indivíduo está inserido. A situação de classe social na qual estão envolvidos torna -se uma questão importante para analisarmos o processo de vida dos jovens. Ela nos permite explicar a realidade de vida na qual eles estão vivenciando.

A classe social ajuda a entender as representações cotidianas dos jovens, apresentando características que contribuem para entender as relações e necessidades que eles apresentam como as ideias e informações pessoais, que contribuem para formação da cultura, pois são elementos fundamentais para analisarmos as características das classes e formação dos indivíduos. A classe social dos jovens apresentada nas entrevistas mostra não somente a condição social e financeira de cada um, mas apresenta também o nível de escolaridade tanto deles como de seus pais. Todos os jovens possuem moradia própria, são jovens de classe média e isso determinam os tipos de conhecimentos que foram adquiridos através do seu processo de formação social.

Para compreender as representações cotidianas é preciso analisar a realidade de cada jovem através do seu processo de formação intelectual, em que cada indivíduo constrói a sua história, sua formação intelectual e suas representações, cada um de um jeito diferente. As classes sociais contribuem para essa formação de conceitos e ideias que auxiliam na formação e representação das ideias que vão adquirindo. Como podemos observar, os jovens são estudantes que visam um objetivo de vencer na vida através do seu esforço escolar.

No âmbito a sociedade capitalista, onde tudo é movido pelo dinheiro e pela troca de mercadorias, os jovens necessitam passar por esse processo de formação para se preparar para o mercado de trabalho. Os jovens estão nesse processo de formação e se encontram integrados na dinâmica da sociedade capitalista, têm desejos pessoais de sair, se divertir, viajar, comprar mercadorias e etc., e tudo envolve dinheiro. Na maior parte das vezes, os jovens sentem a necessidade de consumir e para realizar esse desejo é preciso trabalho e dinheiro, pois, o dinheiro é necessário para sobrevivência.

Todas as escolhas dos jovens são realizadas dentro de um contexto social e em muitas vezes são limitados. As classes sociais ajudam estes jovens a adquirirem

uma construção de conhecimento através do que é oferecido a eles pelo mundo cultural e o meio social onde vivem. Eles vivenciam uma cultura de ideias criando uma ilusão de liberdade, mas na verdade só fazem parte de suas vidas. No entanto, a realidade é diferente para cada um, pois a própria sociedade se impõe através dos seus meios de comunicação e consegue inibir as escolhas de cada um.

Para entendermos os valores que foram apresentados nas entrevistas, é preciso entender a vivência dos jovens com o mundo, todos possuem valores que são fundamentais para sua vida pessoal e social. A família, a religião, as amizades, a escola, a cidade onde residem, são elementos importantes para entendermos a qual classe pertence. Um ambiente competitivo, onde a burguesia se faz presente, no poder e no consumismo influenciando na vida cotidiana dos indivíduos.

As representações reais, contraditórias ou ilusórias cumprem um papel na história, porque não são meros “epifenômenos”, mas fenômenos derivados que provocam outros fenômenos (VIANA, 2008, p. 89-90). A vida cotidiana dos indivíduos na sociedade capitalista é marcada por características desta, uma base real que influencia nas representações cotidianas sobre a realidade. Portanto, a vida cotidiana é marcada pela regularidade, simplicidade e naturalidade.

Dessa forma, os elementos fundamentais para entender a produção social, estão no modo de vida e na cotidianidade. Em cada sociedade, emerge, a partir do modo de produção, um determinado modo de vida que acaba constituindo uma determinada sociabilidade, que é a fonte das representações produzidas pelos indivíduos (PEIXOTO, 2018, p. 38).

Os elementos sociais são importantes, os jovens entrevistados residem no interior, onde os valores dominantes são manifestados, os valores tradicionais da família, e a religiosidade ainda se fazem presentes nos laços familiares e são bastante significativos nas cidades do interior. O mais importante é observar o caráter ativo da consciência que faz com que as pessoas ajam em ações práticas. As representações produzidas pelos indivíduos são respostas imediatas e simples para a reprodução da sua existência diária (PEIXOTO, 2018, p. 38).

Considerando estes últimos elementos concluímos este capítulo. A proposta foi fazer uma breve apresentação do contexto em que os jovens estão inseridos. Descrevemos também as representações que produziram sobre a música religiosa, destacando aí as suas informações biográficas, culturais, conscientes, inconscientes.

Neste final destacamos alguns pontos da teoria das representações cotidianas que serão importantes a partir de agora para a análise que realizaremos no terceiro capítulo. É o que faremos a partir de agora.

CAPÍTULO III

PARA UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS QUE JOVENS PRODUZEM DA MÚSICA RELIGIOSA

O objetivo neste capítulo é realizar uma análise sistemática do conjunto das representações cotidianas que os jovens apresentaram, através das entrevistas interpretativas, sobre a música religiosa. No capítulo anterior foram apresentados os resultados das entrevistas realizadas com jovens de Barro Alto. Pautamos por descrever os pontos que se destacaram nas entrevistas. Aqui neste capítulo, portanto, a proposta é a de analisar estas informações considerando o arcabouço teórico apresentado no primeiro capítulo.

Como já ressaltou Viana (2015, p. 133), “uma vez acessado, produzido e reunido o material informativo, o passo seguinte é a análise dele”. O material informativo fundamental são as entrevistas interpretativas que foram realizadas com os jovens selecionados. Essas auxiliaram e distinguiram as semelhanças e diferenças, que serão o ponto de partida para analisar o conjunto das representações cotidianas dos jovens. Esta técnica auxiliou a colher informações dos jovens no sentido de considerá-los como integrantes de uma determinada sociedade, logo, integrantes de determinadas classes sociais, as quais os constroem a produzir determinadas representações sobre a vida, e no caso aqui específico, sobre a música religiosa. Neste capítulo, portanto, buscaremos realizar uma análise detalhada das representações que produziram, no sentido de entender as suas convicções e opiniões.

Assim, retomaremos os pressupostos teóricos e metodológicos da teoria das representações cotidianas, juntamente com os conceitos de juventude e os elementos teóricos sobre a música religiosa, para analisar as representações que os jovens produziram sobre a música religiosa. A análise realizada não focou o jovem em si mesmo. Embora este seja o ponto de partida, as representações que produziram foram consideradas como o resultado de múltiplos elementos que atuaram em sua constituição. Nesse sentido, o contexto em que vivem e a história de vida dos jovens foram fundamentais.

Podemos verificar no primeiro capítulo que a juventude pode ser concebida como uma fase da vida humana em que o indivíduo desenvolve uma concepção e ansiedade sobre o futuro. Este estado em que a maioria dos jovens se encontram marca e tem um peso em sua vida, e acaba por influenciar o seu comportamento e sua forma de pensar, conseqüentemente atua em muitos dos elementos existentes na sociedade. O conceito de juventude nos faz pensar no sujeito como um ser constituído e atravessado por fluxos, multiplicidades e diferenças (AUGUSTIN e GEARA, 2014).

Sendo assim, a juventude só poderia ser entendida na sua articulação com os processos sociais mais gerais e na sua inserção no conjunto das relações sociais ao longo da história (SILVA e LOPES, 2009). É nesta perspectiva que buscaremos realizar uma análise global das representações que jovens da cidade de Barro Alto produzem sobre a música religiosa. No capítulo anterior dedicamos à análise de quatro focos analíticos, que foram: 1. As relações sociais e posição do indivíduo na sociedade capitalista, sua história de vida, sua classe social e condição de vida; 2. A mentalidade e cultura dos jovens; 3. O conteúdo das representações cotidianas que apresentaram sobre a música religiosa e 4. As informações inconscientes. Neste próximo tópico iremos realizar a análise global de todas as entrevistas.

3.1 Análise Global das Representações Cotidianas

A primeira questão a ser ressaltada sobre os jovens entrevistados é sobre a representação que apresentam a partir do contexto em que vivem. Isso quer dizer que todos os jovens residem em uma sociedade do interior, porém, as relações sociais que os cercam são fundamentadas nos princípios da sociedade capitalista.

A sociedade capitalista é fundada na relação de classes, o que quer dizer que as classes sociais desenvolvem determinados valores que vão ser manifestados em diversas outras instâncias da sociedade. Segundo Viana (2007), na sociedade moderna a luta de classes também será manifestada nos valores que são manifestados pelos indivíduos. Há os valores que estão ligados à burguesia, se referindo aqui aos valores axiológicos e há também os valores ligados às classes subalternas, se referindo aos valores axionômicos.

Considerando esta questão dos valores apontados por Viana (2007) e as representações cotidianas apresentados pelos jovens, o que se nota é que de um lado

manifestam valores axiológicos quando se referem ao principal objetivo que buscam em sua vida. Um dos principais objetivos é a busca de uma formação profissional, que dê sustentabilidade para uma vida estabilizada, pois todos almejam concluir o ensino superior para alcançar os seus objetivos. Os jovens estão submetidos a um processo de ressocialização dentro de sua formação social, familiar e espiritual, que busca uma ampliação da divisão social do trabalho, diante da vida real que é a base de formação.

Dos cinco jovens, dois estão cursando o ensino superior, uma em direito e a outra em engenharia civil. Um encontra-se no ensino médio, e as outras duas concluíram o ensino médio e estão aguardando o período de vestibular para tentar integrar o ensino superior. Enquanto jovens do interior, a educação acaba sendo vislumbrada como um caminho para ser integrado ao mercado de trabalho.

O que se observa é que planejar a vida para ser inserido no mercado de trabalho é um projeto desenvolvido no âmbito escolar. A própria escola, como foi notado por Tragtenberg (2012, p. 179), “cada vez mais assume sua função de ‘aparelho ideológico’ que inculca maneiras de pensar, sentir e agir das classes dominantes como sendo da ‘sociedade’ global”. Como vimos anteriormente, a escola é uma das instituições que constituem a juventude, um dos seus objetivos é reproduzir a força do trabalho e inserir no mercado de trabalho, passando primeiramente por uma socialização e aprendendo comportamentos, habilidades, valores etc. E no segundo momento passa por uma ressocialização visando a qualificação da força do trabalho para inserção no mercado de trabalho e suas responsabilidades sociais.

Os jovens entrevistados apresentam em suas representações este alto grau de educação do ensino escolar quando manifestam o objetivo que pretendem alcançar em sua vida, ou seja, serem integrados ao mercado de trabalho. É por isso que dizem buscar por uma formação profissional, buscam por uma vida estabilizada, e entenderem que a escola é fundamental em suas vidas.

Neste sentido, a primeira semelhança entre os jovens refere-se à forma como observam a importância da escola em suas vidas. São jovens que vivenciam todos os dias uma rotina de estudos em busca do conhecimento para alcançar seus objetivos. Almejam uma vida profissional estável e a melhor forma é buscar através dos estudos alcançar condições melhores de trabalhos futuro.

As duas jovens que estão cursando o ensino superior, por exemplo, manifestaram que o seu grande sonho é concluírem o curso e conseguir um emprego,

ou como disseram, se realizar profissionalmente. Vimos que os jovens encontram-se em situação distinta na vida. Dos cinco jovens, dois já estão integrados na divisão social do trabalho, mas pensam em integrar um curso superior, uma em psicologia e a outra em medicina. Já Alam destoou das anteriores quando ressaltou uma tendência pelo futebol.

Diante do que foi apresentado, os jovens que foram entrevistados passam por esse processo de construção e desenvolvimento social, por serem integrantes e socializados na sociedade moderna. Nesse sentido, é possível perceber que o indivíduo está sempre em construção e é dotado de qualidades que o faz desenvolver relacionando-se com o meio onde vive, adquirindo valores e interesses que já estão presentes na sociedade e contexto em que vive. Um exemplo disso foi citado pelos jovens é o caso da importância familiar. É um valor comum nas cidades do interior os laços fortes no interior da família. Esta questão foi ressaltada por todos os jovens e demonstra o quanto interfere na forma como percebem a vida.

Um dos pontos em comum entre todos os jovens entrevistados foi apresentado em suas representações quanto a buscar por condições melhores de vida através do seu esforço escolar. Juliana quer se formar em medicina, Maria em psicologia, Isabel em Engenharia Civil, Luana em Direito e Alam não definiu ainda, mas pensa em ser uma pessoa reconhecida profissionalmente. E todos estão nesse processo de ressocialização buscando uma transformação e uma inserção no mercado de trabalho e nas responsabilidades sociais. O processo de ressocialização é uma preparação do jovem para que ele se insira na “vida adulta” (VIANA, 2015, p.104-105).

Segundo Viana, a juventude é constituída socialmente na modernidade através do processo de ressocialização. Esta, por sua vez, é reforçada e cristalizada criando uma homogeneidade e determinadas características através dos meios oligopolistas de comunicação, ideologias científicas e pela ação estatal (VIANA, 2014).

Desta forma, a base social e unificadora da juventude é a ressocialização. Segundo Viana, esse processo tem por objetivo transformar o jovem em adulto, ou seja, integra-lo no mercado de trabalho e no mundo das responsabilidades sociais etc. Assim, em seu entendimento, a juventude é um produto da sociedade moderna, capitalista, caracterizada por estar submetida a um processo de ressocialização, cujo objetivo é a formação para o trabalho.

É neste contexto que os jovens de Barro Alto estão sendo formados. Uma parte já desempenha determinadas responsabilidades que poderiam ser desempenhadas por adultos, a exemplo de Juliana que é secretária de uma escola de inglês e Maria, que é operadora de caixa em uma casa lotérica. As outras duas estão no processo de preparação para o mercado de trabalho, enquanto um ainda não se definiu. Está claro que a probabilidade das duas jovens que já trabalham conseguirem cursar um curso superior é mais complicado, tendo em vista que dependem do trabalho para contribuírem com o sustento familiar. As outras duas que estudam são mantidas pela família e logo estão concluindo o curso para procurarem por um emprego em sua área de formação. Nesse contexto, a naturalização das relações sociais torna-se fortalecida. Há uma convicção de que o objetivo da vida é buscar por uma formação para ser integrado no mercado de trabalho. Para Rousselet (1974, p. 115) “se os jovens emitem novos juízos acerca do trabalho e do futuro é porque a juventude se tornou diferente, sendo-lhe possível, pois, e pela primeira vez, olhar os outros e a sociedade com uma visão que lhe é própria”.

Voltando à concepção de Groppo (2016), observa que para a compreensão dos jovens torna-se necessário relacioná-la com outras categorias sociais, por exemplo, com a categoria de classe social, de religião, de nacionalidade, de gênero e também observá-lo em seu contexto e momento histórico e a etnia à qual pertence. A este respeito, os cinco jovens integram a mesma religião, ou seja, a católica. Com exceção do pai de Maria, que integra a classe operária, pois atua na construção civil, os demais integram a classe da burocracia.

Por isso, ressalta o autor, a juventude dentro da sociedade moderna é um elemento estrutural e tratada como algo importante. Toda sociedade e cultura diferencia seus membros pelo gênero, parentesco, fases da vida. Contudo, o desenvolvimento é uma exigência colocada como essencial e manifesta nas ações de determinados grupos. Estes criam uma esfera social específica concebida em si como uma parte da vida relativamente separada do grau de parentesco, onde se institui a exigências de uma segunda socialização para o indivíduo.

Um dos pontos mais importantes para os jovens entrevistados se relaciona com a família. Na concepção que apresentaram a família é a base, o sustento e o amparo. Todos os participantes destacaram a importância do referencial familiar, tomando-a como base principal para suas vidas. Em uma das falas de Juliana, esta

diz que a família é a base de suas motivações, pois para ela a família é onde encontra refúgio para vencer os obstáculos. Assim como Maria, Isabel, Luana e Alam que destacaram a família como ponto principal de apoio. Segundo eles é a família que direciona trazendo segurança, motivação e amparo.

O jovem passa primeiramente pelo processo familiar para ser inserido na sociedade, adquirindo conhecimentos e valores que o levarão a se estabelecer nas relações sociais. Desenvolvem-se, assim, características específicas tanto moral, espiritual, sexual etc. Assim, quando são inseridos em sociedade mantêm contato com outros grupos criando vínculos de amizade estabelecendo um convívio semelhante ao que ocorre no interior das famílias, que são elementos importantes para entender os valores apresentados pelos jovens. Sendo assim, a família aparece para todos eles como um valor fundamental.

Toda a escolha é realizada dentro de um contexto social que inibe ou limita as próprias escolhas, e isso ajuda a compreender as representações cotidianas, pois os jovens entrevistados só podem analisar a realidade a partir do seu processo de formação, sendo um dos maiores mediadores do processo de formação externo que contribui para a formação dos indivíduos.

Diante do que foi apresentado na representação dos jovens, a família aparece como um dos valores fundamentais. Destacam elementos sociais que integram o seu interior, esses perpassam o vínculo familiar e estão bem presentes em cidades do interior em relação às grandes cidades. Prevalecem características marcantes de relações sociais tradicionais como: valores familiares, religiosos, respeito, e que são valores presentes que facilitam a proximidade com o meio onde vivem.

A juventude necessita e depende do meio externo cultural e social para se desenvolverem, pois, a identidade pessoal e social é adquirida a partir das relações sociais, no convívio com outras pessoas. Portanto, é importante o processo de socialização pelo qual passa a juventude, e é essencial e necessário, pois nessa fase ocorrem transformações físicas e psicológicas. Sendo assim, os jovens estão submetidos ao processo de socialização e necessitam se especializar em determinadas áreas de conhecimento. Os jovens passam por este processo de formação a partir da família, da comunidade e na escola, adquirindo conhecimento e se transformando.

Diante das informações e reflexos que tivemos com as entrevistas dos jovens, fica evidente que a percepção que apresentam sobre a música religiosa aponta um caráter formativo onde todos observam a música de forma construtiva. Assim, percebemos uma aceitação por parte dos entrevistados quando naturaliza (um dos aspectos das representações cotidianas), a música religiosa ao dizer que ela influencia e são motivadoras. Portanto, eles realizam uma aceitação passiva e consciente da música religiosa manifestando e justificando sua importância para a vida.

As representações que os jovens produziram sobre a música religiosa enfatizaram que esta integra o cotidiano de cada um, mas ao lado dessas músicas há outras diversas que são produzidas e divulgadas pelos meios de comunicação. Com a entrevista podemos perceber a relação deles com a música religiosa não só na igreja, mas no seu cotidiano também. Dos cinco jovens entrevistados, é notável o contato constante com a música, portanto, é possível perceber que estão em constante contato com produções musicais que ouvem e em sua maioria despertando diversos tipos de sentimentos.

O sentimento que as músicas despertam é um exemplo de que a música influencia. Quando analisado o que representa esta influência percebemos o quão complexo é na vida cotidiana. No que diz respeito às músicas sertanejas, por exemplo, a maioria estão convictos de que é a música mais aceita e ouvida. Isabel e Luana, talvez por frequentarem o espaço acadêmico, apresentaram um gosto musical que é típico deste ambiente. Isabel, por exemplo, ressaltou a música MPB e Legião Urbana, tão propalada pelos universitários. Já Luana destacou o gosto musical por diversos artistas consagrados no rock nacional, como Raul Seixas, Renato Russo, Tim Maia, Elis Regina e também do rock internacional, como Beatles. Esta questão demonstra o que a teoria das representações cotidianas nos aponta que as relações sociais que um determinado indivíduo integra, interferem em suas representações.

Outro fato a ser considerado, e talvez o mais importante, é que todos os jovens que concederam entrevista nesta pesquisa participam da Paróquia Nossa Senhora da Abadia. Os cinco são católicos e são de famílias católicas. Na entrevista realizada demonstraram considerar a importância da música religiosa em seu cotidiano. Para as jovens Juliana e Maria a música religiosa tem a mesma representação, influenciando na forma de pensar e agir, pois acreditam que ela tem a

capacidade de mudar atitudes para o bem. As músicas que é tocada na igreja tem uma conexão com a igreja e com Deus. Segundo elas, as músicas servem para ter um encontro com Deus, e são significativas na construção de valores pois mexem com os sentimentos trazendo bem-estar, tranquilidade e reflexão. Já Isabel e Luana destacam a música religiosa como sendo motivadora.

O que se percebe é que a música religiosa gera uma forma de representação da vida. A crença em Deus é fortalecida e este como meio de proporcionar o bem-estar, a tranquilidade e a motivação. Há nesta representação uma convicção de que a música religiosa pode favorecer uma melhoria na vida. Considerando por este prisma, a música religiosa colabora para o processo de regularização das relações sociais. Como aponta Marques (2018, p. 23-24), ela contribui com este processo por expressar “ideias, valores de uma forma figurativa e interfere na dinâmica da luta de classes”. A questão é que a visão dos jovens sobre a música não vai além da música religiosa. Se a música traz tranquilidade, bem-estar e motivação, isso quer dizer que vivem em um certo grau de mal-estar, desmotivação e intranquilidade. Isso fica claro quando recorremos a Rousselet (1974), quando ele expressa que o jovem vive um estado de inquietação em relação ao futuro. Segundo este autor:

Quando são em tão grande número os que colocam a garantia do emprego na primeira linha das suas preocupações, limitam-se a demonstrar o seu perfeito conhecimento em relação à incapacidade de os adultos dominarem o conjunto dos fatores socioeconômicos de que a sua futura existência depende. No seu lugar, quem não se sentiria angustiado ou amargurado? Que preço atribuir a um trabalho incapaz de satisfazer as ambições, de recompensar os esforços escolares passados, em prometer tão-só a segurança? (ROUSSELET, 1974, pp. 104-105)

Ao mesmo tempo revela que a realidade na qual vivem provoca sensações que levam ao descontentamento. Neste contexto, a música religiosa funciona como catalizadora das intempéries sociais. Provoca a desestruturação de comportamentos críticos da realidade e destina à música o papel essencial de controle individual, subjetivo.

Nesse sentido, a música religiosa pode ser considerada como um meio de comunicação simples para conquistar, expressar e integrar as pessoas, contribuindo na construção do saber, na desinibição do seu modo de ser, abrindo possibilidades

de exploração e descoberta. Portanto, a música se faz presente nos diversos contextos sociais, auxiliando e contribuindo na formação desses jovens. A música religiosa enquanto arte, no entanto, expressa sentimentos e também desperta sentimentos. Isso porque:

A música não é só uma técnica de compor sons (e silêncio), mas um meio de refletir e de abrir a cabeça do ouvinte para o mundo [...] com sua recusa a qualquer predeterminação em música, propõe o impossível como lema, um exercício de liberdade que ele gostaria de ver entendido a própria vida, pois tudo o que fazemos (todos os sons, ruídos e não-sons incluídos) é música (CAGE apud BRITO,2003, p. 27).

Tudo isso ajuda a compreender o que foi citado por Juliana, Maria e Isabel quando dizem que a música leva a refletir e pensar. As músicas que são apresentadas não são feitas só para serem ouvidas e têm um propósito de transmitir uma mensagem auxiliando como um meio que leva à reflexão. A música se faz presente nas igrejas e em todos os lugares no cotidiano dos indivíduos. E está presente de forma diversificada nos meios de comunicação, mas em muitas vezes a mídia impõe um estilo musical que acaba induzindo os indivíduos a ouvirem só as canções que ela veicula e quer que sejam ouvidas.

O peso que representam os meios de comunicação na formação dos jovens pode ser notado na própria preferência musical dos mesmos, e acaba por transpor-se às músicas religiosas com as quais têm contato na igreja. Na representação de Juliana, Maria e Isabel apresentaram seu gosto musical por músicas sertanejas, Luana por MPB e rock, e Alam músicas Eletrônicas. Sendo assim, mesmo tendo preferência por outros estilos musicais, todos os jovens destacaram a música religiosa dizendo que é importante na vida deles, pois, acreditam que exerce influência em suas vidas.

Em geral, as representações dos entrevistados apontam para a percepção de que a música religiosa é uma forma de transformação, como um instrumento que desenvolve a mente humana e ao mesmo tempo proporciona sentimentos de bem-estar, provocando sensações de mudanças.

Concordando com Faria, quando diz que “a música passa uma mensagem, revelando a forma de vida mais nobre, a qual a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não só no inconsciente, mas toma conta das pessoas envolvendo e trazendo lucidez na consciência” (FARIA, 2001, p. 4).

Diante do que foi realizado nas entrevistas os cinco jovens apresentaram em suas representações que as músicas religiosas são importantes. As músicas religiosas que são tocadas e cantadas na igreja contribui para a formação dos indivíduos, e são capazes de transmitir uma mensagem, causando sensação de emoção envolvendo os sentimentos. Entre todos os entrevistados eles destacaram que a música religiosa envolve sentimentos e traz essa emoção quando são ouvidas tanto na igreja como no cotidiano.

A análise que podemos realizar sobre as representações cotidianas de alguns aspectos sobre a música religiosa na vida desses jovens, foi devido às influências culturais e pessoais que eles têm em contato com essas músicas na igreja e em seu cotidiano, que contribuem para verem a música religiosa como algo importante para suas vidas. Em todas as representações que apresentaram, destacaram que a música religiosa é importantes e contribui no sentido de favorecer um estado de tranquilidade, e que mesmo gostando de outros estilos musicais, ela não deixa de ser importante e essencial, pois, é capaz de transformar a vida e auxilia na formação pessoal, na tomada de decisões.

Uma das músicas preferidas de Maria é “Tu És, meu tudo”. Quando perguntei porque gostava tanto dessa música e qual a sensação que ela provocava quando estava ouvindo enfatizou que:

Porque ela mexe muito comigo! Que mesmo diante das situações difíceis Deus vai estar comigo. Eu imagino a pessoa que fez essa música devia estar vivendo uma situação muito difícil, sabe? E aí a música fala isso. Mesmo nas batalhas, diante das muralhas sei que vencerei, pois tu és meu tudo, tu és meu Deus. E eu me apego nisso quando eu estou triste ou quando as coisas dão tudo errado, eu vou além e sei que tem um Deus que é maior.

É nesse sentido que destacou mesmo diante de situações difíceis se sente bem ouvindo essa canção, pois, traz em sua representação a presença de Deus, que para ela possibilita conforto e amparo, acredita que não está só. E apresentou na sua consciência imaginava a pessoa que fez essa canção estava passando por um processo difícil na vida também.

Esse dado apresentado por Maria, torna-se complexo quando relacionado com o cotidiano vivido por esta e pela maioria os indivíduos. Uma das características da sociedade moderna é o privilégio pra uns e o a submissão e descontentamento para

outros, como já ressaltou Luxemburgo (2011, p. 208), “a fonte da miséria dos trabalhadores é a propriedade privada dos capitalistas e proprietários de terra”. A maior parte da sociedade vive no limite do que necessitam para sobreviver. O descontentamento está latente e visível. Isso é notado no índice de violência cada vez mais crescente, na pobreza, nas diversas dificuldades que as pessoas passam em seu cotidiano.

Neste contexto, os indivíduos buscam fugir da situação em que vivem, daí a importância que a música religiosa representa. É notável no depoimento de Maria que a música religiosa, no caso específico desta, aponta para a motivação que favorece uma situação de dificuldade. Pode-se até imaginar que a música religiosa perderia o sentido se não vivesse em uma situação complicada. Talvez isso explique o quanto a música religiosa torna-se importante para a vida desses indivíduos, uma vez que grande parte da sociedade vive em estado de pobreza, tanto espiritual quanto social, econômica, cultural etc.

Como Marx (1972) já havia percebido, “a angústia religiosa é, por um lado, a expressão da angústia real e, por outro, o protesto contra a angústia real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito de condições sociais de que o espírito está excluído”. O depoimento de Maria torna-se revelador ao demonstrar que a música religiosa se torna importante em um momento de tristeza ou quando as coisas aparentemente não caminham conforme o planejado, ou, como ela diz “quando as coisas dão tudo errado”.

De maneira geral, os cinco jovens apresentaram posicionamentos muito semelhantes. Sendo assim, os jovens demonstraram uma aceitação quanto às músicas religiosas, músicas estas que são ouvidas no seu cotidiano, ocorrendo um processo cotidiano e individual na formação de cada um. Uma das coisas mais específicas entre eles, foi o interesse que eles demonstraram em relação ao tema que foi apresentado.

Sobre os três aspectos citados pelo autor, ou seja, de serem as representações verdadeiras, falsas e contraditórias, cabe ainda algumas considerações a respeito dos jovens entrevistados. Todos eles expressaram que ouvem músicas religiosas na igreja e alguns em casa. Isso é, obviamente, verdadeiro, pois frequentam a igreja, onde as músicas são veiculadas. No que diz respeito às representações falsas, podemos destacar o grau de importância da música religiosa diante de outras que são veiculadas pelo capital comunicacional. Há na representação que criaram a ideia de

ser a música religiosa importante, mas ao responderem sobre o gosto musical pessoal, destacam outras, com exceção de Juliana, que ao lado de músicas sertanejas enfatizou que ouve cotidianamente a música Tua Família, do ministério Anjos de Resgate. Pode-se considerar que a música sertaneja, o rock e a música eletrônica estão no topo das músicas mais valorizadas, uma vez que apareceram, inclusive, nas mensagens inconscientes demonstradas pelos jovens.

Nesse sentido que para compreender as representações desses jovens, é fundamental entender as relações reais que os envolve, pois, é por meio delas que entendemos as formas de consciência que são formadas. A teoria das representações cotidianas enfatiza que as representações não definem as ideias como sendo verdadeiras, e sim como ideias produzidas pelos indivíduos que podem ser verdadeiras, falsas ou contraditórias. Elas só podem ser compreendidas tendo a sociedade como foco, pois, este fenômeno pesquisado são as representações cotidianas e não a realidade social ou material dos indivíduos. Dessa forma entende-se que:

Os homens são produtores de suas representações, e ideias etc., mas os homens reais, e ativos, são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que podem tomar. A consciência jamais pode ser mais do que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real (MARX, 2008, p. 85).

A análise das representações cotidianas dos jovens, reproduz um discurso no qual é possível racionalizar e legitimar suas tomadas de decisões. Os jovens têm liberdade de escolha visto como um indivíduo fora das relações sociais. Dessa maneira, se sente livre e passa a ter autonomia diante de suas decisões, mas vivem numa sociedade capitalista onde não pode se expressar de maneira autêntica, pois sempre terá que cumprir aquilo que é imposto pelo próprio mundo capitalista.

Sendo assim, a consciência dos indivíduos é pautada e formada a partir de um processo social e histórico que vai sendo construído na sua história de vida, pela influência do meio social, cultural e principalmente pelos meios de comunicação influentes, desenvolvendo representações sobre questões referentes ao convívio social e familiar.

A música religiosa ajusta-se a vários momentos, tanto dentro como fora das igrejas, mas traz em suas características uma essência importante que é a evangelização. Independentemente do nível, a música católica possui uma identidade que a caracteriza. De modo geral, ela sempre visa direta ou indiretamente atingir aspectos que norteiam a fé cristã, perseverança, ânimo, conversão, etc. (OLIVEIRA, 2008).

Para a jovem Juliana, a música religiosa influencia na sua vida cotidiana, no modo como pensa e age diante da sociedade. Em sua visão a música religiosa tem uma conexão com a igreja e com Deus, a qual, segundo ela, leva as pessoas a realizarem uma reflexão e pensar quando precisam tomar decisões. As músicas religiosas trazem em seu contexto características capazes de influenciar a vida dos indivíduos. É na família onde encontram o seu maior apoio e se sentem seguros.

A música envolve sentimentos e provoca sensação de bem-estar e reflexão. Na sua representação a música envolve tranquilidade e esperança. Sendo assim, na sua concepção a música religiosa tem um propósito que é ensinar a amar a Deus sobre todas as coisas, porque é um mandamento da lei de Deus, e é um intermédio entre a igreja e as pessoas que as ouvem. No decorrer da entrevista podemos perceber que a música religiosa é importante e influencia na sua vida cotidiana, principalmente no seu modo de agir e pensar. Desta forma, para ela a música tem essa função e está ligada com a igreja e com Deus, e contribui para as pessoas serem melhores.

É dentro desse contexto que a ligação entre música, Deus e a igreja está em uma mesma sintonia, influenciando os indivíduos no seu processo de formação espiritual e social. A religião, através da música, torna-se presente na vida dos jovens como foi citado anteriormente, eles participam da paróquia Nossa Senhora da Abadia, e uma das funções das instituições religiosas é ensinar a amar a Deus e ao próximo, e não perder a fé e a esperança.

Em vista disso, entendemos que o processo de humanização é o caminho pelo qual o ser humano pode chegar a ser consciente de si mesmo, de sua forma de atuar e pensar, quando desenvolve todas as suas capacidades pensando não só em si, mas nos demais circundantes (SOUSA e MARTINS FILHO, 2018).

Na representação de Maria, ela destacou que a música religiosa a faz ter um encontro pessoal com Deus, e que a faz sentir-se mais próxima dele. Nos momentos de tristeza, quando está vivenciando situações difíceis e uma de suas primeiras

opções é a música. Em sua concepção as músicas religiosas trazem algo de bom, fazendo as pessoas se sentirem melhor e capaz de transformar o que está difícil naquele momento. Para Maria, as músicas religiosas podem mudar atitudes para o bem, pois suas letras ensinam coisas boas, ensinam a esperar com paciência e a ter fé, acreditando que ela realmente influencia na forma de pensar, levando a ter um encontro com Deus. Por este motivo, a música religiosa a mantém segura por sentir que está amparada pelos cuidados de Deus. Podemos perceber que de acordo com sua representação, a música religiosa influencia na sua forma de pensar pois, a leva a uma reflexão auxiliando na tomada de atitudes e decisões diárias em seu cotidiano.

A respeito da influência, o que se percebe é que os jovens apresentam uma ideia de que a música religiosa constrange as pessoas a pensarem a vida pautada por uma paz interior, individual, subjetiva. Talvez a maior das influências seja realmente a manutenção e reprodução da própria ideia de Deus. Como ficou explícito nas entrevistas, através da música a igreja consegue ir até a casa de cada um; consegue tornar presente a ideia de Deus. Esta forma de influência garante à igreja o seu lugar na cidade. Torna-se um elo entre os fiéis, que distantes, tornam-se presentes através da música.

Para Isabel as músicas religiosas que são tocadas na igreja contribuem para o bem-estar, e ressalta que ama ouvi-las, principalmente quando está triste. Podemos perceber que, tanto Maria como Isabel e Luana veem a música religiosa da mesma forma, e que quando se sentem tristes gostam de ouvi-las. Em sua concepção ressalta que tem horas que só quer ouvir músicas religiosas, mas em outros convívios sociais, como em festas, prefere as músicas de sucesso. Isabel demonstra o quanto a música se faz presente no seu cotidiano, e o que mais gosta em uma música religiosa é a paz que ela transmite. Apresenta em suas representações que a música religiosa influencia no seu cotidiano trazendo paz, e quando se sente triste ou impaciente escuta as músicas pois, a faz sentir tranquila e ressalta que as músicas religiosas só influenciam o bem na vida dos indivíduos.

Para Isabel as músicas religiosas contribuem em sua vida, e as letras das canções a levam a uma reflexão, por trazer emoção e tranquilidade. As músicas religiosas expressam sentimentos e são importantes por transmitir sensação de bem-estar, principalmente as que falam de gratidão, família e amor. Assim, percebe-se que dentro de suas respostas a música religiosa influencia no seu cotidiano.

Luana destaca também em sua representação que as músicas religiosas estão presentes no seu cotidiano e possuem em sua concepção uma importância por serem capazes de influenciar as pessoas que as ouvem, servindo como uma motivação quando se passa por momentos difíceis na vida, pois trazem paz e conforto. Para ela as músicas religiosas são motivadoras, e as músicas de sucesso servem para se divertir. Sendo assim, demonstra que a música religiosa também tem um sentido e um significado em sua vida, ressaltando que ela ensina as pessoas a serem fortes, ter esperança, e também ensina a não desistir e seguir em frente em busca de seus objetivos. Em sua concepção, a música religiosa tem essa função de influenciar, não que elas são essenciais, mas auxilia ajudando na vida profissional, nos sonhos a serem realizados e na vida pessoal.

Alam compartilha da mesma crença que as anteriores e relata que para ele a música religiosa influencia na vida, pois as músicas religiosas tem um significado em sua vida, por pensar que são motivadoras, acredita que as próprias letras trazem características que ensinam a ter fé e esperança. O que se percebe é que há uma insistência dos jovens no aspecto religioso de ter fé e esperança. Isso significa que a religião acaba exercendo um papel através da música de criação de um projeto social de vida. Aparentemente desempenha o mesmo papel pedagógico que a educação, o de construir uma ideia de futuro, mas ao mesmo tempo de tornar o indivíduo pacífico diante dos problemas atuais e o leva a criar a crença de que este momento seja passageiro e poderia ser superado no futuro.

De modo geral os jovens apresentaram posicionamento semelhante diante da música religiosa. Assim, foi apresentado na entrevista, estes também apresentaram concepção contraditórias a respeito das informações inconscientes, nas perguntas que pedem para imaginarem uma situação, pois deixam transparecer que a convicção de preferência musical é a que toca nos meios de comunicação como TV, rádio, etc., e não as que ouvem na igreja.

De acordo com suas representações podemos destacar que para Juliana e Isabel, que destacaram a preferência por músicas sertanejas e que apesar de gostarem de músicas religiosas e dizer que são importantes em sua vida cotidiana, são as sertanejas que indicariam em relação a pergunta que fizemos na entrevista, destacando que as músicas de preferência são as sertanejas. A juventude é um segmento priorizado no mercado de consumo na sociedade capitalista. O jovem está

em constante transformação e gosta de músicas diversas, assim como citou Juliana quando diz que “porque o sertanejo todo mundo escuta”. No caso de Isabel, ela pertence às classes privilegiadas, não possui muitas responsabilidades sociais pois, dedica maior parte de seu tempo especificamente ao estudo, não desempenha um trabalho formal e mora com seus pais. Assim, tem mais tempo livre para realizar as atividades que lhe são interessantes, como principalmente ouvir “música sertanejas”, gênero musical de sua preferência. Luana e Alam também apresentam a mesma contradição. Quando observamos a situação de vida real, suas influências culturais e pessoais, compreendemos alguns limites que também contribuem para transformação da forma com que vê a música religiosa.

Assim, podemos perceber uma aceitação parcial por parte deles quando naturalizam (um dos aspectos das representações cotidianas) a música religiosa ao dizer que ela é necessária, quando afirmam que ela favorece a vida, pois acreditam que são influentes. Sendo assim, existe uma contradição entre os sentimentos e a consciência. Portanto, eles realizam uma aceitação passiva e consciente sobre a música religiosa, mesmo diante do gênero musical de preferência aceitam a música religiosa.

A música é utilizada na igreja para o louvor e a adoração, comunicar o evangelho, confraternização, festas, reuniões, casamentos, ensaios e realizadas nos cultos. A música se faz presente no cotidiano dos indivíduos. Como foi apresentado pelos jovens, que mesmo gostando de outros gêneros musicais têm grande apreciação pelas músicas religiosas e acreditam que elas são transformadoras de ideias, pois, levam a uma reflexão e auxiliam na tomada de decisões.

De maneira global, os jovens entrevistados apresentaram posicionamentos muito semelhantes diante da música religiosa, pois para eles as músicas são motivadoras e ajudam a estar mais próximo de Deus. A música religiosa direciona e oferece uma forma de expressão comunitária e particular, pois direciona o pensamento dos indivíduos para Deus, formando uma unidade, manifestando características complexas que englobam as mais diversas tendências (OLIVEIRA, 2008).

A música religiosa é um convite para o louvor e adoração, propondo uma unidade entre a humanidade e Deus. “Essas canções normalmente fazem perguntas, questionam, aconselham, propõem e convidam. A maior diferença desta característica musical é que o convite ou proposta é voltada na relação do outro para com Deus”

(OLIVEIRA, 2008). Sendo assim, a música pode ter diversas finalidades e ser utilizada para diversos fins, mas o tema proposto foi descobrir as representações cotidianas que os jovens produzem sobre a música religiosa. Ela participa e pode contribuir ajudando no modo como ela é transmitida, pois o principal motivo é que a evangelização aconteça na vida das pessoas. Segundo Oliveira, (2008) “nos momentos de transformações, reflexões e ações vividos pela igreja, uma história está unida à outra porque a música também foi e continua sendo uma forma de evangelização e com resultados satisfatórios”.

Nas representações que os jovens fazem, eles analisam bem as letras das canções pois, são elas que direcionam a sua forma de pensar. “O grande desafio é saber distinguir o que vem de Deus e o que vem do homem para definir até onde este pode interferir no aperfeiçoamento da letra e da melodia” (MURADAS, 2001). As músicas religiosas que foram destacadas pelos jovens falam de família, amor, gratidão, esperança e fé. Na representação que fazem da música acreditam que ela traz tranquilidade e proporciona um bem-estar, pois envolve sentimento e emoção.

Segundo Papa Bento XVI, (2017) “a grandeza da música é a prova mais imediata e evidente da visão cristã do homem e da fé salvífica cristã que a história pode nos oferecer. Quem quer que seja verdadeiramente tocado por ela, sabe nos mais profundo de si que a fé é verdadeira”. Nesse terceiro capítulo o objetivo foi traçar uma análise das representações que os jovens produziram sobre as músicas religiosas. A proposta foi considerar os pressupostos teórico-metodológicos da teoria das representações cotidianas para analisar o material informativo apresentado no segundo capítulo. A análise global das entrevistas envolvendo os cinco jovens entrevistados foi o objetivo central. Com esta análise concluímos desta parte analítica e agora teremos condições de apresentar as considerações finais a respeito do tema abordado.

Considerações finais

Esta pesquisa propôs como objetivo geral descobrir as representações cotidianas que jovens de Barro Alto-Go produzem sobre a música religiosa. Portanto, a pesquisa com representações cotidianas foi concluída e mesmo diante dos desafios e obstáculos foi apresentada e realizada. Assim, se fez necessário um estudo das representações cotidianas para compreender o processo em que os indivíduos geram para criar suas próprias representações, e como é constituído o que os jovens produzem de representações. A música religiosa é usada por diversas tendências religiosas, e cada uma utiliza-se da música para evidenciar sua própria filosofia, sua própria concepção. Esse aspecto gera variadas formas de representações, por isso o foco era verificar quais representações os jovens produzem sobre a música religiosa.

Os jovens são bastante atraídos pelas músicas que são tocadas nas igrejas, por isso, foi importante compreender se essas músicas exercem alguma influência na vida cotidiana. E para conseguir uma resposta mais aprofundada das opiniões e convicções sobre a música religiosa foi preciso um instrumento de análise que nos possibilitasse esse rigor, por isso recorremos à teoria das representações cotidianas. Assim, verificamos que na vida cotidiana que se constituem a consciência e as ideias. Foi seguindo esta lógica que vimos a importância de pesquisar inicialmente o contexto no qual os cinco jovens vivem, questão que fizemos no segundo capítulo. Posteriormente tratamos de sistematizar o conteúdo das entrevistas, de forma que tivéssemos possibilidade de evidenciar a representação que cada um criou sobre as músicas religiosas.

O instrumento mais eficaz que nos auxiliou a superar os obstáculos apresentados acima para analisarmos as representações cotidianas foi a entrevista interpretativa, instrumento inspirado nas contribuições psicanalíticas e no método dialético que nos auxiliou em uma análise aprofundada das entrevistas sobre os jovens entrevistados.

Sendo assim, buscou-se realizar uma verificação sobre as representações cotidianas de cinco jovens de 16 a 20 anos participantes da paróquia Nossa Senhora da Abadia em Barro Alto-Go. O foco principal foi verificar as suas representações cotidianas sobre a música religiosa. Contudo, antes de chegar ao ponto de analisar essas representações fizemos uma discussão sobre a Sociologia da juventude, com

o objetivo de compreender o conceito de juventude e suas múltiplas determinações na sociedade. Em seguida realizamos uma abordagem sobre a esfera musical e a música religiosa, apresentamos uma discussão sobre a cidade de Barro Alto e a história da igreja na qual os jovens participam, e por fim as representações cotidianas e sua base real, que tem sua gênese no pensamento de Marx, finalizando com cinco entrevistas, utilizando a técnica de pesquisa específica que é a entrevista interpretativa.

Assim, a partir das entrevistas interpretativas pude refletir sobre as representações cotidianas dos jovens que vivenciam no seu dia-dia um contato com diversos gêneros musicais. Considero que os resultados proporcionaram a possibilidade de se ter uma percepção mais completa dos entrevistados, interpretando dentro de cada contexto sua história de vida, sua formação cultural, a classe social na qual estão inseridos, seu gênero musical de preferência, e suas representações em relação à música religiosa. O método dialético permitiu pensar de forma mais profunda esse amplo material informativo fornecido pelos entrevistados através do questionário interpretativo. O questionário interpretativo teve como objetivo discutir o caráter social dos jovens e através da técnica da entrevista interpretativa verificamos os sentimentos, valores, concepções que foram formados sobre estas músicas.

As representações dos jovens apontaram para uma concepção de que a música religiosa é importante para o crescimento e formação das ideias. O processo de ressocialização em que os jovens estão submetidos determinam, valores, concepções e sentimentos. São jovens que estão no processo de formação para serem integrados no mercado de trabalho. Dois deles já integram a divisão social do trabalho, mas todos eles integram a mesma sociedade, a qual é pautada pelo conflito e pelo descontentamento social. Neste ponto é que a música religiosa desempenha um grande papel, qual seja, o de tornar o descontentamento mais brando, mais apaziguado. A música religiosa contribui para a ordem estabelecida, pois desperta um sentimento de tranquilidade em um mundo de intranquilidade; cria um sentimento de paz interior em um mundo dominado pelas guerras, pelo conflito; cria um sentimento de harmonia em um mundo dominado pela desarmonia. Esta é uma exigência realizada na sociedade capitalista para uma inserção futura nas relações de trabalho através da qualificação da força de trabalho especializada.

O que ficou em evidência é que a juventude se constitui socialmente em um processo de ressocialização, e um dos pontos essenciais é a sua inserção no mercado de trabalho. Por isso é preciso levar em conta o caráter social e histórico, com seu meio cultural e social. Dentro desse conceito, a música religiosa se faz presente na cultura dos indivíduos exercendo o seu papel de possibilitar que esse processo ocorra sem muitos atropelos. Sendo assim, um meio de comunicação capaz de expressar e integrar, auxiliando na construção de conhecimento. Desse modo, a música se caracteriza em um poderoso instrumento de desenvolvimento, proporcionando sentimentos de bem-estar. A música possui o poder de modificar o sentimento e a forma de pensar do indivíduo e provoca mudanças.

Compreendemos que as representações são formas de representar e reproduzir, considerando o jovem um ser social integrante de determinadas relações sociais. Nesse sentido, as representações que produziram foram destacadas interpretando a realidade apresentada, que se fez presente no modo de vida e no contexto histórico e cultural na cotidianidade. São jovens de uma cidade do interior, enquanto tal produzem uma representação da vida de que a educação é o meio fundamental para alcançarem o sucesso, para se tornarem autônomos financeiramente e lhe dá a possibilidade de constituir uma família.

A análise nos permitiu perceber a classe social que os jovens pertencem, as semelhanças e diferenças das representações que produziram sobre alguns aspectos da vida e da música religiosa em específico. O grau de escolaridade também foi importante, para demonstrar as diferenças das representações que foram destacadas pelos jovens entrevistados. O foco foi a análise das representações cotidianas, sendo fundamentais para identificar as representações apresentadas por eles.

Juliana, Maria, Isabel, Luana e Alam são nomes fictícios de jovens reais. Todas as escolhas dos jovens são realizadas dentro de um contexto social e muitas vezes são limitadas. Eles vivem permeados por uma cultura de ideias que cria uma ilusão de liberdade, no entanto, a realidade é diferente para cada um. Compreendemos que os valores que foram apresentados nas entrevistas, contribuíram para entender a vivência dos jovens com o mundo, pois, reproduziram aqueles que são predominantes, a exemplo do gosto musical que é gerado e criado pelo capital comunicacional.

Os jovens residem em uma sociedade capitalista e percebemos que um dos principais objetivos é a busca de uma formação profissional. Os jovens estão submetidos a um processo de ressocialização que visa uma ampliação da divisão social do trabalho, diante da vida real. Percebemos que o indivíduo está sempre em construção, relaciona-se com o meio onde vive, e adquire valores e interesses que já estão presentes na sociedade e contexto em que vive. Todos os entrevistados destacaram a importância do referencial familiar, tomando-a como base principal para suas vidas, necessitando e dependendo do meio externo cultural e social para se desenvolverem.

A percepção sobre a música religiosa aponta um caráter formativo onde todos vêm a música de forma construtiva. Isso quer dizer que a representação que criaram apresenta a música religiosa como um ponto importante na vida em sociedade. Uma música que interfere na forma de ser, pelo menos criando um ponto de intercessão entre as relações sociais conflituosas e o indivíduo. As representações produzidas sobre a música religiosa enfatizaram que ela integra o cotidiano de cada um, e o sentimento que a música desperta é um exemplo de que a música influencia, pois cria um limite em suas ações. Este limite pode ser evidenciado no sentido de constrangê-los a pensar que o mundo em que vivem é natural e que as dificuldades podem ser superadas através dos estudos.

As representações cotidianas criadas por esses jovens mostram que eles gozam de uma consciência social e historicamente produzida. Uma consciência que compreende o mundo em suas próprias contradições. Que no interior destas é necessário buscar por caminhos para continuar a vida, daí o papel da música religiosa. Esse ponto apareceu em todas as entrevistas e deixou claro que há uma certa homogeneidade na forma de pensar sobre essas canções.

A música está presente nos diversos contextos sociais, contribuindo na formação dos indivíduos. Sendo assim, a música pode ser considerada como um meio de comunicação simples para conquistar, expressar e integrar as pessoas, ajudando na construção do conhecimento. Analisando o que representa essa influência percebe-se o quão complexa é na vida cotidiana. A música sertaneja é a música mais ouvida e tocada nos meios de comunicação, daí ser também a preferida pela maioria dos jovens entrevistados, que demonstram essa preferência sobreposta ao gosto das

músicas religiosas. Os jovens vêem a música importante para o processo de formação, cada um com uma representação diferente dentro do seu contexto social e histórico.

Em síntese, a representação que os jovens produziram sobre a música religiosa, demonstra que a igreja consegue uma ligação mais constante com seus fiéis através da canção. Mesmo não estando na igreja os jovens ouvem as músicas em casa ou em momento de viagens. Pouco a pouco assimilam as ideias cristãs, interiorizam os valores religiosos, a delegação da vida a Deus. O que deixaram claro é que a música religiosa desperta para o sentimento de que favorece a harmonia social através de um aspecto subjetivo.

A dissertação representou para mim um grande avanço no conhecimento, pois uma das minhas inquietações era descobrir o que os jovens pensam da música religiosa e se ela influencia na vida deles. Através dos estudos realizados sobre o referencial teórico, entrevistas e das análises, pude perceber e interpretar as representações que os jovens fazem da música religiosa de forma distinta do que pensava inicialmente. Pude superar a própria ideia de que há uma forma homogênea de pensar a música e também a sua contribuição na vida de cada pessoa.

Durante o processo de desenvolvimento dessa pesquisa fui refletindo e percebendo o quanto a música religiosa também é importante no processo de formação dos indivíduos, não que ela seja o gênero musical de melhor qualidade ou o mais importante, mas na visão de que ela é fundamental também na formação e concepção de pensamentos bons, onde os indivíduos através dela podem mudar conceitos e percepções, adquirindo um caráter bom para o meio social onde vivem. Se a música é transformadora, motivadora e traz bem-estar às pessoas, essas representações podem contribuir para uma sociedade melhor e precisam ser trabalhadas de forma mais abrangente nas instituições religiosas. A música religiosa católica está ligada à história de evangelização das instituições religiosas. Apesar da diversidade de gêneros musicais ela é tão básica e importante para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

Referências bibliográficas:

AUGUSTIN, Debora. GEARA, Gabriela. *Desnaturalizando o conceito de juventude Através dos tempos*. Disponível em: <http://www.urfrgs.br/e-psico/subjetivação/tempo/juventude-texto.html>. Acesso em: 28 de julho de 2018.

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos*. Campinas: Verus Editora, 2005.

ANDRADE, Mário. *Pequena história da Música*. São Paulo: Martins, 1944.

AQUINO, Thaís Lobosque. *A música na formação inicial do pedagogo: embates e contradições em cursos regulares de Pedagogia da região Centro-Oeste*. Dissertação de mestrado defendida pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, 2017.

BAJOIT, G. e FRANSSSEN, A. O trabalho, busca de sentido. *Revista Brasileira de Educação-ANPED*, 1997, 5 e 6,76-95.

BAUER, M.W. *Análise de ruído e música com dados sociais*. In: BAUER, M. W: GASKELL, G. (Ed). *Pesquisa Qualitativa com textos, imagens e som: Um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 365-389.

BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BENNET, Roy. *Uma breve história da música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BRÉCIA, Vera Lúcia Pessagno. *Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo, 2003.

BRENNER, Ana. K., DAYRELL, Juarez. & CARRANO, Paulo. *Culturas do lazer e do tempo livre*. In: H. W. Abramo e P. P. M. Branco (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, p.175-214.

BRITO, T. A. de. *Música na educação infantil*. São Paulo: Petrópolis, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis: vozes, 2009.

CLARET, Martin. *O poder da música*. São Paulo: Martin Claret,1990.

CAMPBELL, Patrícia. S.; CONNELL Claire. & BEEGLE, Amy. *Adolescents' Expressed Meanings of Music in and out of School*. In: *Journal of Research in Music Education* 55 nº3. Fall 2007, p. 220-236. Disponível em: <http://jrm.sagepub.com> – Acesso em 26/07/2018.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988. Artigo 206. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em outubro de 2018.

DUARTE, N. *A Individualidade Para-se: contribuições a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. Campinas: Autores Associados, 1993.

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELLMERICH, Luis. *História da Música*. São Paulo: Fermata, 1977.

ERICKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FARIA, Márcia Nunes. *A música, fator importante na aprendizagem*. Assis chateaubriand – Pr, 2001. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.

FREGTMAN, Carlos Daniel. *Corpo, música e terapia*. São Paulo: Cultrix. São Paulo: Editora três, 1999.

FONTEERRADA, Maria Trench de Oliveira. *De tramas e fios*. São Paulo: Unesp, 2008.

GAINZA, V. Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Summus, 1988.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2005, pp.38-45.

GROUT, Donald J.; Palisca, Claude V. *História da música ocidental*. Lisboa: Gradiva, 1994.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventudes: Sociologia, cultura e movimentos*. Alfenas, 2016.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. *O cérebro em transformação*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.

HUSTAD, Donald P., Regozijai! *A música cristã na adoração*. Texas: Casa Batista de Publicações, 1998), 21-23.

_____. *Jubilate – A música na igreja*. Tradução de Jubilate! Church music in the evangelical tradition. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.

IBGE, Barro Alto. Consulta em 18 de outubro de 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/barro-alto/panorama>.

GUIMARAES, José Aldair Guimaraes. *Livro Tombo. Escritos e relatos*. Barro Alto: caderno de registros, 1990.

LEMES, Carolina Teles; SOUSA, Ivone Félix de; MARTINS FILHO, José Reinaldo F. *Juventude e religiosidade: O caso de jovens universitários*. São Paulo: Fonte Editoria, 2018.

LEVINSKY, Devid. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LEONTIEV, Alexei. *O Desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizontes Universitários, 1978.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. *O ensino de música na escola fundamental*. Campinas: Papirus, 2003.

LUXEMBURGO, Rosa. *Textos Escolhidos: volume 1*. São Paulo: Unesp, 2011.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Bomtempo, 2007.

_____. *Sobre a Religião*. Lisboa: Edições 70, 1972.

MARQUES, Edmilson. *Música Crítica e a Esfera Musical no Brasil*. In: SOUZA, Erisvaldo. *Música e Sociedade no Brasil*. Curitiba: Prismas, 2018.

_____. Edmilson. *Representações cotidianas, Teoria e pesquisa*. Curitiba: CRV, 2018.

MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempos e movimentos sociais*. *Revista Brasileira de Educação – ANPED 5 e 6*, 05-14, 1997.

MORAES, J. Jota de. *O Que é Música*. São Paulo: Brasiliense, 1989

MOSCOVICI, Serge. *A Psicanálise, sua Imagem e seu Público*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

_____. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

MURADAS, Atilano. *A música dentro e fora da igreja*. São Paulo: Editora vida, 2001.

NOVAES, Regina. *Juventude e Sociedade: Jogos de Espelhos*. In: *Sociologia Especial: Juventude Brasileira*. Ano I, nº. 2. São Paulo: Editora Escala, 2007.

_____. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. In: M. I. M. Almeida, F. Eugenio (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006, p.105-119.

OLIVEIRA, Adriano. *Nos caminhos da música católica*. São Paulo: Palavra e prece, 2008.

PAPA, Bento XVI. *O Espírito da música*. São Paulo: CEDET, 2017.

PERALVA, Angelina. *O jovem como modelo cultural*. *Revista Brasileira de Educação – ANPED 5 e 6*, 15-24, 1997.

PAHLEN, Kurt. *História Universal da Música*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. *Educação musical para a pré-escola*. São Paulo: Ática, 1990.

ROUSSELET, Jean. *A Alergia ao Trabalho*. Lisboa: Edições 70, 1974.

SOUZA, Erisvaldo. A Renovação da Teoria da Indústria Cultural em Prokop. In: VIANA, Nildo (Org.). *Indústria Cultural e Cultura Mercantil*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007.

SANTOS, Jean Isídio dos. Música, Capital Comunicacional e Crítica Social. In: SOUZA, Erisvaldo (Org.). *Música e Sociedade no Brasil*. Curitiba: Prismas, 2018.

SILVA, Carla. LOPES, Roseli. *Adolescência e Juventude: Entre conceitos e Políticas Públicas*. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/viewFile/100/65>. Acesso em: 28 de julho de 2018.

STEFANI, Gino. *Para entender a música*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

TRAGTENBERG, Maurício. *Educação e Burocracia*. São Paulo: UNESP, 2012

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. *A educação do homem segundo Platão*. São Paulo, Paulus, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: 34, 1998.

VALÉRIO, Gislaine de Lima Tedesco & CONCEIÇÃO, Adelbiane Campos. *Guia do Patrimônio Cultural Barro Alto Goiás Brasil*. Barro Alto: Anglo American e Ambiência consultoria, 2016.

VIANA, Nildo. *A Dinâmica da Violência Juvenil*. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

_____. (Org.). *Indústria Cultural e Cultura Mercantil*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007.

_____. *Os Valores na Sociedade Moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. *Senso Comum, Representações Sociais e Representações Cotidianas*. Bauru-SP: Edusc, 2008.

_____. *A Pesquisa em Representações Cotidianas*. São Paulo: Chiado, 2015.

_____. *Juventude e sociedade. Ensaios sobre a condição juvenil*. São Paulo: Giostre, 2015.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA INTERPRETATIVA

PARTE I – Informações Pessoais

Nome:

Idade:

Emprego:

Profissão:

Renda Mensal Pessoal:

Renda Mensal Familiar?

Quantas pessoas moram em sua residência? Qual profissão e escolaridade dos familiares?

Possui casa própria?

Possui Carro?

Possui Computador?

Tem acesso à Internet?

Tem filho ou filha? Quantos?

PARTE II – Informações Biográficas

Qual cidade nasceu?

Caso tenha mudado de cidade, qual foi o motivo?

Em que bairro mora atualmente?

Fale sobre a história da sua formação escolar.

PARTE III – Informações Culturais

Participa de alguma religião ou igreja? Qual?

Como você se define politicamente?

O que para você é mais importante na vida?

Qual é o seu grande sonho?

Quais são os seus ídolos (personagens, ídolos, artistas (cantor e cantora), intelectuais)?

Qual sua música preferida?

Qual o gênero musical que mais gosta (rock, sertanejo etc)?

Que músicas são mais ouvidas pelo pessoal de sua casa?

Você acha que existe um sentido na vida? Se sim, qual?

Cite as coisas que mais gosta.

Cite as coisas que menos gosta.

Qual é seu lazer?

Qual tipo de arte mais gosta? Cite exemplos.

PARTE IV: Informações Semiconscientes

A – Suponha que você tenha dormido e tido o seguinte sonho: você estava em um show, e estava no palco ao lado e acompanhando o seu cantor (a) preferido. O que você sentiria nesse contexto? E após acordar, o que você sentiria percebendo que era apenas um sonho?

B – Você chega a uma loja de discos. O vendedor vem te atender e mostra os discos que são lançamentos e estão tocando nas emissoras de rádio e também na TV. Você se lembra que algumas daquelas músicas são ouvidas pelos seus amigos e são muito divertidas. Como você se posiciona diante do vendedor? E se você fosse o vendedor, o que indicaria para o cliente comprar?

D. Pense na sua música preferida.

1. Agora descreva qual é a sensação, sentimento que ela te provoca?

2. Pode dizer qual é a música?

3. Porque acha que ela te provocou esta sensação?

C – Há um livro com o título “Arrepios: os contos de Eduardo de São José Simões”, e nele há o seguinte conto:

Isidora Albuquerque desde menina tinha um sonho. Seu sonho era ser uma cantora de sucesso. Ela tinha a voz e o jeito de cantora de sucesso. Desde muito pequena que participava em concursos de pequenos cantores e até ganhou alguns, mas agora que era adulta a sua voz tinha mudado e já não era tão bela como era quando criança. Isidora adotou o nome artístico de Vandinha. Ela mandou as músicas que gravava em casa para os estúdios, mas apenas um pequeno estúdio aceitou lançar e promover o seu disco. Depois de lançado o disco até despertou a atenção de algumas pessoas, mas logo perderam o interesse. Vandinha fazia música num estilo religiosa. Como seria de esperar não teve muito sucesso entre os jovens. A gente sabe que para a música de alguém fazer sucesso tem que agradar aos jovens pois são eles os que mais compram e ouvem as músicas. A música de Vandinha era religiosa e não foi bem aceita. Em decorrência disso a carreira de Vandinha antes de começar já estava no fim. Vandinha estava desolada no seu quarto pensando em sua situação tentando encontrar um caminho a seguir. Enquanto estava no quarto uma grande gravadora ouviu a voz de Vandinha e ficou interessada, mas para gravá-la e contribuir para o seu sucesso Vandinha teria que gravar um disco com outro gênero musical, que não fosse música religiosa.

1. A partir desse conto, o que você pensa da situação de Vandinha?

2. O que você diria para a Vandinha para motivá-la a continuar no mundo da música?

3. Se você tivesse no lugar de Vandinha e tivesse que optar entre continuar com a música religiosa ou gravar músicas de sucesso, o que faria?

PARTE V: Informações Representacionais

1. O que é para você uma boa música?

2. E uma música ruim?

3. No seu celular ou em casa, quais os gêneros e músicas que estão em sua playlist, ou seja, as músicas que você mais ouve quando está descansando?

4. Se um amigo pedisse uma sugestão de música, qual sugeriria para ele ouvir?

5. Suponhamos que você seja um (a) compositor (a) de música, qual o tema que você escolheria para compor e em qual gênero musical? Justifique.

6. O que você pensa sobre as músicas religiosas que você tem contato na igreja ou em outro lugar?

7. E o que você pensa sobre a música de sucesso?
8. Qual é melhor, a música religiosa ou a música de sucesso? Justifique.
9. Quando é que costumar ouvir músicas religiosas?
10. Tem alguma que é sua preferida? Porque gosta desta música?
11. Você tem esta música no celular e a ouve no cotidiano ou só na igreja?
12. Qual a sensação que esta música te provoca? Pode descrever?
13. Acha que a música religiosa ensina alguma coisa? O quê?
14. O que mais gosta em uma música religiosa?
15. Tem alguma crítica às músicas religiosas? O quê?
16. Para você, para que servem as músicas religiosas?
17. Você acha que a música religiosa influencia em alguma coisa na sua vida? No quê?
18. Gostaria de dizer algo mais sobre a música religiosa que não perguntamos ou ressaltar algo?